

Diário de Lisboa

FUNDADOR: JOAQUIM MANSO DIRECTOR: A. RUELLA RAMOS
QUINTA-FEIRA, 1 DE OUTUBRO DE 1970 N.º 17 163 ANO 50.º PREÇO 1\$50

Nós e o Mundo
em
**MESA
REDONDA**

suplemento das sextas-feiras



Milú regressa ao teatro para actuar na «Casa das Cabras» (Página 5)

O PAÍS PODIA TER JÁ POUPADO UM MILHÃO DE CONTOS

Falta uma escola de engenharia têxtil

PORTO, 1 — Com destino á comissão organizadora do Colóquio sobre Desenvolvimento Socio-Económico da Zona da Cova da Beira, que decorre na Covilhã, foi enviada pelo Gabinete de Estudos Superiores dos Contabilistas pelos Institutos Comerciais do Porto uma extensa exposição da qual damos os seguintes passos:

«Pela nossa própria experiência e perfeito conhecimento de toda a sua problemática, não devemos deixar passar a oportunidade para deixar bem fri-

sado que o nosso designado «Ensino Médio-Especial» deve ser extinto, de uma vez para sempre, como acaba de decidir a vizinha Espanha, em sessão das suas cortes de 26 de Junho último, fazendo ingressar os seus 80 mil estudantes do ensino médio na universidade, em escolas universitárias. E, portanto, talvez não tenham os espanhóis apregoado, aos quatro ventos, uma «democratização do ensino»...

«Deste modo, a Espanha poderá apresentar, dentro em breve, nas suas estatís-

ticas, hoje muito analisadas, um numero de estudantes universitários que oferecerá, sem duvida, apreciável garantia de boa

e moderna formação especializada da juventude aos «investidores estrangeiros» — particularmente dos mais importantes que os

«técnicos» do nosso Ministério da Educação parecem dispostos a ignorar.... sem

(Continua na 6.ª página)

«RALLYE» TAP: 53 CONCORRENTES PARTIRAM DE LISBOA

O lado sul da alameda do Parque Eduardo VII foi cenário, uma vez mais, do ambiente emotivo, cheio de colorido, da partida para uma grande prova automobilística. Desta vez, o VI «Rallye» Internacional TAP, a competição portuguesa que, até ao momento, ganhou maior projecção no estrangeiro, a ponto de, já este ano, ser incluído no Campeonato Europeu de «Rallyes».

Muito público (todavia, menos que em 1969) foi assistindo á saída dos carros, cujas partidas — dadas de um «podium» especialmente montado para o efeito — se sucederam á cadência de um por minuto.

Presentes, nos momentos iniciais da prova, em Lisboa, o subsecretário de Estado da Juventude e Desportos, o presidente da Câmara Municipal

de Lisboa, várias outras entidades oficiais e o dr. Vaz Pinto, presidente do conselho

(Continua na 8.ª página)



Para cerca de 400 mil jovens alunos do ensino secundário começou hoje o ano lectivo de 1970-71 — embora ainda não houvessem principiado as aulas, o que só amanhã acontecerá. Ver a distribuição por turnos e os respectivos horários foi a ocupação desta manhã para muitos que se deslocaram aos estabelecimentos de ensino que vão frequentar e onde hoje se efectuaram sessões de abertura (Pág. 8)

CAIRO: CIDADE NEGRA ENQUANTO DECORRE O FUNERAL DE NASSER

CAIRO, 1 — (R.) — Começou o funeral do presidente Nasser. Um helicop-

tero do Exército com o corpo do falecido estadista sobrevooou os telhados e minaretes do Cairo á vista de milhões de egípcios chorosos que se comprimiam nas ruas.

Do palácio de Kubbah, onde estava em camera ardente, o corpo de Nasser seguiu no helicóptero militar escoltado por mais quatro até pousar suavemente entre as palmeiras dos terrenos do palácio, no Nilo, onde um armão o aguardava.

A capital egípcia, de luto pesado pelo presidente Nasser é hoje uma cidade negra: as mulheres vestem de negro e os homens usam fumos na lapela ou nos bra-

(Continua na 19.ª página)



Entre as 53 equipas que partiram de Lisboa figurava uma formada pelo eng.º Eric Maccário e dr. António Pedro Ruella Ramos, director do nosso jornal e do semanário «Motor». A foto regista a partida da referida equipa

O «Diário de Lisboa»

no «Rallye» TAP

Para a cobertura de uma prova de tanta importância, como este IV Rallye Internacional TAP, o nosso jornal fez deslocar várias equipas de reportagem constituídas por Avelãs Coelho e Augusto Vilela, tendo ainda a colaboração de Adriano Cerqueira, Maria do Céu e Domingos Piedade.

A reportagem conta com o apoio publicitário da Co-equipa — GULF, que também tem em prova uma equipa de corredores.

HOJE 32 PÁGS.
VISADO
PELA CENSURA

DE ONTEM PARA HOJE

A OPERAÇÃO SAUDADE

Ontem à tarde, a presidente do Movimento Nacional Feminino, D. Cecília Suplico Pinto, reuniu-se com um grupo de representantes dos órgãos de Informação, no primeiro aniversário da «Operação Saudade», agradecendo a todos que lhe deram a sua colaboração: «Ao público, em primeiro lugar: a sua espantosa adesão merece o nosso reconhecimento; aos srs. ministros da Defesa e do Interior, com o seu apoio constante; aos srs. comandantes-chefes de Angola, Guiné e Moçambique, que, tendo aceite o encargo de escolherem os militares que mereciam ser distinguidos com o nosso prémio e não se poupando a todos os esforços que daí resultaram; ao sr. governador civil de Lisboa, sempre atento e colaborador; aos drs. Lino Neto e Correia da Fonseca na forma como aceitaram o nosso sorteio e como o tornaram possível através de toda a rede de agências do Totobola; as administrações da TAP e da DETA, na inextinguível boa vontade com que atenderam os nossos pedidos e na forma como colaboraram nas inúmeras dificuldades que nos ajudaram a resolver; à Movierecord Portuguesa, que ofereceu a inclusão diária dos nossos filmes, nos seus blocos publicitários; às emissoras de todo o País e à maioria dos nossos jornais, que incluíram nos seus noticiários os «spots» e os anúncios da «Operação Saudade»; à Cidra, cuja rede de agentes colaborou valiosamente na venda de senhas; à Sacor, que de igual modo nos apoiou; às grandes empresas, que resolveram o nosso problema de sobras; ao sr. Fonseca, da Guiné, que ofereceu todas as refeições aos militares da «Operação Saudade», enquanto aguardavam avião em Bissau; e a todos os anónimos, que não há forma de poder mencionar.»

A FEIRA POPULAR

Encerrou, ontem, a Feira Popular. Muita animação no último dia, e aumentada, ainda, com o sorteio de prémios de vinho, aspiradores, rádios e outros artigos. O produto da Feira Popular, como é sabido, destina-se à Colónia Baía da Infância do «Século».

FOGO NA FÁBRICA

Em Parada de Gonta, perto de Tondela, violento incêndio se manifestou na Fábrica de Fiação Têxtil Beiral pertencente ao sr. Alfredo Faria Correia Teles. O fogo destruiu praticamente a fábrica, sendo os prejuízos calculados em cinco mil contos.

NOVOS ENFERMEIROS

A Escola de Enfermagem Artur Ravara esteve, ontem, em festa. Foram graduados os novos enfermeiros do curso geral. Ao todo 37, dos quais 26 do sexo feminino e os restantes do sexo masculino. Presidiu à sessão o secretário de Estado da Saúde, prof. Gonçalves Ferreira.

CASAMENTO NO HOSPITAL

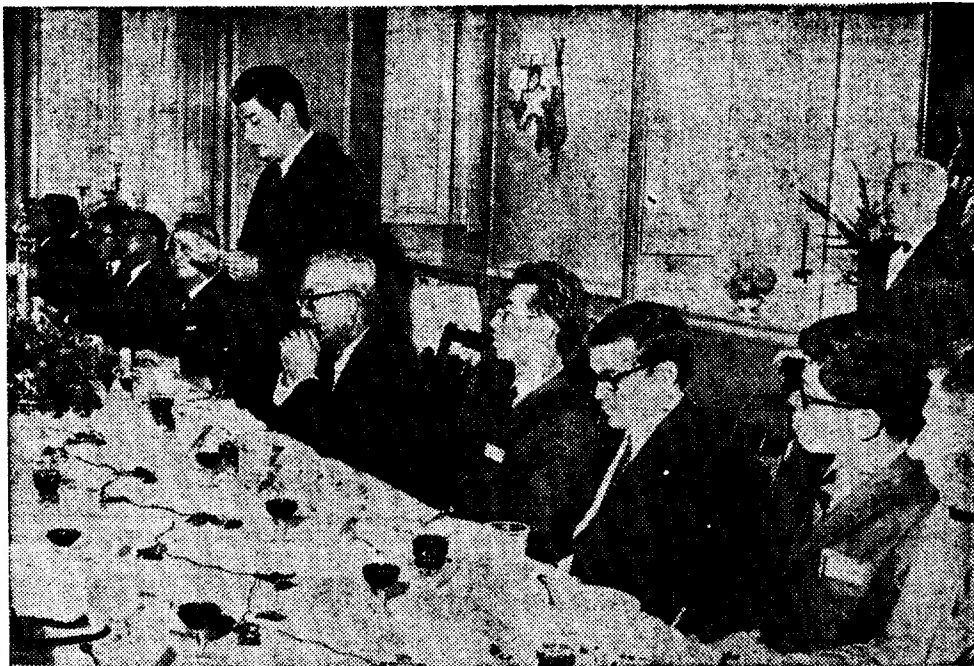
No hospital de Castelo Branco foi internado o sr. Rafael da Silva Amaro, de 24 anos. Sofrera um desastre de automóvel entre Juncal do Campo e aquela cidade. Noivo, tinha aprazado o casamento e lá buscou fado, quando o desastre se deu. Na capela do hospital se celebrou a cerimónia, tendo-se ali deslocado a noiva e os convidados.

NEM OS BURROS ESCAPAM

Não tem bons fígados Maurício Castro Fernandes, de 40 anos, de Barraginhas, perto de Oitão. Roubou dois burros e esfolou-os. Os animais pertenciam a feirantes daquela vila, e ele queria vender a carne para alimentação dos animais do circo. Os feirantes queriam linchar o ladrão de que a P. S. P. tomou conta, detendo-o.

MUNICÍPIO DE BRAGA

No edifício do Governo Civil de Braga tomou ontem posse o novo presidente do Município daquela cidade, eng.º Alberto José do Vale Rêgo Amorim. Assistiram muitas personalidades do distrito e da cidade.



O dr. José Manuel Passeiro, administrador do Banco Nacional Ultramarino, no momento em que proferia o seu discurso

Reafirmados os contactos (estabelecidos na Expo-70) entre o Banco Nacional Ultramarino e a Câmara de Comércio e Indústria de Osaka

Na Cozinha Velha, em Queluz, o Banco Nacional Ultramarino ofereceu ontem, um almoço à missão comercial japonesa, organizada pela Câmara de Comércio e Indústria de Osaka, que hoje deixa o nosso País, após uma visita de três dias.

Assistiram ao almoço, o dr. José Manuel Passeiro, administrador do Banco Nacional Ultramarino, director da mesma instituição bancária, o dr. Vieira de Almeida, administrador do Banco Português do Atlântico e o conselheiro comercial da Embaixada do Japão em Lisboa, sr. Ueno.

Aos brindes, o dr. José Manuel Passeiro, afirmou: «É motivo para mim de muito orgulho ter a oportunidade de neste momento, em nome do Banco Nacional Ultramarino e no meu próprio, saudar a primeira missão económica japonesa privada a Portugal, vinda da grande cidade de Osaka.

«Muito nos honramos pelo facto e muito satisfeitos estamos por termos contribuído de algum modo para que possamos ver V. Ex.ª aqui hoje, e para que possamos ver aqui em Portugal representantes de quase todos os grandes grupos económicos japoneses.

«É realmente motivo de muita satisfação para nós, verificarmos que os esforços que temos vindo a desenvolver de há alguns anos a esta parte, estão a começar a provocar resultados práticos»

«E mais adiante: «Na realidade, a indústria portuguesa acolhe, com agrado, capitais e tecnologias de países estrangeiros, concedendo a legislação portuguesa toda uma série de garantias quanto ao repatriamento para os países de origem, de juros, dividendos, etc.

Por outro lado, estão as autoridades governamentais portuguesas fomentando a criação de um núcleo de in-

dústrias capazes de enfrentar a concorrência dos mercados externos e dirigidas essencialmente a esses mercados.»

A concluir, afirmou o dr. José Manuel Passeiro:

«Finalmente saliento a função geográfica-económica. Portugal tem o seu território europeu integrado numa zona de comércio livre — a E. F. T. A. — onde os produtos industriais de origem nacional gozam de um regime aduaneiro especial. Não pagam direitos aduaneiros na Suíça, Inglaterra, Áustria, Noruega, Suécia, Dinamarca e Finlândia.

«A possível entrada de alguns destes países no Mercado Comum e a eventual negociação de um esquema especial para outros não virão de certo a alterar a actual situação já existente entre eles.

Saliento, finalmente, a especial posição das províncias ultramarinas portuguesas, territórios cheios de potencialidades e riquezas energéticas, minerais e de mercado, que poderão ter uma grande importância para o Japão, país ávido de matérias-primas e novos mercados.»

Agradeceu o chefe da missão comercial japonesa, sr. Hachiro Murai, que manifestou ao Banco Nacional Ultramarino e ao Banco Português do Atlântico, o seu reconhecimento pela hospitalidade e pela assistência prestada à missão durante a visita.

O bom acolhimento — prosseguiu o sr. Hachiro Murai —

e o cenário repousante dos arredores de Lisboa, faziam esquecer todas as fadigas vividas desde a partida de Tóquio. Sublinhou a terminar que a estadia não fora apenas agradável, mas sobretudo frutuosa.

Terminado o almoço, os componentes da missão japonesa, deixaram Queluz a caminho de Pero Pinheiro, para a primeira das duas visitas que lhes haviam sido preparadas pelo Banco Nacional Ultramarino.

Na empresa «Mármore de Condado», S. A. R. L., os visitantes foram recebidos pelo sr. Hermann Krippahl, director da empresa, que expôs detalhadamente aos visitantes os vários tratamentos a que são submetidos os mármore até ao aparecimento do produto final.

Os visitantes estiveram depois na Adega Cooperativa de Dois Portos, acompanhados, como na visita anterior, por representantes do Banco Nacional Ultramarino e da Marubeni Iida. Presente também o conselheiro comercial da Embaixada do Japão.

Receberam a missão japonesa os srs. Ernesto Gomes Ferreira, José Manuel Milícias e José Ramalho Belchior respectivamente presidente, gerente e tesoureiro da Adega.

Com o crescente alargamento do mercado de vinho do Japão, a visita revestiu-se do maior interesse. Os representantes dos grupos económicos japoneses foram informados em pormenor do processo de fabrico dos vários tipos de vinho.

VÁ COM

motor

AO 4.º RALLYE TAP

UM NÚMERO ONDE ENCONTRARÁ TUDO, SOBRE A MAIS IMPORTANTE PROVA DE ESTRADA DO CALENDÁRIO NACIONAL

- ITINERÁRIO
- HORÁRIOS
- LISTA DE CONCORRENTES
- LOCAIS DE CONTROLE

SAIU HOJE

CARTÃO DIPLOMATA

O mais distinto bilhete de visita em relevo executado em placa de cobre ou cunho de aço de absoluta necessidade em praxes protocolares para pessoas de distinta condição social bem como de bom gosto

ANIBAL GRAVADOR

A casa que melhor trabalha
Rua Nova do Almada, 64
LISBOA

Administração

de Propriedades

BANCO DO ALENTEJO

EXTERNATOS

PARA MAIORES
DE 18 ANOS

CRISFAL

MANHÃ
TARDE
NOITE

AV. DA REPÚBLICA, 83 — TEL. 77 90 47 - 76 96 20

LICEU — CICLO PREPARATÓRIO

O ensino em discussão na Conferência da UNESCO

PARIS — A próxima conferência geral da UNESCO, cujas sessões começarão no dia 12 de Outubro, estudará, entre outros pontos, uma informação do Comité Misto UNESCO-OIT sobre a aplicação da recomendação internacional relativa à situação do pessoal docente. Os peritos que fazem parte desse comité misto prepararam uma informação que contém o essencial

das respostas dadas por 77 Estados membros a um extenso questionário, e, nas suas conclusões, faz-se notar que «embora a situação tenha melhorado um pouco no ensino primário, confirmam-se ainda as tendências encontradas em 1962 e em 1966 sobre escassez do magistério e estamos muito longe de ter resolvido o problema». — (Continua na pág. 19)

CONGRESSO INTERNACIONAL DE HIDROLOGIA E CLIMATOLOGIA MÉDICAS

30 de Setembro a 3 de Outubro



Banco Borges & Irmão
Estoril

câmbios change exchange wechsell

NOTA

COBRAR E REDISTRIBUIR

NO LONGO DISCURSO de domingo, que nos parece ter sido o mais longo dos que o Prof. Marcello Caetano pronunciou desde que assumiu a presidência do Governo, para além dos aspectos relativos à metodologia política, de que já referimos o que nos pareceu essencial, fica um variado índice de capítulos onde se faz a abordagem de temas relativos à acção governativa. Pela ordem, podem referir-se o ultramar, agricultura, comércio e indústria, moeda e crédito, Portugal e a Europa e, finalmente, essa espécie de doença do ambiente, b:otoeja mundial que, embora com várias características locais, passou a ser universalmente designada pela «contestação».

Do ultramar já se sabe que permanece uma das grandes condicionantes de tudo quanto acontece e mais se desejaria ver acontecer neste País. Custa-nos «somos muito importantes e a mobilização de muitos milhares de homens», mas, à parte isso, «nem sequer a carga fiscal é igual ou superior à de muitos países europeus onde não existem tão grandes encargos militares». E aqui está uma verdade com a qual muita gente ficará surpreendida ou disposta a não acreditar. Não obstante, é verdade, aritmeticamente verdade, parecendo útil que o País o ouça dizer, disso tome conhecimento e consciência, para o que der e vier, tanto mais que a advertência veio: «as perspectivas não anunciam alívio».

Esta é uma face da moeda, a que o Chefe do Governo oferece ao País. Mas quando o País ouve o Chefe do Governo dizer vejam lá tenham cautela, fiquem sabendo que pagam poucos impostos, nos outros países paga-se mais, entre as pessoas que já sabiam e as pessoas que não acreditam, onde é que estão as pessoas que saibam entender o que é que isto quer dizer? Na verdade, as taxas fiscais são até relativamente moderadas. No «complementar», que é por cá o correspondente à «income tax», ou imposto do rendimento, a progressividade da taxa está longe de atingir o ritmo praticado nos anglo-saxónicos ou escandinavos. Haja sossego para quem o tem.

Mas daí, dessa situação, que é o que resulta? Qual é a outra face da medalha? Quando o País ouve o Governo dizer-lhe que os impostos são baratos, o que é que o Governo espera que o País lhe diga? Porque essa verdade tem resposta. E a resposta dá-se com outra pergunta ou outra série delas: o que é que nós temos até agora instituído como sistemas de saúde e de previdência? Sabemos que se têm anunciado algumas coisas e feito outras, mas em que dimensão a partir de perto do zero em que temos estado? E estávamos apenas a falar em encargos ditos fiscais, porque há toda uma segunda carga de imposições, classificadas de para-fiscais, em que empregados e patrões tudo paga para o sector.

E para além disso, que dizer da educação? Quanto é que ela custa entre nós, de que qualidade, e o que é que ela custa nos tais outros países europeus onde os impostos são mais elevados que entre nós? Porque os impostos são a fonte de receita com que se faz mover toda a máquina do Estado e pagava-se naturalmente pouco quando se pensava que o Estado era apenas o aparelho da ordem pública, o Estado-gendarme, como se escrevia e dizia. Mas hoje é todo um mecanismo de serviços que se requerem cada vez mais numerosos e aperfeiçoados. Quer dizer, o cidadão paga ao Estado para que o Estado lhe devolva em serviços. É bom não esquecer.

Temos de acabar com a choradeira de que o País é pobre. Temos de revelar imaginação, procurar caminhos de trabalho útil, encontrar e valorizar os recursos de que dispomos, escolher, aprender, fazer. Mas aí, aí as nossas «forças vivas», as nossas actividades económicas, que pensar delas? Que pensar da nossa agricultura, do nosso comércio, da nossa indústria? Infelizmente não se pode pensar grande coisa. E aí não foi benévola a avaliação do Chefe do Governo ao apontar a «outra condicionante» da política nacional: «Uma economia caracterizada pela escassez de iniciativa, pela timidez dos capitais, pela falta de quadros e por uma excessiva dependência do Estado». Quem é que dá corda ao despertador que nos faça acordar de tudo isto?

NOVO CASINO ESTORIL

SALA DE JOGOS
TODOS OS DIAS DAS 10 AS 4 HORAS

"SLOT MACHINES"

MACHINES LIVE
MAJORITY DE JOGOS

BERTICE READING

VEGETA NORTE-AMERICANA da CANÇÃO

FREDIANI BROTHERS

ACROBATAS E FANTASISTAS

TEREZINHA ALVES

com ANTÓNIO LUÍS GOMES e RAUL SILVA

Les Ballets de PIERRE FRANCK

em

Folies Royales

PRODUÇÃO DE
PIERRE FRANCK E PERRY MCCANN

JIRINÁS COMBO

FILARMÓNICA FRAUDE

FERRER TRINDADE e sua orquestra

NO GRANDE SALÃO RESTAURANTE
AS 23.30 H MAIORES DE 17 ANOS

NO WONDER BAR A 1.00 H
MAIORES DE 21 ANOS

GILDA PEARL

SO NO WONDER BAR

NO CINEMA
As 17 e 21.30 h.
O ANORMAL
(M. 17 anos)

HOJE — ESTREIA — NO EDEN

O MAIOR ACONTECIMENTO DESPORTIVO DO ANO

TODA A GAMA DAS EMOÇÕES HUMANAS!



OFILME OFICIAL DOS XIX JOGOS OLIMPICOS

MAIORES DE 12 ANOS ★ Excl. IMPERIAL FILMES EXIBIDO COM O PATROCÍNIO DA EMBAIXADA DO MÉXICO ★ COMENTÁRIO EM PORTUGUÊS

VILA FRANCA DE XIRA

M/ 6 ANOS

GRANDIOSAS CORRIDAS DE TOIROS

POR OCASIÃO DA GRANDE FEIRA ANUAL

DOMINGO 4 DE OUTUBRO AS 16,30 H.

CAVALEIROS

**MANUEL CONDE — DAVID R. TELLES
FERNANDO ANDRADE SALGUEIRO**

FORCADOS AMADORES DE LISBOA
DE NUNO SALVAÇÃO BARRETO
FORCADOS AMADORES DO RIBATEJO
DE JULIO PARENTE DE ALMEIDA

6 PODEROSOS TOIROS DE JULIO BORBA (HERD.)

2.ª-FEIRA 5 DE OUTUBRO AS 16,30 H.

CAVALEIROS

MESTRE BATISTA—GUSTAVO ZENKL

ESPADAS

JOSÉ JÚLIO — JOSÉ SIMÕES

FORCADOS AMADORES ACADÉMICOS DE VILA
FRANCA DE XIRA

CABO — MIGUEL PALHA VAN ZELLER

4 TOIROS DE JORGE TOMAS DA COSTA

4 TOIROS DE PAULINO DA CUNHA E SILVA (HERD.)

3.ª-FEIRA 6 DE OUTUBRO AS 21,45 H.

M/ 12 ANOS

CAVALEIROS

MESTRE BATISTA — J. SAMUEL LUPI
O TRIUNFADOR DA ÉPOCA — FINALMENTE
EM PORTUGAL

ESPADAS

MANOLO CORTÉS — MÁRIO COELHO

A extraordinária figura de toureiro espanhol O fino toureiro de Vila Franca

FORCADOS AMADORES DE LISBOA
CABO — NUNO SALVAÇÃO BARRETO

4 TOIROS DE JOÃO BRANCO NÚNCIO

4 TOIROS DE PINTO BARREIROS (HERD.)

4.ª-FEIRA 7 — GRANDIOSO ESPECTÁCULO
TAURINO

EMOCIONANTES ESPERAS DE TOIROS, AS 10.30 H.

BILHETES — AG. ABEP — RESTAURADORES — TABACARIA
FREITAS — 1.º DEZEMBRO 85 — E EM VILA FRANCA
NOS LOCAIS DO COSTUME

Concurso Hipico Internacional Oficial de Lisboa 1970



SÁBADO 3

Prova N.º 1 — BANCO FONSECAS & BURNAY

— Tabela A com cronómetro.

Prova N.º 2 — CERVEJA SAGRES

Patrocinada pela Sociedade Central de Cervejas

— Tabela A sem cronómetro — 1 Barrage

DOMINGO 4

Prova N.º 3 — «JOAQUIM MOUZINHO DE ALBUQUERQUE»

Patrocinada pela SACOR

— Tabela A mista — 1 barrage

Prova N.º 4 — «Companhia de Seguros A MUNDIAL»

— Escolha o seu percurso.

AS PROVAS INICIAM-SE AS 13 HORAS

HIPÓDROMO DO CAMPO GRANDE

COLISEU

HOJE, AS 21.30

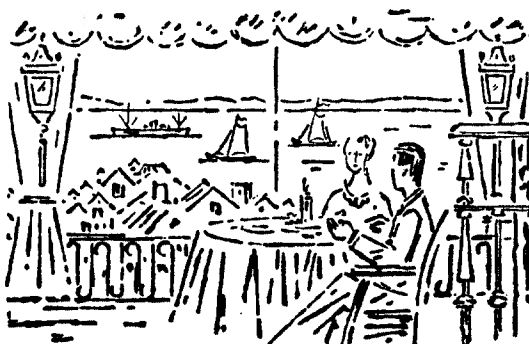
(Maiores de 6 anos)

COMPANHIA INTERNACIONAL DE CIRCO

As maiores atrações
Numeros de sensação
PALHAÇOS

Em ALCOBACA o «DIÁRIO
Conde, R. Vasco da Gama, 12.
DE LISBOA» é vendido por José
Conde, R. Vasco da Gama, 12.

Varanda do Chanceler



**AMANHÃ
RESERVADO
AO
JANTAR**

Externato Liceal e Técnico Arquimedes

Rua Marques de Silva, 99-2.º — Telefone 532702

Líceus — Admissão Instituto — Seções Preparatórias

Cursos intensivos — Abertas as inscrições

MILÚ DE NOVO NO TEATRO

Milú vai reaparecer no Teatro. Será na final deste mês, no Teatro Monumental. Após o seu regresso do Brasil, será este o primeiro trabalho no palco da popular actriz que, entretanto, reaparecera já no cinema.

— Certo. Vou reaparecer contratada pelo Vasco Morgado, como protagonista de «A Casa das Cabras» («La casa de las chivas», no original), de Jaime Salom.

O contrato foi combinado pelo telefone (Vasco Morgado está em África, regressa no sábado) e Milú começou já a ensaiar, com grande entusiasmo.

— Estou satisfeita. É um papel muito bom e, também, uma grande responsabilidade. Mas ainda bem. Prefiro assim, pois não enjento as dificuldades e riscos. Assim, o trabalho tem o seu devido mérito.

«A Casa das Cabras» é um dos grandes êxitos da cena no país vizinho. Entre representações em Madrid e Barcelona está há dois anos no cartaz, facto que se verifica pela primeira vez na história do teatro espanhol.

Milú não tem projectos teatrais para depois de «A Casa das Cabras».

— Não. Prefiro não ser contratada a longo prazo (teria, então, de representar tudo o que me entregassem). Prefiro sê-lo peça por peça, analisando e estudando o que me convém e interessa ou não.

No Teatro, Milú representou já «A Irmã S. Sulphito», com Alves da Cunha e «Gigi». Agora regressa com «A Casa das Cabras».

Pormenor curioso: contracenando com ela, no papel de sua irmã, estará Guida Maria que, criança ainda, aparecera ao lado de Milú, no último filme que esta rodou em Portugal, antes da ida para o Brasil.

Casou-se a locutora Maria João de Aguiar

A locutora Maria João de Aguiar casou-se ontem com o sr. Fernando de Carvalho, agente do tráfego de uma companhia aérea.

A cerimónia efectuou-se na residência dos pais da conhecida locutora da R. T. P., tendo decorrido o copo-de-água na Galeria Real, em Sintra.



todas as noites às 21.45 horas

Teatro Maria Matos

HOJE À NOITE
tal como nas tardes
de sábados
PREÇOS POPULARES
BALCÃO: 10\$, 15\$ e 30\$00
PLATEIA: 30\$00 e 50\$00
11 ÚLTIMOS DIAS
antes da partida para o
FESTIVAL DE TEATRO
DE MADRID
A DIVERTIDÍSSIMA SATIRA

A RELÍQUIA

de QUEIROZ
TODAS AS NOITES
ÀS 21.45 HORAS
Sábados e Domingos
também às 16 horas
AR REFRIGERADO
(Maiores de 17 anos)

ISTO É UM ÊXITO!

56.490 espectadores “deliraram” nas 3 primeiras semanas com a fabulosa comédia



Peter Sellers

Ursula Andress

Peter O'Toole

Romy Schneider

Capucine

Paula Prentiss

Woody Allen



e...como é lógico
a mais louca comédia do ano
continua em

4ª SEMANA

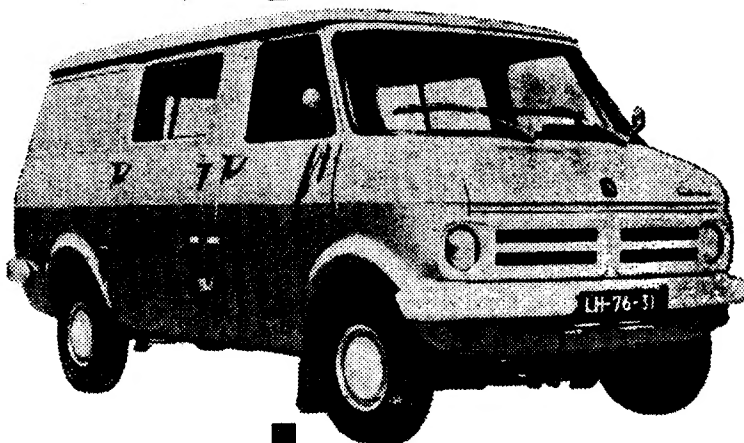
no



O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhos, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marquês de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Azenha, a partir das 19 e 30, e na tabacaria do Bar-Restaurante do Aeroporto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.

PART-TIME

Licenciado em Direito oferece-se às empresas e casas comerciais para qualquer serviço compatível.
Resposta ao: Apartado 1116 — LISBOA-1.



CONCESSIONÁRIA DA GENERAL MOTORS

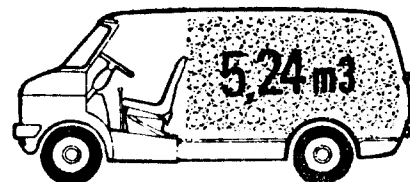
FURGÕES BEDFORD CF

- cargas úteis até 1270 kg.
- modelos a gasolina e a gasóleo
- travões assistidos por servo-freio
- distância do solo ao estrado de carga 54 cm.

consulte a

SOREL

Rua Tomás Ribeiro, 97-A
Rua Filipe Folque, 12 — Telef. ppca 56 34 41
Rua D. Luiz I, 28 — Telef. 66 27 55 — LISBOA



FALTA UMA ESCOLA ESPECIAL DE ENGENHARIA TÊXTIL

(Continuação da 1.ª página)

se preocuparem com as suas enormes e graves consequências.

«Todavia, a problemática inerente aos institutos industrial e comercial, muito complexa e subjugada aos males do nosso tradicional falso «doutorismo» — parece — ainda não teria encontrado adequada solução. Recordemos que aos institutos industriais, há 22 anos, foram consignados, na lei objectivos de formação de especialistas para diversas indústrias, inclusivamente a têxtil (primeira indústria portuguesa em investimentos, mão-de-obra empregue e poder de exportação), sem que, passado tanto tempo, se tenha, pelo menos, «procurado fazer algo» nesse louvável sentido.

«Esquecendo aquela determinação legal, o Ministério da Educação Nacional acedeu, há dois anos, às curiosas solicitações da Faculdade de Ciências de Coimbra e criou, sem reflexão adequada, naquela Faculdade estudos de Química-Têxtil a nível de «académico» — como se tanto bastasse para preparar os técnicos superiores necessários à nossa indústria têxtil.

«Esqueceu-se — ou ignorou-se? — Que a formação de um técnico superior químico-têxtil, em toda a Europa, tecnicamente amadurecida, é formada em escolas superiores têxteis (ao nível dos nossos institutos industriais, tais como os de Barcelona, Epinal, Roubaix, Mulhouse, Gand, Reutlingen, Zurich, Milan, Manchester, etc), pois impres-

cindível se torna que nela se estudem, a par dos fenómenos químicos, todo um importante processo tecnológico mecânico — e, esta indispensável preparação complementar só é possível obter-se numa escola especial de Engenharia Têxtil, normalmente em cursos de 3 anos de estudos intensivos... Mas por cá «sonha-se» com a criação de cursos universitários de «Engenharia Têxtil Portuguesa», longos de seis anos...

Depois, ainda se diz que Portugal é um país pobre...

«Bem vistas as coisas, não se estranhará que estas observações gurjam dos contabilistas, uma vez que a tais técnicos compete determinar os lucros das empresas — que o mesmo será dizer num outro sentido inverso daquele, conhecerem, também, como poucos, a origem, a extensão e influência dos prejuízos.

A tal respeito, não será ousado afirmar-se que a falta de técnicos têxteis, preparados por os institutos industriais, como previa lei, terá causado ao País — e não sómente ao respectivo sector industrial, como muitos podem supor — mais de um milhão de contos em déficiente e mal preparados investimentos, baixa produtividade, e irregular lançamento de produção inexistente «contró-

le» de qualidade, fraca organização administrativa e comercial, etc. Depois, sugerem os contabilistas norte-nhos que se procure criar uma Escola de Engenharia Têxtil na Covilhã (e outra na zona de Guimarães), como já haviam previsto nos seus estudos preparatórios para a criação da universidade das artes e técnicas, com sede no Porto e escolas superiores disseminadas pelo País.

«No entanto, atentos os necessários investimentos para tal realização, sugerem, ainda, que sejam criadas, urgentemente, na Covilhã e Castelo Branco (e porque não em todas as capitais de distrito?)

Essas turmas que poderiam funcionar na escola técnica ou no liceu e onde seriam processados os estudos da parte do 1.º ano dos institutos que prepara para a transição ao ensino universitário. Com esta solução viável no imediato proporcionar-se-ia, regionalmente, aqueles que terminaram os seus cursos comerciais ou industriais a possibilidade de seguirem estudos no seu meio ambiente, com todas as vantagens de ordem económica e moral inerentes».

Muito movimento na abertura do novo Palácio da Justiça

Todos os tribunais do novo Palácio da Justiça de Lisboa,

ontem inaugurado, começaram já hoje a funcionar, à excepção do Tribunal de Polícia que só abrirá na próxima segunda ou terça-feira, devendo a mudança (dos processos pendentes) do velho edifício do Calhariz fazer-se até ao fim da semana.

Esta manhã, logo depois das nove horas, era já grande o movimento em todos os tribunais do novo Palácio da Justiça. No entanto, o movimento notava-se melhor na agência da Caixa Geral de

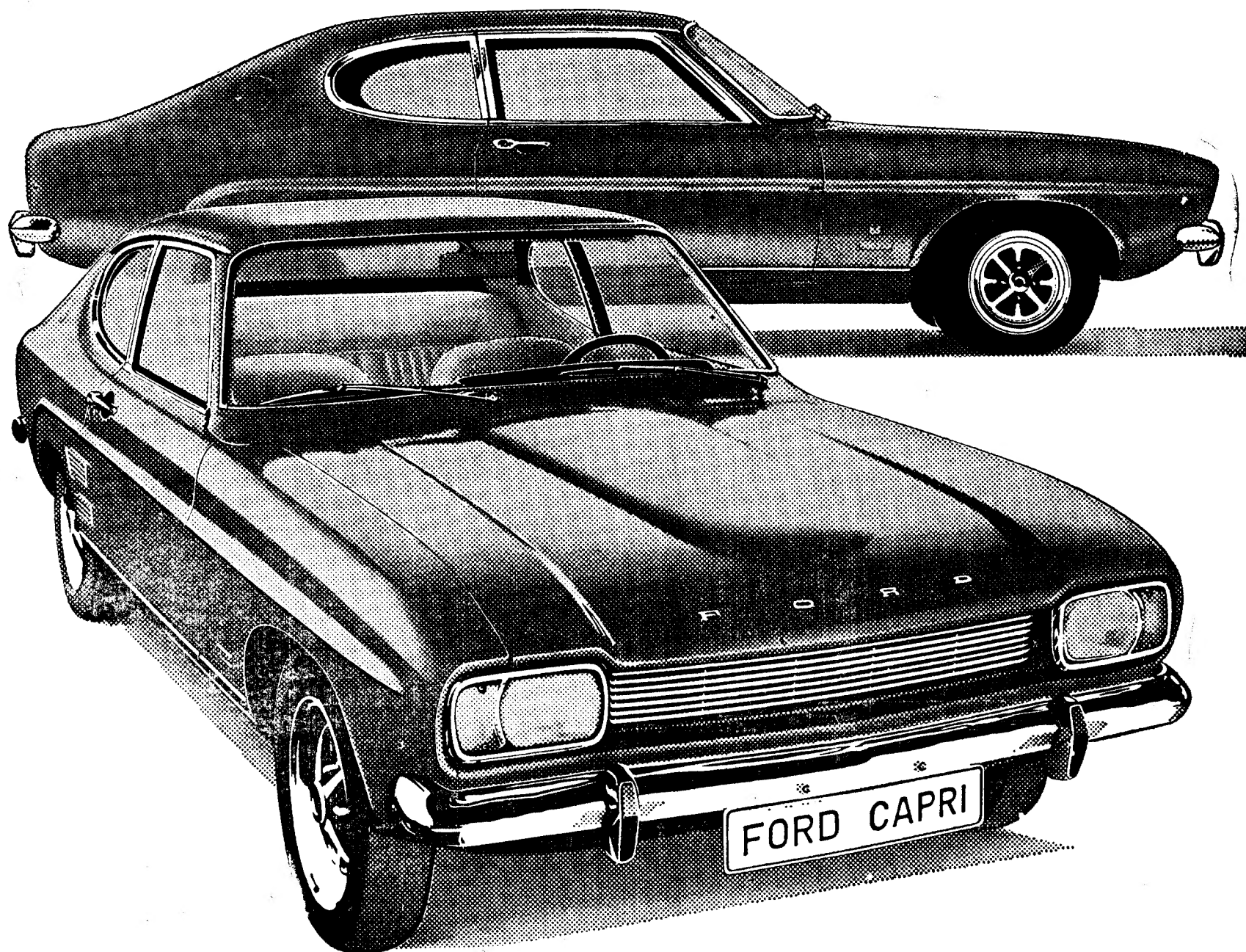
Depósitos que hoje abriu, no rés-do-chão do edifício dos Tribunais de Polícia e Execução das Penas.

A propósito da entrada em funcionamento do novo Palácio da Justiça de Lisboa, recorda-se que, na Boa-Hora, continuam a funcionar os Juízos Correccionais e os Juízos Criminais, assim como o Plenário. No Palácio da Justiça funcionam os Juízos Cíveis e Varas e os Tribunais de Polícia e Execução das Penas.

Bolsa de Lisboa

FUNDOS DO ESTADO	Estes	Compre	Vende	Ultramarinas	Estes	Compre	Vende
Consolidado 3 1/4%	—	—	500\$	Bur	80\$5	80\$	81\$
Consolidado 3%	—	—	50\$	Cabinda	—	—	230\$
Consolidado 3 1/2%	612\$	—	612\$	Damara Angola	2.49\$5	2.49\$5	2.500\$
Centenários 4%	1.440\$	—	—	El-Rey	—	—	71\$
Longa Resposta 5%	—	—	1.000\$	Imo do Príncipe	—	—	730\$
Externo Série A	—	57\$5	—	Mozambique	188\$	187\$	188\$5
Externo Série B	—	—	—	Sonete A	—	—	42\$5
Externo Série C	—	710\$	—	Sonete B	—	—	442\$
Externo Série D	—	—	790\$	Zambéze	80\$	79\$5	82\$
Externo Série E	—	142\$	—				
EMISÕES	Estes	Compre	Vende	Diversas	Estes	Compre	Vende
Agua Lisboa 5%	—	490\$	—	Alto	—	6.620\$	—
A.P. 1 5% 56	—	—	—	Alto Leiria	—	4.400\$	4.600\$
A.P. 1 5% 58	—	920\$	—	Alto Tejo	7.250\$	7.200\$	7.300\$
A.P. 1 1/2% 65	—	—	870\$	Alto Navegação	—	1.44\$5	—
A.P. 1 1/2% 67	—	—	—	C.U.F.	—	1.520\$	—
A.P. 6%	—	—	—	Ind. Alentejo	—	—	850\$
A.P. 6% 68	—	940\$	960\$	Nac. Navegação	3.750\$	3.720\$	3.770\$
A.P. 6% 69	—	830\$	—	Porto de Lisboa	—	1.710\$	—
A.P. 6% 70	—	850\$	—	Porto de Colónias	1.400\$	1.400\$	1.420\$
A.P. 6% 71	—	780\$	—	Porto de Ceilão	4.100\$	4.080\$	4.120\$
A.P. 6% 72	—	—	—	Porto de Pesca	—	—	1.080\$
A.P. 6% 73	—	—	—	Porto de Tabacos	712\$	711\$	713\$
A.P. 6% 74	—	—	—	Sacar	4.600\$	4.570\$	4.650\$
A.P. 6% 75	—	790\$	790\$	Siderurgia Nac.	2.280\$	2.270\$	2.290\$
A.P. 6% 76	—	943\$	—	Sore	3.250\$	3.240\$	3.280\$
A.P. 6% 77	—	—	—	Tabacos de Portugal	—	1.620\$	1.780\$
A.P. 6% 78	—	—	950\$	Tabacaria	7.600\$	7.550\$	7.700\$
A.P. 6% 79	750\$	750\$	—	J.F. Azoto	78\$5	78\$2	790\$
A.P. 6% 80	760\$	750\$	—				
A.P. 6% 81	—	970\$	—				
A.P. 6% 82	—	760\$	—				
A.P. 6% 83	—	950\$	960\$				
A.P. 6% 84	—	860\$	—				
A.P. 6% 85	930\$	930\$	—				
A.P. 6% 86	—	790\$	—				
A.P. 6% 87	—	790\$	—				
A.P. 6% 88	920\$	910\$	930\$				
A.P. 6% 89	—	—	—				
A.P. 6% 90	—	—	—				
A.P. 6% 91	—	—	—				
A.P. 6% 92	—	—	—				
A.P. 6% 93	—	—	—				
A.P. 6% 94	—	—	—				
A.P. 6% 95	—	—	—				
A.P. 6% 96	—	—	—				
A.P. 6% 97	—	—	—				
A.P. 6% 98	—	—	—				
A.P. 6% 99	—	—	—				
A.P. 6% 100	—	—	—				
A.P. 6% 101	—	—	—				
A.P. 6% 102	—	—	—				
A.P. 6% 103	—	—	—				
A.P. 6% 104	—	—	—				
A.P. 6% 105	—	—	—				
A.P. 6% 106	—	—	—				
A.P. 6% 107	—	—	—				
A.P. 6% 108	—	—	—				
A.P. 6% 109	—	—	—				
A.P. 6% 110	—	—	—				
A.P. 6% 111	—	—	—				
A.P. 6% 112	—	—	—				
A.P. 6% 113	—	—	—				
A.P. 6% 114	—	—	—				
A.P. 6% 115	—	—	—				
A.P. 6% 116	—	—	—				
A.P. 6% 117	—	—	—				
A.P. 6% 118	—	—	—				
A.P. 6% 119	—	—	—				
A.P. 6% 120	—	—	—				
A.P. 6% 121	—	—	—				
A.P. 6% 122	—	—	—				
A.P. 6% 123	—	—	—				
A.P. 6% 124	—	—	—				
A.P. 6% 125	—	—	—				
A.P. 6% 126	—	—	—				
A.P. 6% 127	—	—	—				
A.P. 6% 128	—	—	—				
A.P. 6% 129	—	—	—				
A.P. 6% 130	—	—	—				
A.P. 6% 131	—	—	—				
A.P. 6% 132	—	—	—				
A.P. 6% 133	—	—	—				
A.P. 6% 134	—	—	—				
A.P. 6% 135	—	—	—				
A.P. 6% 136	—	—	—				
A.P. 6% 137	—	—	—				
A.P. 6% 138	—	—	—				
A.P. 6% 139	—	—	—				
A.P. 6% 140	—	—	—				
A.P. 6% 141	—	—	—				
A.P. 6% 142	—	—	—				
A.P. 6% 143	—	—	—				
A.P. 6% 144	—	—	—				
A.P. 6% 145	—	—	—				
A.P. 6% 146	—	—	—				
A.P. 6% 147	—	—	—				
A.P. 6% 148	—	—	—				
A.P. 6% 149	—	—	—				
A.P. 6% 150	—	—	—				
A.P. 6% 151	—	—	—				
A.P. 6% 152	—	—	—				
A.P. 6% 153	—	—	—				
A.P. 6% 154	—	—	—				
A.P. 6% 155	—	—	—				
A.P. 6% 156	—	—	—				
A.P. 6% 157	—	—	—				
A.P. 6% 158	—	—	—				
A.P. 6% 159	—	—	—				
A.P. 6% 160	—	—	—				
A.P. 6% 161	—	—	—				
A.P. 6% 162	—	—	—				
A.P. 6% 163	—	—	—				
A.P. 6% 164	—	—	—				
A.P. 6% 165	—	—	—				
A.P. 6% 166	—	—	—				
A.P. 6% 167	—	—	—				
A.P. 6% 168	—	—	—				
A.P. 6% 169	—	—	—				
A.P. 6% 170	—	—	—				
A.P. 6% 171	—	—	—				
A.P. 6% 172	—	—	—				
A.P. 6% 173	—	—	—				
A.P. 6% 174	—	—	—				
A.P. 6% 175	—	—	—				
A.P. 6% 176	—	—	—				
A.P. 6% 177	—	—	—				
A.P. 6% 178	—	—	—				
A.P. 6% 179	—	—	—				
A.P. 6% 180	—	—	—				
A.P. 6% 181	—	—	—				
A.P. 6% 182	—	—	—				
A.P. 6% 183	—	—	—				
A.P. 6% 184	—	—	—				
A.P. 6% 185	—	—	—				
A.P. 6% 186	—	—	—				
A.P. 6% 187	—	—	—				
A.P. 6% 188	—	—	—				
A.P. 6% 189	—	—	—				
A.P. 6% 190	—	—	—				
A.P. 6% 191	—	—	—				
A.P. 6% 192	—	—	—				
A.P. 6% 193	—	—	—				
A.P. 6% 194	—	—	—				
A.P. 6% 195	—	—	—				
A.P. 6% 196	—	—	—				
A.P. 6% 197	—	—	—				
A.P. 6% 198	—	—	—				
A.P. 6% 199	—	—	—				
A.P. 6% 200	—	—	—				
A.P. 6% 201	—	—	—				
A.P. 6% 202	—	—	—				
A.P. 6% 203	—	—	—				
A.P. 6% 204	—	—	—				
A.P. 6% 205	—	—	—				
A.P. 6% 206	—	—	—				
A.P. 6% 207	—	—	—				
A.P. 6% 208	—	—	—				
A.P. 6% 209	—	—	—				
A.P. 6% 210	—	—	—				
A.P. 6% 211	—	—	—				
A.P. 6% 212	—	—	—				
A.P. 6% 213	—	—	—				
A.P. 6% 214	—	—	—				
A.P. 6% 215	—	—	—				
A.P. 6% 216	—	—	—				
A.P. 6% 217	—	—	—				
A.P. 6% 218	—	—	—				
A.P. 6% 219	—	—	—				
A.P. 6% 220	—	—	—				
A.P. 6% 221	—	—	—				
A.P. 6% 222	—	—	—				
A.P. 6% 223	—	—	—				
A.P. 6% 224	—	—	—				
A.P. 6% 225	—	—	—				
A.P. 6% 226	—	—	—				
A.P. 6% 227	—	—	—				
A.P. 6% 228	—	—	—				
A.P. 6% 229	—	—	—				
A.P. 6% 230	—	—	—				
A.P. 6% 231	—	—	—				
A.P. 6% 232	—	—	—				
A.P. 6% 233	—	—	—				
A.P. 6% 234	—	—	—				
A.P. 6% 235	—	—	—				
A.P. 6% 236	—	—	—				
A.P. 6% 237	—	—	—				
A.P. 6% 238	—	—	—				
A.P. 6% 239	—	—	—				
A.P. 6% 240	—	—	—				
A.P. 6% 241	—	—	—				
A.P. 6% 242	—	—	—				
A.P. 6% 243	—	—	—				
A.P. 6% 244	—	—	—				
A.P. 6% 245	—	—	—				
A.P. 6% 246	—	—	—				
A.P. 6% 247	—	—	—				
A.P. 6% 248	—	—	—				
A.P. 6% 249	—	—	—				
A.P. 6% 250	—	—	—				
A.P. 6% 251	—	—	—				
A.P. 6% 252	—	—	—				
A.P. 6% 253	—	—	—				
A.P. 6% 254	—	—	—				
A.P. 6% 255	—	—	—				
A.P. 6% 256	—	—	—				
A.P. 6% 257	—	—	—				
A.P. 6% 258	—	—	—				
A.P. 6% 259	—	—	—				
A.P. 6% 260	—	—	—				
A.P. 6% 261	—	—	—				
A.P. 6% 262	—	—	—				
A.P. 6% 263	—	—	—				
A.P. 6% 264	—	—	—				
A.P. 6% 265	—	—	—				
A.P. 6% 266	—	—	—				
A.P. 6% 267	—	—	—				
A.P. 6% 268	—	—	—				
A.P. 6% 269	—	—	—				
A.P. 6% 270	—	—	—				
A.P. 6% 271	—	—	—				
A.P. 6% 272	—	—	—				
A.P. 6% 273	—	—	—				
A.P. 6% 274	—	—	—				
A.P. 6% 275	—	—	—				
A.P. 6% 276	—	—	—				

A Organização Ford tem o orgulho de apresentar os Ford Capri montados em Portugal



O Carro Que V. Sempre Desejou Possuir

O êxito dos Ford Capri justifica a sua montagem em Portugal. Em 6 versões diferentes: 1300 L, 1600 L, 1600 XL, 1600 GT XL, 1600 GT XLR,

3000 GT XLR. Todas de linhas aerodinâmicas e modernas! Todas desportivas... mas também familiares!

Escolha nelas o Capri que desejar com a potência que quiser. Venha vê-los! Visite o seu Concessionário e escolha o Capri que mais lhe convém.

Apolado pelo Serviço e Peças Ford

Ford Capri ^{DESDE} Esc. 82.830



FORD À FRENTE

Em exposição no seu concessionário FORD

EM LISBOA

AUTO BOAVISTA, LDA. R. da Boavista, 81-B - Telef. 66 91 41

AUTO RALI, S. A. R. L. Av. Almirante Reis, 130-A - Telef. 4 18 32/64 — Av. Eng.º Frederico Ulrich - Telef. 28 05 31 - Cascais

J. MENDES COELHO, LDA. R. Alexandre Herculano, 6-A - Telef. 4 61 47

LINCURI Av. da República, 32-A - Telef. 77 70 91

STAND MODERNO Av. Fontes Pereira de Melo, 15-A - Telef. 4 96 69 — R. João Saraiva, 15 (Alvalade) - Telef. 71 10 65/9



COMEÇOU O ANO LECTIVO PARA 400 MIL JOVENS

Para qualquer coisa co-aulas em todos os estabelecimentos do ensino secundário do País. Mas, de fa-

to, o que principiaram foram os exames de Outubro em todas as escolas de Ensino Superior, após terem terminado os do 5.º e 7.º anos liceais. Muitos milhares de universitários fazem, a partir desta manhã, os seus exames da 2.ª época. Por último, quanto ao ensino primário as aulas, para mais de 900 mil raparigas e rapazes, só começam no próximo dia 7 — devendo as matrículas ser feitas a partir de hoje.

A assistência na doença aos cônjuges dos servidores do Estado

Desde hoje que todas as regalias assistenciais que estão a ser asseguradas pela Assistência na Doença aos Servidores do Estado pas-

sam a ser extensivas aos cônjuges dos servidores do Estado e dos agentes administrativos desde que não estejam abrangidos por qualquer sistema assistencial.

Os alunos do ensino secundário — 375 630 no ano lectivo que findou — dedicaram o dia de hoje, sobretudo, a ver pautas e horários, a fim de se inteirarem das turmas a que ficam a pertencer e do seu programa para o ano escolar. Entretanto, nos estabelecimentos de ensino, em todo o País, houve sessões (mais ou menos solenes) de abertura, em muitas das quais se procedeu à distribuição de

prémios aos alunos que mais se distinguiram no ano lectivo que agora findou.

Entretanto, como oportunamente noticiámos, quer no ensino liceal, quer no ensino técnico quer ainda no Ciclo Preparatório, há algumas modificações dos currículos e dos programas de estudos, embora nem todas (as antes previstas) entrem já em vigor.

Os exames na Universidade

Quanto aos exames da época de Outubro nas Universidades, é natural que em algumas escolas eles vão até Novembro. Aliás, só nesse mês as aulas entrarão a funcionar em pleno, embora as aberturas solenes de todas as Universidades se façam ainda este mês, em datas a designar, e que variam de uma para as outras.

O «Rallye» Internacional TAP

(Continuação da 1.ª página)

de administração da TAP — o homem que, com a sua concordância e compreensão, permitiu o nascimento da prova para os moldes internacionais que hoje adquiriu.

As 8 e 52, foi dada a partida para a equipa do Porsche 911 S, n.º 65, constituída por Américo Nunes-Fernando Fonseca — um dos conjuntos portugueses que, «a priori», tem maiores possibilidades de boa classificação.

Seguiram-se Roger Clark-Jim Porter (Escort TC), uma equipa favorita para vitória absoluta, e que pela primeira vez vem ao «Rallye TAP». Logo após os britânicos, mais corredores de nomeada, nacionais e estrangeiros: António Peixinho-José Bandeira (Alfa Romeo 1750, em representação do Automóvel Touring Club de Angola), Tony Pall-Henry Liddon (Escort TC) — os vencedores de 1968, e que, no ano passado, foram desclassificados a escassos metros do «controlo» final, por terem admitido a bordo a mulher do primeiro — José Lampreia-Christian Melville, Sandro Munari-Bernachini (Lancia Fulvia HF), Jorge Nascimento-Manuel Coentro (BMW 2002), Heitor Morais-Manuel Filipe, Simo Lampinen-John Davenport (Lancia Fulvia HF), Francisco

Romãozinho-Costa Simões (Citroen DS 21) — o vencedor do ano passado — Van Bergen-Minotta Van Bergen (Datsun 2000 Protótipo) e Bochnicek-Kernmayer (Citroen Protótipo).

Seguiram-se mais 41 automóveis, não tendo ainda as 9 equipas, que já ontem não compareceram à verificação técnica.

O «pendura» não apareceu...

Apenas um «caso» veio quebrar a cadência normal da partida. Lisboa. O concorrente n.º 113, Vicêncio Matos (Opel GT) esperou até ao momento da sua largada pela chegada do seu companheiro de equipa «Rosário». Vendo, desesperadamente, passar o tempo, tentou ainda partir com o irmão mas a Organização não lhe permitiu, ao abrigo das regulamentações gerais da prova.

Vicêncio Matos (um amador «quase» puro, que tem estado ligado a uma conhecida discoteca) lamentava-se amargamente:

— Gasta-se um dinheirão, para nada! Não percebo porque não apareceu. Atitudes destas não são de desportistas, não são de nada!

Depois de Lisboa, o Porto e Paris foram as últimas cidades onde a etapa de concentração se iniciou.

Neste momento, mais de

uma centena de automóveis em prova dirige-se para S. Sebastian, terminus desta fase de reunião.

O «Rallye» no resto da Europa

Por notícias recebidas directamente das diversas cidades fixadas como pontos de partida, para alguns dos concorrentes ao 4.º «Rallye Internacional TAP», foram conhecidas as primeiras desistências.

Assim de Londres, por avaria irreparável, não partiram as equipas Douglas Harris-M. Hayward e Andreas Michailidis-Taylor, ambas em Ford e, ainda, por desistência sem justificação, a equipa inglesa Peter McHugh-Mark Ridout (Morris).

Em Viena não compareceu à partida a equipa Heinz Bock-K. Schoppl, que tripulava um Mazda.

Anulado o troço da Cabreira

Em virtude de se realizar em Vieira do Minho, no dia 4, uma procissão, a mesma hora em que estava previsto começarem a passar ali os concorrentes, a organização da prova foi forçada, dado que não se obtive a indispensável garantia de trânsito, a anular a prova de classificação que ali estava prevista efectuar. Deste modo os concorrentes seguirão por Póvoa de Lanhoso em direcção a Rosas.

PALÁCIO DE JUSTIÇA

LISBOA

intento

Para esta grandiosa obra, realizámos a empreitada geral de

• PINTURAS E REVESTIMENTOS ESPECIAIS, incluindo:

- PROTECÇÃO DE TECTOS TERMO-ACÚSTICOS
- PROTECÇÃO DE EQUIPAMENTO TÉCNICO
- PROTECÇÃO DE BETÃO À VISTA

INTENTO —

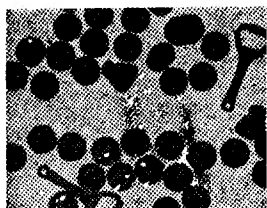
Indústrias e Representações para a Construção, Lda.
Rua Dr. Nicolau de Bettencourt, 45, 45-A
(à Praça de Espanha) — Tel. P. B. X. 56 30 55/56/57

20.ª COLECÇÃO

LISBOA (DIA) E NOITE



Boletim do dia 1 de Outubro de 1970



BOM APETITE

CAFÉ «IMPAR»
NO

BAR RIBATEJO

P. DO AREIRO, 11-D

ABRE ÀS 7 HORAS

RESTAURANTE

QUINTA DE S. VICENTE

Telhadas de Cima, 144 — Telefone 79 02 11 — (M. de 15 anos)

Jantares, Danças aos sábados e domingos com conjunto privativo

Ambiente distintamente familiar

Premiado pelo S. N. I.

OH LACERDA!

UM CONVITE PERMANENTE

R. Dr. Silva Teles, 18-A

NO RESTAURANTE NO SALÃO DE CHÁ NO POSTO SHELL EM

AZEITÃO

ESTRADA LISBOA - SETÚBAL

Telef. 228244

LOCAL APRAZÍVEL PARA

ALMOÇAR E TOMAR CHÁ

A COLMEIA

RESTAURANTE DIETÉTICO E MACROBIÓTICA (VIDA LONGA) SELF-SERVICE

ENCERRADO AOS DOMINGOS

RUA DA EMENDA, 110-2.ª

T. 370500 (AO CAMÕES)

CHURRASCO

ABERTO ÀS 3.30 H.

Rua das Portas St.ª Antão, 83

Telef. 323059

APÓS AS REFEIÇÕES — CHAVE D'OURO — O MELHOR CAFÉ



DA AUSTRÁLIA AO PARQUE MAYER



Da Austrália (cidade de Perth) a bailarina Lynley Joan Hatswell — Lynn, artisticamente — viajou até ao Parque Mayer, com breve paragem em Londres. Lynn, que está a ensaiar «Pimenta na língua» (produção de Giuseppe Bastos e Vasco Morgado) nasceu a 20 de Agosto de 1941, pesa 56 quilos, tem 160 centímetros de altura e mede 86 de busto, 68 de cintura e 90 de anca.

TEREZINHA ALVES: GRAVAÇÃO NA R. T. P.

Terezinha Alves, presentemente uma das atracções do «show» do Casino Estoril, declinou convites para prolongar a sua permanência em Lisboa. Motivo: um contrato (vantajoso) que a levará a actuar durante três meses para o público do Recife. O contrato inclui vários programas de televisão. Antes da partida, porém, Terezinha Alves gravará um programa a transmitir pela R. T. P.



TERESINHA ALVES

QUEM É MARIA TAVARES REVELAÇÃO DOS PALCOS DE REVISTA

A actriz Maria Tavares (Maria José Coelho Tavares) foi considerada como «grande revelação dos palcos de revista» na última época.

Nasceu a 8 de Agosto de 1946 em Medellín (no distrito de Castelo Branco) mas vive desde criança em Lisboa. Aos 7 anos participava nas emissões infantis transmitidas por Rádio Graça e, cinco temporadas mais tarde, fazia uma digressão pelo Continente incluída em elencos de teatro amador.

Frequentou o Conservatório Nacional, cujo curso concluiu fazendo exame com «A menina fela», de Pressier. Como «estagiária» esteve na companhia do Teatro Nacional a interpretar «Macbeth».

Fez parte de diversos cartazes de teatro infantil (na R. T. P., na E. N., no Monumental), passou pelo elenco itinerante do Teatro Rafael de Oliveira e, também, pela companhia em acção no tablado da Estufa Fria.

Mais tarde, optou pela revista: «Ela, já fala» e «Pega de caras», foram os melhores marcos. Episodicamente voltou à comédia: com Orlando Vitorino, em «Nem amantes, nem inimigos». Mas regressou rapidamente ao ABC, depois da frustração de «Click, já está» (no Monumental).

Como figura destacada acompanhou a Angola o cartaz de revista elaborado por José Miguel. Agora, Maria Tavares pertence ao «cast» de «Alto lá com elas» onde interpreta diversos quadros e rúbicas. Um metro e 55 centímetros de muita habilidade e largo horizonte à sua frente: eis Maria Tavares.



MÁRIO RUI — 3.º DISCO

Mário Rui vai gravar o seu disco comercial. Muito jovem, este intérprete de fado quer dedicar-se exclusivamente à carreira artística. Nos planos inclui uma digressão aos Estados Unidos e Canadá possivelmente a realizar nos primeiros meses do próximo ano. Mais tarde, visita ao Ultramar.

* aceite o nosso CONVITE *

GRANDE INTERESSE POR UM AGRADÁVEL CONCURSO

Atingiu, sem dúvida, um êxito que se sobrepõe a todas as perspectivas a iniciativa que estamos a realizar com a colaboração dos melhores restaurantes típicos e «boîtes» de Lisboa, Sintra e Costa do Sol permitindo aos concorrentes (aos premiados, já se vê) jantar, ouvir o fado e dançar sem gastar dinheiro.

Algumas horas no ambiente acolhedor de restaurantes típicos e «boîtes», enfim, algumas horas agradáveis são oferecidas a várias dezenas de concorrentes.

De facto, semanalmente, realizamos um sorteio entre todos os concorrentes (e são milhares os participantes)

onde se designam os premiados. Estes, com um acompanhante (parente ou amigo) terão ao seu dispor algumas horas agradáveis num dos seguintes estabelecimentos: Adággio, Adega Machado, Arabita de Alfama, Archote Club, Baiuca, Bonapart Bar, Casino Estoril, Folclore, Forte Velho, Galeria Real, Hipóptamo, Kaverna, Lar Português, Lord, Maxime, Márcia Condesa, Mil e Um, O Forcado, Parreirinha de Alfama, Pop-Fado, Solar da Madragoa, Snob, Tágide, Taverna do Embuçado, Timpanas, Terraço das Estrelas, Fragata Real, Severa, Guitarra da Madragoa, Solar do Minho, Sanzala, Luso e Guitarra de Alfama.

O FADO É O FOLCLORE, EM LISBOA: RESTAURANTES TÍPICOS

PARREIRINHA DE ALFAMA

cantam: Maria da Fé, Argentina Santos, Julio Peres, Lina Maria Alves, Natalino Duarte, Flora Pereira e Susana da Conceição. Tocam: António Proença e Miguel Ramos * Cons. mín. 50\$00 * Beco do Espírito Santo, 1 * Telef. 868200.

TAVERNA DO EMBUÇADO

Elenco: João Ferreira Rosa, Vicente da Câmara, João Braga, Ana Rosmaninho e António de Mello-Correia. Tocam: Fontes Rocha, José Luís Nobre Costa e Pedro Leal * Encerra aos domingos * Consumo mín. 90\$00 * Beco dos Cortumes, 10 * Telef. 860816.

MÁRCIA CONDESSA

cantam: Teresa Nunes, Norberto Martinho, Fernando Manuel e António Reis. Artistas convidados: Cândida da Conceição, Julieta Maria, Alzira Moreno e Aurora Sobral. Tocam: Alberto Vilar e António Pessoa * P. da Alegria, 58 * Telef. 367093 * Encerra à segunda-feira.

GUITARRA DA MADRAGOA

cantam: Maria Emília, Ana Madalena e José Teixeira. Tocam: António Parreira e José Inácio * Rua da Esperança, 174 * Telef. 661915 * Cons. mín. 50\$00.

SOLAR DO MINHO

cantam: Eduarda Maria, Natália dos Anjos, Adriana Franco, Nuno de Aguiar e Antur dos Santos. Tocam: Hermenegildo Lopes e José Meneses * Rua do Vigário, 60 * Telef. 866811.

FOLCLORE

elenco: Aminda Vidal, Fernanda Guerra, Julieta Brigue, Lídia Ribeiro, Mariana Rosa, Américo Lima, António Chalhinho, Fernando Ribeiro, José Maria Nóbrega, Avelino Rodrigues, Fernando Matos e Grupo de baile constituído por 19 elementos e dirigido pelo coreógrafo António Gonçalves * Cons. mín. 120\$00 * Taxas incluídas * Rua Nova da Trindade, 22-A * Telef. 35007-323406 * Encerra ao domingo.

TIMPANAS

cantam: Trilo Odemiro, Alindo de Carvalho, Emília Reis, Luís Braga e Benvidina Cruz. Tocam: Amândio Ferreira e Torquato Lopes. Danças pelo Grupo Típico de Vila Franca de Xira. Canções do Milho por Quim Barreiros * Cons. mín. 61\$50 (taxas incl.) * Rua Gilberto Rolz, 24 * Telefones 676655-67341.

A SEVERA

cantam: Flávia Maria, Maria Amorim, Maria Portugal, Manuel Fernandes, António Pires e José Amaro. Tocam: Carvalhinho e Pais da Silva e ainda o conjunto «Aguarelas de Portugal» * Rua das Gáveas, 57 * Telef. 34006 * Encerra à quinta-feira.

MIL E UM

cantam: Moisés Campos, Maria Eva, Beatriz Fragosa, Adriana Franco, José de Barros, Maria de Fátima, Henrique Manuel, Lourinda Gonçalves. Tocam: Hermenegildo Lopes e Joaquim Pinto * Cons. mín. 40\$00 * Travessa da Espera, 8 * Telefone 35464 * Encerra às 5 da madrugada.

LUSO

Elenco: Tristão da Silva, Fernando Pinto, Glória Maria, Augusta Ermida, Victor Duarte, Plínio Sérgio (em fados de Coimbra), Domingos Camarinha (guitarra) e Jorge Barnadas (viola). Conjunto privativo de Danças Regionais, dirigido por António Cunha * Trav. de Queimado, 10-16 * Tels. 362889-328503.

FRAGATA REAL

cantam: Celeste Rodrigues, Maria José Ramos, Fernando Maurício e Francisco Martinho. Tocam: João Alberto e Manuel Martins * Cons. mín. 50\$00 * Travessa de S. Miguel, 22 * Alfama * Telefone 868552.

VIOLA

cantam: Sérgio, Berta Cardoso, Beatriz da Conceição, Beatriz Ferreira e Conceição Tavares * Cons. mín. 50\$00 * R. das Taipas, 14 * Telef. 327256.

A KAVERNA

cantam: Tina Santos e Celeste Maria. Tocam: Armadinho Maia e José Maria Carvalho * Cons.

mín. 90\$00 * Travessa dos Fiéis de Deus, 37 * Telef. 35593.

LAR PORTUGUES

cantam: José Borges, Nuno de Aguiar, Armando Miranda, Folclore pelo Conjunto Típico do «Lar Português». Tocam: António Bessa e Fernando Reis * Cons. mín. 50\$00 * Rua da Barroca, 133 * Telef. 36960 e 30532 * Encerra às terças-feiras.

SOLAR DA MADRAGOA

cantam: César Morgado, Maria Amélia Proença, Maria de Lourdes e Judite Teixeira. Tocam: Sales Correia e Agostinho Dias * Cons. mín. 30\$00 * Rua das Trilhas, 67 * Telef. 669857 * Encerra ao domingo.

ADEGA MACHADO

cantam: Esmeralda Amado, Ivete Pessoa, Nazaré Maria, José Vilela, Tina Ferreira. Fados de Coimbra por João Queiroz, Trio Auratos. Fandango pelo Grupo de Vila Franca de Xira. Tocam: Jorge Fontes e Américo Silva * Cons. mín. 70\$00 * Rua do Norte, 91 * Telef. 30095-328713 * Encerra à segunda-feira.

O ARABITA DE ALFAMA

cantam: Alice do Carmo, Rossana Lima, João Cabral. Tocam: Edgard Nogueira (guitarra) e Armindo Gonçalves (viola) * Encerra aos domingos * Rua da Adifa, 9 * Telef. 86345.

O FORCADO

cantam: António Rocha, Mariana Silva, Cecília de Jesus, Miguel Silva e João Sobreira. Tocam: Acácio Gomes e Miguel Silva * Cons. mín. 40\$00 * Rua da Rosa, 219 * Telef. 368579.

GUITARRA DE ALFAMA

cantam: Vitorino dos Santos, Turcho Mascarenhas e José Manuel Osório. Tocam: António Bessa e Fernando Reis * Encerra às domingos * Cons. mín. 35\$00. Largo do Penitente, 7 (Alfama) * Telef. 868505.

BALEIRA

cantam: Filipe Duarte, Julieta Reis e Adriana Franco. Tocam: Acácio Rocha e Armadinho Silva * Encerra às segundas-feiras * Cons. mín. 40\$00 * Av. Marginal, 21-22 (DAPUNDO) * Telef. 213259.

RESTAURANTES, BARES — «BOÍTES» E DANCINGS

HIPOPPÓTAMO

Av. Ant. Augusto de Aguiar, 3-A * Telef. 48384 — Mário Simões e o seu conjunto. Encerra aos domingos.

NOCTURNO

Travessa Fiéis de Deus, 28 * Telef. 370889 * Poeta com Carreira da Silva * Encerra às 3 e 30.

POP-FADO

R. Ferreira Lago, 38-D * T. 561949

MAXIME

Conjunto 6 * Reacção e Maximiliano * «Shows» turístico * Variedades internacionais * Praça da Alegria, 58 * Telef. 55366.

ARCHOTE-CLUB

Discos * Rua D. Filipe de Vilhena

TERRAÇO DAS ESTRELAS (HOTEL EMBAIXADOR)

Conjunto Manuel Viegas * Avenida Duque de Loulé, 73 * Telef. 530171.

SANZALA

Av. Marechal Carmona, 2 * Campo Grande * Telef. 790172 * Encerra às 3,30.

BAIUCA

R. da Barroca, 86 * Telef. 34700

LORD

Rua Victor Gordon, 14-A * Telef. 323098.

GALERIA REAL

Estrada de São Pedro * SINTRA * Telef. 981681. Encerra à meia-noite.

BONAPART CLUBE

Últimas novidades em discos, recebidos directamente dos E. U. A. * R. de S. Miguel, 70 (Alfama) * Telef. 872761 6-D.

FLOR DE LIS

Bar, M/17, Rua da Atalaia, 18 (Beirão Alto) * Telef. 367136 * Encerra às 3 horas.

TÁGIDE

Variedades internacionais * Largo

da Biblioteca, 18-22 * Aberto ao domingo.

SNOB

Rua de «O Século», 175 * Telef. 33723.

TAMILA

Morão e s/ Conjunto, Avenida Duque de Loulé, 69—Telef. 534117 * Matinéis todos os dias * Encerra aos domingos.

ADÁGGIO

Apresentação de Teresa Paula Brito e Carlos Portugal no seu novo

reportório * Discos recebidos directamente de Inglaterra, Estados Unidos e Brasil * Rua Carlos Reis 51-A * Telef. 775695.

CASINO DO ESTORIL

Jogo autorizado * Variedades internacionais * Telef. 264521 - 264526 - 264596 - 264621 - 264946

FORTE VELHO

Povo * S. João do Estoril * Telef. 261337.

Prossegue normalmente a construção da barragem de Cabora-Bassa

Segundo informação fornecida pelo Gabinete do Plano do Zambeze, do Ministério do Ultramar, decorrem normalmente os trabalhos relativos à construção da barragem de Cabora-Bassa, que na fase actual se processam em relação ao desvio provisório do rio Zambeze no local da obra. Estão concluídas as galerias de ataque à galeria de desvio e esta já com 330 metros escavados em meia secção. Também estão em efectivação os trabalhos de desmonte nas testas de montante e jusante.

Quanto a bairros e acessos, vão em bom andamento as obras de instalação do equipamento do estaleiro e das instalações residenciais do empreiteiro.

Foi iniciada a construção da estrada definitiva e asfaltada Moatize-Cabora-Bassa, pelos troços Moatize-Matundo e Cabora-Bassa-Chissua. Esta estrada substituirá, cerca do fim do próximo ano de 1971, a actual estrada não revestida.

Actividades relacionadas com o empreendimento

Estão já preparados os primeiros 600 hectares referentes ao programa de destronca, limpeza e gradagem de terrenos para futura reinstalação das populações a deslocar das zonas afectadas pelo enchimento da albufeira de Cabora-Bassa. Prosseguem os estudos pedológicos e hidrogeológicos para definição

das novas manchas de terrenos a preparar para a reinstalação das populações, estudos esses que deverão ficar concluídos no princípio do próximo ano. Em 1971 proceder-se-á à reinstalação de 8000 pessoas.

Quanto ao centro urbano definitivo de Cabora-Bassa, estão concluídos os projectos e em vias de adjudicação as obras no centro urbano do Songo que começarão ainda no corrente ano.

Foi aberto também, na Província, concurso para a construção da pista de aviação do Songo.

No que se refere ao plano de desenvolvimento do vale do Zambeze, em continuação da actividade anteriormente desenvolvida, prosseguem em ritmo crescente trabalhos de pesquisa e prospecção mineira, estudos no delta do Zambeze com vista à avaliação das possibilidades de instalação do porto fluvio-marítimo de Cuama, actividades no sector da promoção socioeconómica das populações com especial incidência no campo da assistência técnica à agricultura e pecuária, assistência sanitária e promoção social da mulher.

Não poderá ser alienado nem sair do País o «Relicário de Santa Margarida» da igreja de Amares

Pela Direcção-Geral do Ensino Superior e das Belas-Artes, do Ministério da Educação Nacional foi mandada inventariar a seguinte peça, pertencente à freguesia de Carrazedo, concelho de Amares, e que se encontra na capela anexa à referida igreja:

«Relicário de prata, conhe-

cido por «Relicário de Santa Margarida», possivelmente do século XVI e de origem italiana, representando uma cabeça de mulher com o cabelo seguro por uma fita. A secção da cabeça correspondente à região occipital é de abrir, existindo no interior alguns fragmentos de ossos da cabeça, os quais, segundo a tradição, são relíquias de uma santa. Esta parte de abrir foi, posteriormente, fechada por um alquete de letras, também de prata. O relicário tem um punção do século XIX, originário de Lisboa (escudo com um L e um asterisco no campo)».

Nos termos da lei esta peça artística não poderá ser alienada ou enviada para fora do País sem prévia autorização do Ministério da Educação, nem ser objecto de quaisquer trabalhos de conservação, reparação ou modificação sem que o sr. ministro o autorize.

HOSPITAL REGIONAL DE ÉVORA

Estão em conclusão os trabalhos de construção do Hospital Regional de Évora. O concurso para montagem dos respectivos elevadores decorrerá em 16 de Outubro, às 16 horas, na sede da Comissão de Construções Hospitalares. Base de licitação: 1 015 000\$00.

TELEVISORES

Desde 98\$80 Mensais, oferta de antena para os dois programas

FRIGORÍFICOS

Desde 98\$80 Mensais, oferta do Dispense JOVICA

ESQUENTADORES

Desde 98\$80 Mensais, com montagem incluída

MAQUINAS DE LAVAR ROUPA

Oferta de 24 pacotes SKIP

MAQUINAS DE LAVAR LOIÇA

Oferta de 16 embalagens SUN

SEM ENTRADA FIADOR

JOVICA

LISBOA | Avenida 5 de Outubro, 53-C — Telef. 47769
Largo de D. Estefânia, 12-D — Telef. 534536
CACÉM — CASCAIS — SINTRA — VENDA NOVA

ora diga-nos...

— Querias ter mais férias?

A pergunta era desnecessária — ou pelo menos as respostas eram previsíveis. Mas foi um pretexto para os nossos três pequenos inquiridos falarem das suas férias, agora que já se avizinha o tempo de aulas.



• O Vitor Manuel Dias de Almeida, que passou para o 2.º ano do Círculo Preparatório, disse-nos:

— Pois não... Férias é que são boas. Ainda foram poucas. Foi a Angónia, a terra da minha mãe e alguns dias à Caparica. Mas apeteço-me mais. Ter daqui a 15 dias de voltar para a escola é aborrecido.



• — Chumbel na 4.ª classe, que tenho de repetir, o que não me apetece nada — disse-nos por último o Daniel Artur Ferreira, de 10 anos. — Por isso, este ano ainda queria ter mais férias que nos outros. Jogo à bola e aos cobóis, é do que eu gosto.

• — Queriam ter mais férias, sim senhor — logo nos respondeu o José Manuel Caldas da Rocha, de 10 anos, que passou para a 4.ª classe. — Em Agosto fui à terra da minha mãe, a Monção, e agora em Setembro algumas vezes à praia. O tempo está tão bom! Quem dera que ficasse sempre assim e eu estivesse sempre em férias.



TRIBUNA LIVRE

A HUMANIDADE E A GEOGRAFIA

Através dos séculos, foi a geografia o principal determinante no destino da Humanidade.

Na era presente, enfrentam-se o capitalismo e o socialismo. Qual dos dois se tornará mais forte? A geografia responderá!

A aliança ocidental reparte-se por vários continentes afastados, e não pode dispensar os transportes intercontinentais e marítimos, para a sua sobrevivência.

No bloco socialista, quase tudo o que se construiu e fabricou, tem data posterior à devastação da última guerra mundial, e foi coagido pelo medo que lá provocava a superioridade atómica do Ocidente.

Num dicionário actualizado, poderá ler-se que economia socialista significa a mobilização total das pessoas e dos bens para lutar contra os perigos das armas atómicas e biológicas. Essa guerra dura desde há um quarto de século, e os jornais diários portugueses têm mencionado indirectamente alguns dos seus aspectos quando se referem a países do Leste, como, por exemplo:

— Gaseodutos transcontinentais subterrâneos.

— Centros de população dispersos e subterrâneos.

— Fábricas portáteis, adaptáveis à vida nómada.

— Brocas para abrir túneis em alta velocidade.

— Minihelicópteros, transportes anfíbios.

A civilização ocidental é de concepção pré-atómica, constituída por grandes cidades industriais, e, devido à sua economia regida pela lei da oferta e da procura, são os consumidores quem determina a moda e a evolução da maioria do que se produz e constrói. Os nossos jornais dizem, ingenuamente, que:

— O salário médio do operário americano é vinte vezes superior ao do russo.

— A produção francesa de automóveis é cinquenta vezes a

dos soviéticos.

Porém, estas duas verdades são iramaticamente perigosas para o Ocidente, e reflectem uma catástrofica fragilidade.

Muito recentemente, a Imprensa portuguesa mais direita publicou notícias quantitativas, mostrando que o arsenal moderno e estratégico dos russos ultrapassou o dobro do americano, e que o número de submarinos do Leste também é superior ao dobro dos do mundo livre.

O problema dos transportes intercontinentais não é apenas a impossibilidade de os defender contra os artificios modernos, pois também é impossível identificar quem os venha a destruir.

Há quem acredite na tese futurista de que as armas nucleares e os mísseis não se fizeram para ficar no museu, e, nessa perspectiva, o Ocidente precisará de meditar na sua geografia.

DA SILVA NAVE

Fonseca Costa («Rota de Colombo») no II Festival do Filme Turístico

O filme que representa a Suíça no II Festival Internacional do Filme Turístico, iniciativa do jornal «Publittur», intitula-se «Du Pain et du Vin». Realizado por Ernest Kleinberg, este filme mostra a continuidade de costumes antigos que permanecem vivos num país moderno. Numa região da Suíça, rica pelo passado histórico e de solo pobre, os habitantes manifestam um profundo sentido da vida comunitária. Esta região, denominada Valais, é habitada principalmente por camponeses que gostam de conversar de assuntos da aldeia, comendo pão e bebendo vinho.

No festival, estará também presente o mais recente filme de Fonseca Costa: «Rota de Colombo».

Por sua vez, a direcção do Festival recebeu a confirmação do convite endereçado à União Soviética, que se fará representar com os filmes «Meridiano de Kamchatka», «Moscou» e «Bukhara».

A retrospectiva do filme documentário, integrada neste II Festival Internacional do Filme Turístico, incluirá um admirável filme de Arne Sucksdorff, realizado na Suécia em 1946: «Manniskor i Stad», obra clássica que foca di-

versos aspectos de Estocolmo.

A participação britânica na retrospectiva do filme documentário é constituída pelas seguintes obras: «Cable Ship», de Alexandre Shaw; «Colour Box»

de Len Lye; «Coal Face», de Alberto Cavalcanti; «North Sea», de Harry Watt; «Upstream», de Arthur Elton; «O'er Hill and Dale», de Basil Wright; «Airport», de Roy Lockwood; e «The Wheelwright», de Peter Raylis.

APETRECHAMENTO DA CASA DA MOEDA

Na administração da Casa da Moeda são aceites porpositas, até às 16 horas do próximo dia 13, para o fornecimento de um equipamento de limpeza e polimento de discos de alumínio, destinados ao fabrico de moeda.

O equipamento desejado deverá poder limpar e polir cerca de 200 000 discos por dia de oito horas de trabalho. Os discos têm o diâmetro de 15 mm e o peso de 0,5 g.

SERÁ PRECISO DESTRUIR AS PRAÇAS DE GRÂNDOLA?

De um nosso estimado leitor (José Tavares) que já por mais de uma vez veio à estacada nestas colunas, recebemos a carta que se segue e nos parece digna da maior atenção:

«Não sabemos a que estranhos desígnios estão sujeitas as praças públicas de Grândola, para ter sobre elas recaído o anátema de Catão: — «É preciso destruir Cartago! (Delesda Carthago!)».

A primeira impudica investida transformou, mutilou e adulterou a Praça de D. Jorge e por essa já cantámos o nosso oportuno «requiem» nas colunas deste jornal. É certo que as nossas palavras não comoveram, nem impressionaram os autores do atentado, ainda que elas traduzissem manifestações da opinião pública. Os grândolenses na sua generalidade aprovaram a posição e sugestões que perfilhámos, mas talvez que os murmurios das «matérias silenciosas» não cheguem a ser ouvidos (e atendidos) na casa onde viveu esse inesquecível defensor dos interesses municipais, que foi o dr. Jacinto Nunes.

Ficou assim transfigurada a principal praça de Grândola, falha de significado histórico e ausente de valor estético.

«Até quando, ó Catilina, abusarás da nossa paciência?» — perguntava Cícero! E os grândolenses repetem o seu eco: — Até quando?...

De menor peso tradicional e reduzida beleza era a Praça do Marquês de Pombal, que viu agora chegar a sua hora de exéquias. E a celebração deste piedoso acto deve-se à necessidade de construir uma moradia paroquial, que veio ocupar parte da extinta praça. O pouco que restava foi adaptado a parque de automóveis...

Não cometemos a grave injustiça de deixar de reconhecer todo o direito de habitação ao pároco de Grândola. De maneira nenhuma! Para cada português uma casa! É lema nacional (ou universal?) e humanamente apoiado. Agora o que não parece sensato (e nem tão pouco cristão) é que, havendo tantos terrenos livres nesta localidade, e baratos, se recorresse a esta solução.

As referidas praças enquadram-se na parte mais antiga da vila, tinham servido e vida próprias, formavam uma moldura arquitectónica; nos seus recintos brincavam as crianças e nos seus bancos repousavam os anciãos. São valores respeitosos e respeitáveis!

Só com fundamento em razões de progresso ou benefícios colectivos para a autar-

quia, nos poderíamos resignar a ver ameaçado o património legado pelos nossos avós grândolenses.

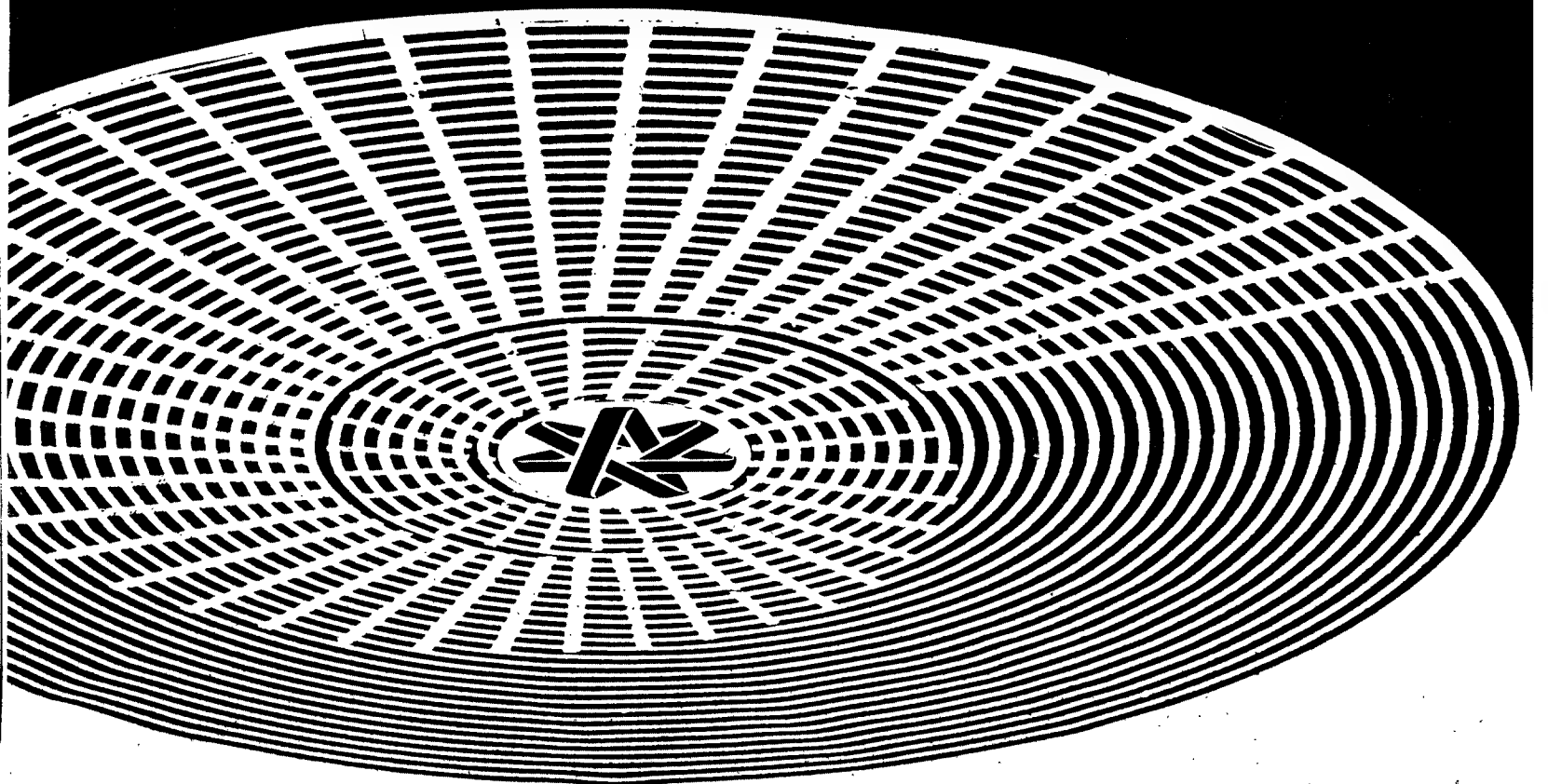
Mas porque tal se não verifica, protestamos contra

Catão e dizemos: Não, não é preciso destruir as praças públicas de Grândola!

Pessoal Administrativo da Marinha
Mercante, Aeronavegação e Pesca

Uma informação ora distribuída aos associados do Sindicato Nacional dos Empregados dos Serviços Administrativos da Marinha Mercante, Aeronavegação e Pesca dá conta da marcha das negociações com vista ao novo contrato colectivo de trabalho.

EM MOVIMENTO PARA MAIOR AMPLITUDE



Participe connosco na progressiva amplitude do desenvolvimento sócio-económico do País.

O BANCO DE FOMENTO remunera à taxa de juro anual de 5,5% os depósitos a prazo superior a um ano.

Isenção total de impostos. Disponibilidade dos depósitos por meio de livranças.

BRASILEIRINHA

PROCURA

CORRESPONDENTES

A jovem, brasileira Maria Luísa C. de Almeida, residente na Travessa Potengi, 62, São João do Tanapé — Fortaleza-Ceará procura correspondentes. Diz-nos ela na sua carta:

«Tenho 15 anos, sou loira, cabelos longos, olhos castanhos, estatura média, gostaria de corresponder-me com um jovem português da idade

BANCO DE FOMENTO NACIONAL



LISBOA - Rua Mouzinho da Silveira, 26
PORTO - Avenida dos Aliados, 58
ÉVORA - Rua 5 de Outubro, 38
VISEU - Avenida Calouste Gulbenkian, 335
BRAGA - Avenida Marechal Gomes da Costa, 294
SANTARÉM - Rua Guilherme de Azevedo, 18

IMPULSIONADOR DO CRESCIMENTO ECONÓMICO NO ESPAÇO PORTUGUÊS



Este é um aspecto do novo pavilhão construído nas instalações do Instituto Superior de Ciências Económicas e Financeiras e no qual, como ontem noticiámos, serão leccionadas todas as aulas dos 1.º e 2.º anos, dos quais já haverá este ano cursos nocturnos. Entretanto, no I.S.C.E.F. estão em curso outras obras, tendentes a aumentar o número de salas de aulas (embora de menor capacidade, dada a diminuição de alunos em cada turma de aulas práticas, a que ontem também nos referimos), iluminá-las melhor, adaptar compartimentos para salas de conferências, ampliar a biblioteca, etc. Quando da recente visita do ministro das Obras Públicas a este estabelecimento de ensino superior, foi-lhe apresentada uma pretensão no sentido de se construir um novo pavilhão desmontável, que se impõe em face do constante aumento do número de alunos da escola.

Uma conta de 45 contos de chamadas telefónicas

OLHÃO, 1 — O sr. José Rodrigues Maciel, gerente industrial da empresa, em Lisboa, instalada na sua residência, comunicou, pagando 45 contos de chamadas telefónicas, desta vez, por-lhe apresentada uma conta de 15.000,00 (quinze mil e cinco mil, seiscentos e cinquenta e nove escudos). Por pouco o sr. Maciel não desmaiou!

E não era caso para menos...

Pessoa calma e serena, passados os primeiros momentos de susto, foi a sr. T. T. e limitou-se a fazer a sua reclamação cujo despacho aguarda agora, como é natural, com certa ansiedade. Erros desta natureza, mas não tão exorbitantes, estão a verificar-se por aqui constantemente, e a onda de indignação cresce dia-a-dia, sem que as entidades responsáveis modifiquem o processo de cobrança, pois os assinantes não têm direito ou possibilidade de controlar as chamadas.

Quando o computador marca a chamada trocada o cliente paga; quando o contador de chamadas marca sem se haver falado, o assinante paga, etc.

Ora, isto é pura e simplesmente inacreditável! Quanto aos controladores de chamadas pouco ou nada adiantam, uma vez que os mesmos cometem erros graves e não chegam para todos os requintados.

Não existe, pois, possibilidade de controlo por parte de quem paga e, por isso mesmo, agora que os C. T. T. são uma empresa particular haja quem imponha uma fórmula de recibo com controlo por parte de quem paga e tem direito a exigir.

uma se prodigalizavam depois outros adjectivos, além de lindas frases que de tão repetidas começaram a constituir para mim como que o suplicio da gota constante e sonora sobre a cabeça do penitente — frases assim género «Marília Pereira» a «Cotovia de Rio Tinto» ou «António Galinha», o fadista que canta e encanta.

Isto misturado com a música mais horrível, os altifalantes sempre no máximo, invadindo-nos impiedosamente a casa, apesar de fechar as janelas, as portadas, tudo. «Malandros», ia eu dizendo, quando já não conseguia fazer mais nada. E a linguagem (interior) foi-

A cheirar mal, sem policiamento e sem luz, a passagem subterrânea da Avenida Gulbenkian, junto do aqueduto das Águas Livres, não está a servir o fim para que, há cerca de quatro anos, foi construída. Em mais pessoas que atravessam aquela artéria, no local onde se encontra a passagem, apenas cinco utilizam esta. As restantes preferem esquivar-se por entre os veículos, que ali circulam constantemente e em e a via pública, e assim alcançam o outro lado.

Se não quisesse, me custe a vida, não vou usar uma das passagens subterrâneas, que não vem a servir o fim para que foi feita.

O outro lado da via, se respaldada na passagem, é a primeira causa que afogenta os transeuntes.

Tape o nariz, recomendou o neto à avó quando ambos começaram a descer os degraus.

Dejectos, papéis e lixo existem de um extremo ao outro da passagem. Só de olhos bem abertos o peão conseguirá atravessá-la sem pisar uma massa mole.

As pessoas interrogadas pelo «Diário de Lisboa» foram unânimes em admitir que não utilizavam a passagem devido ao estado de imundície em que se encontra.

Apenas uma — um guarda da P. S. P. — declarou que o não fez por «não calhar». Reconheceu, porém, que a imundície era um facto inegável.

De noite, outros motivos se vêm juntar a este: a falta de luz e o perigo de assalto à carteira do transeunte e a dignidade das mulheres.

As lampadas existem mas nunca estão acesas, afirmou um dos peões. Nem de dia nem de noite.

Muitos meliantes, aproveitando-se da escuridão, desrespeitam as senhoras e maltratam-nas fisicamente e moralmente, diz, por sua vez, o sr. J. M. Xavier.

Assaltos, também se têm verificado. O sr. M. Francisco contou-nos o caso (há pouco ocorrido) de um indivíduo que, depois de ter sido espancado, foi espoliado de todo o dinheiro e objectos pessoais que levava consigo.

As pessoas inquiridas pelo nosso jornal disseram que só uma rigorosa vigilância policial naquela zona poderia pôr cobro à situação de anormalidade ali existente.

Todas reconheceram o interesse inegável da passagem subterrânea, mas é difícil utilizá-la enquanto subsistirem aquelas irregularidades.

A im

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

da

O DIREITO AO SILÊNCIO

Por JOSÉ CARLOS DE VASCONCELOS

Os grandes Direitos do homem, aqueles direitos essenciais para que a pessoa humana seja respeitada em toda a sua dimensão e dignidade, estão compendiados numa Declaração Universal que, para lá de uma ou outra restrição (que já hoje se não possa fazer) continua a constituir a magna carta do cidadão do mundo do nosso tempo.

Porém, para lá desses grandes e fundamentais direitos, o homem do nosso tempo, nomeadamente quem habita (muitas vezes não por necessidade) as grandes urbes, precisa

que lhe sejam reconhecidos outros direitos — pequenos direitos, digamos, mas que por vezes valem os grandes.

Ora, entre estes, está o que poderemos chamar o direito ao silêncio — tanto mais necessário quanto é certo que a poluição sonora tende a aumentar constantemente, e de modo assustador. E, o que isto representa para a saúde do homem, em especial para o seu equilíbrio nervoso, vem cada vez mais sendo posto em relevo por cientistas e médicos que ao assunto dedicam justificada atenção.

Claro que já nem se fala

dos arrastais, das festas, das feiras, eu sei lá, de toda essa vasta gama de ajuntamentos de qualquer género em que os carros, os carrinhos eléctricos, as barracas seja do que for se sentem na obrigação de fazer mais barulho que o vizinho na alegria e lamentável convicção de que quem mais conseguir rebentar os tímpanos de quem passa, mais clientes arrebatará.

É claro que já nem nos referimos, também, ao barulho, às vezes tremendo, que anda no ar nas grandes cidades nomeadamente nas latinas, nem aos ruídos irritantes, por vezes ensurdecedores, que nos centros urbanos de maior dimensão se têm de suportar — e, numa terra como Lisboa, só ao nível dos meios de comunicação vão desde o buzinar insistente aos escapes abertos de automóveis e ciclomoteres, e desde os velhos amarelos que ainda por cá subsistem e vegetam até ao roncar tremendo dos jactos, que literalmente põem a tremer casas e pessoas.

Assim, um pobre mortal precisa de férias também para, de mistura com o ar livre e o sol, apanhar, um pouco de silêncio, que não se consegue aqui nas redondezas, sabido como as praias da linha ou da Outra Banda estão infestadas de barulho, e os pinhais de Monsanto, onde ainda se respira cidade, e estão irremediavelmente

transistorizados, à mercê do ballarico e da merenda.

Porém, um tipo chega a uma praia e rara é aquela — mesmo já entre as menos frequentadas e mais recatadas — em que, aqui ou ali, não se montou já uma instalação sonora ou não aparece um fabiano com um rádio portátil em altos berros. E em vez de se gozar o silêncio, quebrado só pela presença inigualável das ondas, e sua música, e seu ritmo, uma pessoa irrita-se, não descansa, sofre os metais, ainda mais metalizados, de um conjunto ordinário ou as patacoadas do constante calvário da cançoneta lusitana.

Mas pior ainda aconteceu-me durante uns dias que passei numa pequena povoação nortenha, onde me julgava ao abrigo de essas e outras intempéries, e onde supunha conseguir petiscar um pouco de silêncio propício ao repouso e ao trabalho. Mas qual quê? — o que tive foi muito mais barulho do que nos Restauradores...

É que havia lá na terra uma noite de cantorias com umas Marias e uns Manéis do cançonetismo luso, cujos nomes nunca antes ouvira, e também agora não recordo, mas que os altifalantes, com os registos nos máximos, começaram a anunciar quase uma semana antes, garantindo serem «vedetas do disco, da rádio e da televisão». Aliás, a cada

uma se prodigalizavam depois outros adjectivos, além de lindas frases que de tão repetidas começaram a constituir para mim como que o suplicio da gota constante e sonora sobre a cabeça do penitente — frases assim género «Marília Pereira» a «Cotovia de Rio Tinto» ou «António Galinha», o fadista que canta e encanta.

Isto misturado com a música mais horrível, os altifalantes sempre no máximo, invadindo-nos impiedosamente a casa, apesar de fechar as janelas, as portadas, tudo. «Malandros», ia eu dizendo, quando já não conseguia fazer mais nada. E a linguagem (interior) foi-

-se degradando, enquanto ficava cada vez mais cercada pela barulheira infernal, só me apetecendo ir à chafarica partir os discos e o palrador, tudo.

E, assim, o desgraçado que procurava silêncio e repouso, horas e dias a fio suportou uma barulheira infernal que entrava em toda a parte sem pedir licença, fazendo os passaros, assustados, fugir das árvores, sujando o ar e a paisagem. E assim o (infeliz) que passa o ano a suportar os ruídos mais irritantes, que leva as filhas ao Parque Infantil de Monsanto, e, na esplanada do café, soltam-lhe uma máquina de discos desenfreada; que vai à Parede ou à Caparica e tem de

aturar o trânsito, — que e sa a dormir e bresaltado, com dos factos na desgracia assim aldeia e ainda frer plicr que j.

Oh céus, ou uma Pasárgada em um h. seja filho ou ar — mas tenha, ar lre e puro não enha a m quer ou nome colha. mas, se me recort que me pergunt em ainda em eis o que agora, ria de razão, perguntando, e escrevo esta pro, e poeirrenta

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

mulheres

Cofres de aluguel
Av. República, 3
BANCO DO ALENTEJO

Curiosidade da
GUIA

GARANTIA DE PROBIIDADE
E COMPETENCIA

RUA D. DUARTE, 4-B
(Edifício do Hotel Mundial)

Fundada em 1875

JÓIAS
LINDAS E ORIGINAIS
CRIAÇÕES EXCLUSIVAS
OURIVESARIA
PIMENTA

Rua Augusto, 255 — LISBOA

SINTRA ESPERA-O
NO DOMINGO
Para a sua deslocação utilize
os comboios eléctricos

Pasta Medicinal Couto

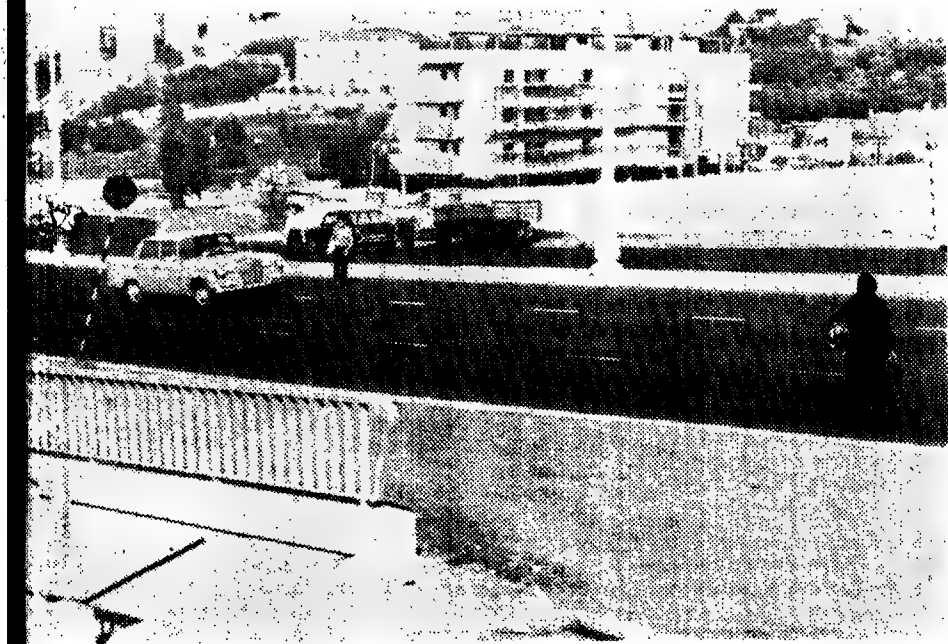
Evita e trata
doenças da boca

PORQUE É MEDICINAL

A imundície afasta as pessoas da passagem subterrânea da Avenida Gulbenkian



As mulheres, sobretudo elas, recusam-se a transitar pela passagem subterrânea da Avenida Calouste Gulbenkian



A passagem subterrânea existe mas não é utilizada. Os transeuntes preferem esgueirar-se por entre automóveis à superfície

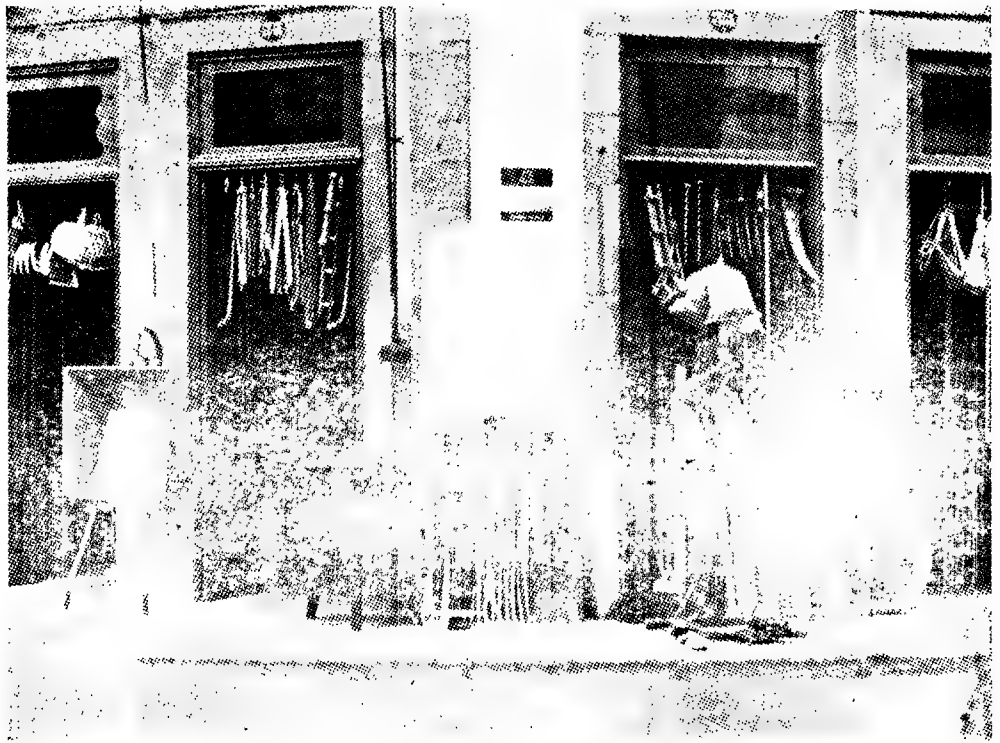
rar o transistor do vi-
ho, — que está em ca-
aormir e acorda, so-
saltado, com o ronco
iactos na Portela um
graçado assim chega á
eia e ainda tem de so-
r picar que isto tudo!
h céus, onde haverá
a. Pasárgadas qualquer
a um homem não
a filho ou amigo do rei
mas tenha, ao menos,
livre e puro; em que
o tenha a mulher que
er ou nome que es-
her mas, ao menos,
lhe reconheça o
e me perguntava, então,
a ainda em férias — e
o que agora, por maio-
de razão, continuo
guntando, enquanto
brevo esta prosa na escu-
e poeirenta sala de

uma redacção cujas pare-
des estão a ser demolidas...

(1) — Evidentemente
que não é em sentido juri-
dico que usamos, nesta
despretenhosa crónica, a
expressão direito ao silen-
cio. Mas o facto é que, ju-
rídicamente, o direito ao
repouso, do qual é parte
integrante, sendo princi-
pal, o direito ao silen-
cio existe e está
até consagrado, em-
bora em termos muito
(demasiado) vagos e ge-
néricos, no art.º 70 do Có-
digo Civil de 1966. Aliás,
ainda no domínio do Có-
digo antigo correu nos nos-
sos tribunais subindo até ao
Supremo, onde foi decidi-
do o ano passado um caso
curiosíssimo: uma acção
proposta por um conheç-
do médico, e dono de uma
clínica, contra um seu
vizinho, pelos ruídos feitos
pelos galináceos deste, que
incomodavam os doentes
internados na clínica da-

quele. O referido médico
pretendia que o seu vizi-
nho, oficial do Exército,
se abstivesse de ter no seu
quintal aves ou galináceos
que produzissem ruídos
que considerava incômo-
dos ou prejudiciais á sau-
de. O acórdão do S. T. J.
julgou o recurso (e a ac-
ção) improcedente — ha-
vendo porém dois votos de
vencido entre os cinco
conselheiros julgadores.
Se tiver oportunidade vol-
tarei ao tema abordando-o
numa perspectiva jurídica
e dando aos leitores um
resumo daquele original e
interessantíssimo pleito.

PARA COMPRAR
OU VENDER
AS SUAS JOIAS
BARBOSA, ESTEVES
& C.ª, LD.ª
293 — Rua da Prata — 295



Ferro velho, ferro novo... Ambas as qualidades se misturam numa loja de província, lá muito para o Norte, em Caminha. É que voltou às gentes o gosto das camas, dos lava-tórios e das mesas de ferro, tais quais se usavam aqui há 40 ou 50 anos atrás. O «ferro velho» está atento e vá de pintar, depois de comprados por tuta-e-mela, esses móveis que só os muito pobres conservavam. Depois, depois é a venda a alto preço. Mas como o negócio de ferro velho, só por si, não dá muito, é preciso vender utensílios de ferro novo.

CRÉDITO PREDIAL PORTUGUÊS

CONDIÇÕES ESPECIAIS DE JURO

DEPÓSITOS À ORDEM ATÉ... 50 CONTOS

3%

5,5%

DEPÓSITOS A MAIS DE UM ANO

TODAS AS OPERAÇÕES DE BANCO

FRANCÊS • INGLÊS • ALEMÃO
ITALIANO • RUSSO • HEBRAICO
MANHÃ, TARDE OU NOITE

cial
CENTRO DE LÍNGUAS

AV. DA REPÚBLICA, 14
Telef. 53 37 33

POR FAVOR!
NÃO ESQUEÇA
NÃO CONFUNDA

A GRANDE OURIVE-
SARIA DA MODA é na
RUA DA PRATA, 257,
com mais de meio século
de existência

Em FERREIRA DO ALEN-
TEJO o «DIÁRIO DE LISBOA»
é vendido por José Lopes

Contrato colectivo de trabalho das conservas de peixe

Prossegue as negociações para a revisão e actualização do Contrato Colectivo de Trabalho, entre os trabalhadores e as entidades patronais da indústria das conservas de peixe.

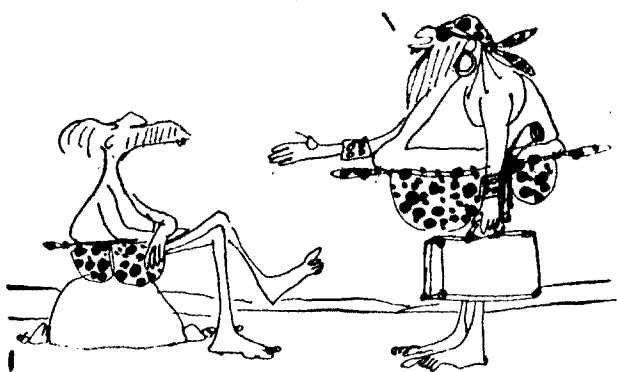
São organismos intervenientes e outorgantes, respectivamente: os Sindicatos Nacionais dos Operários da Indústria de Conservas dos Distritos do Porto, Leiria, Setúbal e Faro (e suas secções de Lagos, Portimão e Vila Real de Santo António) e os Grêmios dos Industriais de Conservas de Peixe do Norte, Centro, Setúbal e Barlavento e Sotavento do Algarve, representados pelos presidentes das direcções.

A próxima reunião está marcada para amanhã, e será efectuada, como habitualmente, sob a presidência do presidente da Corporação da Pesca e Conservas, dr. António Duarte Silva, na sede daquele organismo.

Foi, igualmente, convocado o presidente da direcção da Federação Nacional dos Sindicatos dos Operários da Indústria de Conservas, sr. António Aires Fenteira.

koko

VENHO DESPEDI-ME, UKI.
TENHO QUE APANHAR DAQUI A
POUCO O AVIÃO.



NESSA FIGURA NÃO TE
DEIXARAM PARTIR, KOKO.
TENS UM AR DEMASIADO
SUSPEITO...



ESTÁ DESCANSADO?
VOU JÁ TIRÁ-LOS.



ISTO DOS BRINCOS
NÃO PASSA DE UMA
BRINCADEIRA!!



Artes plásticas

Egon Poulsen expõe
no Funchal

Amanhã será inaugurada, no Hotel Savoy do Funchal, uma exposição do conhecido pintor dinamarquês Egon Poulsen.

Hospital de Almada

Uma equipa de médicos passa a assegurar permanentemente o serviço do Banco do Hospital de Almada. Esta medida, agora tomada pela Misericórdia, tem em vista beneficiar a população da importante vila da Outra Banda que se debatia com a falta de adequada assistência médica.

O artista, que apresentou as obras em Copenhaga, Corfu, Madrid, Sicília, Suécia, Alemanha, Capri e Madeira, já em 1968 passou uma temporada na Madeira.

Domingos e Pedro Saraiva
expõem em Sintra

Constitui um êxito a exposição de pintura que Domingos e Pedro Saraiva têm patente ao público, em Sintra, no salão do antigo Hotel Costa.

Arlindo Rodrigues
no Palácio Foz

Hoje, às 18 horas, numa das salas do Palácio Foz, será inaugurada uma exposição de cerâmica do artista Arlindo Rodrigues.

LOURENÇO MARQUES. 1 — (A.N.I.) — É o seguinte o teor do comunicado n.º 17/70 do Comando-Chefe das Forças Armadas em Moçambique:

«1. Continuam ao longo do Rovuma, distrito de Cabo Delgado, o adensamento do dispositivo militar e as operações tendentes à interdição da fronteira.

«Além das regiões anteriormente ocupadas, anunciou-se já a ocupação das importantes áreas de Omar e Tartibo, através das operações «Dureza» e «Novo Rumo».

Hoje anuncia-se a ocupação da área de Nazombe, feita sem resistência inimiga.

Em todas as regiões e áreas referidas se têm realizado, e continuarão a realizar-se, operações contra a infiltração. Em algumas de tais operações foram detectadas colunas que tentavam atravessar o rio Rovuma, tendo os seus elementos sido obrigados a refugiar-se na Tanzânia.

A fim de facilitar a cooperação com a Força Aérea na vigilância da fronteira, estão

a construir-se várias pistas e aeródromos.

«2. Noutras zonas de Cabo Delgado e dado, como se informou, não existirem já grandes e fortes organizações inimigas, tiveram lugar operações de menor envergadura, mas muito mais numerosas.

Entre estas operações destacam-se as referidas aos números seguintes:

3. As operações «Lidador» e «Estandarte», citadas no comunicado n.º 16, terminaram com a ocupação e destruição de três refúgios in-

migos na serra de Mape, que este designava por «Moçambique», «Pemba» e «Moguides».

Nestas operações, as nossas forças sofreram dois feridos, um dos quais grave.

4. Com a finalidade de tornar insustentável a situação aos elementos terroristas fugidos em consequência da operação «Nó Gordão» das ex-bases «Nampula», «Gungunhana» e «Moçambique», realizam-se frequentes flagelações, através de bombardeamentos da aviação e da artilharia, e está em curso uma série de operações terrestres com designação conjunta de «Caça».

5. Outras operações: «Furão», «Altitude» e «Proximidade» foram lançadas ao Norte e a Leste de Mueda, contra a base chamada «Negamano» e contra refúgios inimigos designados por «Lian-da», «Qinhevo», «Chiunda», «Mueda» e «Quelimane».

6. No distrito de Tete, na zona de fronteira com a Zâmbia, foram lançadas diversas operações tendentes à progressiva redução das infiltrações vindas daquele país e à destruição dos elementos infiltrados. Entre estas distinguem-se as operações «Espada», «Alpinista» e «Heracles».

7. Também no mesmo distrito está em curso a operação «Garça Real», que incide sobretudo nos refúgios inimigos do maciço Vasco da Gama e continua a operação «Seca», de apoio à autoridade civil no reordenamento das populações.

8. Ainda em Cabo Delgado e também em Tete, prosseguem as operações de protecção aos trabalhos de alfabetização das estradas, determinados pelo Governo Geral, sobre proposta do comando-chefe.

MARCA-B.D.V.1-69



começa com
DeVilbiss
e «acabe» melhor

Esta é a nova pistola manual electroestática de segurança absoluta e que lhe garante um rendimento de trabalho muito superior ao normal. DeVilbiss — a pistola que conquistou o nosso mercado... e o de todo o mundo, apresenta equipamentos resistentes, construídos com grande precisão, eficiência e simplicidade. Poderá escolher entre o sistema convencional, sem ar (airless), ou de tinta aquecida (hot spray)... DeVilbiss ajudá-lo-á na escolha do melhor sistema para o seu trabalho e garante-lhe um serviço de assistência de acessórios e de sobressalentes. Peça uma demonstração.



COMPRESSORES
DE AR



TANQUES
DE PRESSÃO



AQUECEDORES
DE TINTA



AIRLESS
E BOMBAS
DE TINTA



CABINES
DE PINTURA



MÁQUINAS
AUTOMÁTICAS

DEVILBISS



Agentes Gerais:

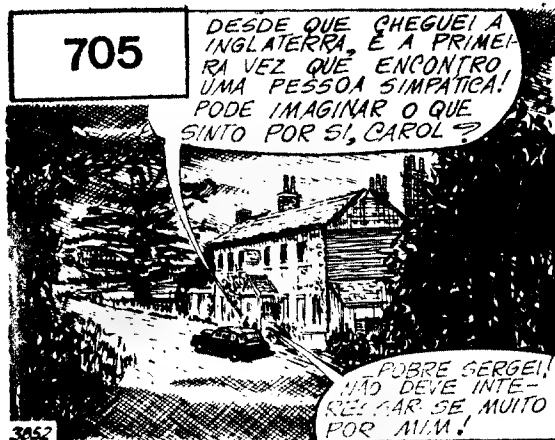
Bethencourt Bros., Ltd.
Rua de Cruz Vermelha, 11-B e D - Lisboa-4
Telef. 76 14 49 - 76 15 84 - 76 15 85

Walter Löbe, Ltd.*
Rua Fernandes Tomás, 841 - 2.
Telef. 3 09 43 - Porto

Os Peanuts



Carol Day



HA 30 ANOS

O «Diário de Lisboa» de 1 de Outubro de 1940 publicava:

«Também o Sião mandou invadir a Indochina, seguindo o exemplo do Japão.

«Quanto quilómetros de profundidade?

«Os jornais calculam que a invasão não irá além de cem.

«O caso da França parece-se bastante com a fábula do «Leão, do Velho e do Burro». No tempo em que a França era forte e próspera, ninguém peneava em a ultrajar. Agora que se encontra abatida, não lhe faltam enxovalhos e desconsiderações.»

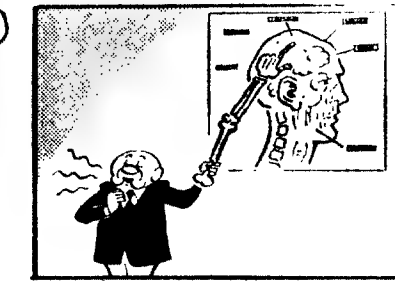
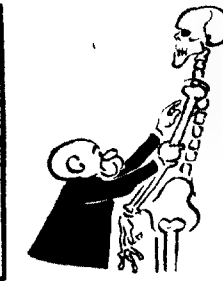
EXCURSÃO DA C. P.

«DOIS DIAS NO ALGARVE»

EM 4 E 5 DE OUTUBRO

Comunica-nos a C. P. que se encontra esgotada a lotação da excursão a realizar ao Algarve nos dias 4 e 5 de Outubro, em colaboração com a Empresa Geral de Transportes.

Aventuras do Tio Carlos



CAMISAS P MEDIDA
HIRONDELLE
R. Pedro Nunes, 39
(ao Saldanha)

SE TEM AUTOMÓVEL

realize dinheiro a hipotecar ou a transferir, a/ alterar o seguro; até 40 meses. Rua D Estefânia, 81, 3.º Dt. — Telex 40049 56375L. Aguardo sua visita ou telefonema

Palavras cruzadas

(COM PROVÉRBIOS)

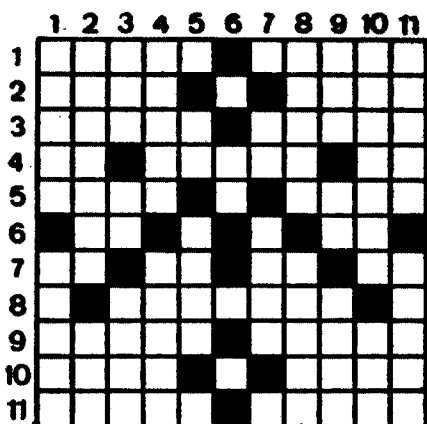
PROBLEMA N.º 5673

(NOVA MODALIDADE)

PROBLEMA N.º 9516

HORIZONTAIS: 1 — Nome de peixe. Canção de barqueiros. 2 — Rio da China. Aquele que. 3 — Dos pólos. Medita. 4 — O mais. Limpa. 5 — Palmeira da Amazônia. Vila e concelho do distrito de Évora. 6 — Li. O mesmo que uma (ant. e pop.). 7 — Deusa da Lua entre os egípcios. Fútil. Campeão. Ruim. 8 — Fêmeas dos cães. 9 — Acarício. Nome antigo da nota musical mi. 10 — A não existência. Grande afeição. 11 — Género de moluscos. Empregara.

VERTICAIS: 1 — Papá (Bras.). Sacode. 2 — Atiava. Causa. 3 — Lista. Troça. Pronome indefinido. 4 — Assinala. Faltar. 5 — Batráquio. Causa nenhuma. 6 — Estrépio de desmoronamento. 7 — Crânio (s. q.). Várzea à beira de um rio. 8 — Do porte de ad. Divisão de uma casa. 9 — Nome de homens. Alternativa. Corrução. 10 — Arose. Tiro. 9 — Lás. Irmão. 10 — Am. SABER. Dó. 11 — Estimava. Dispara.



Resolva completamente este problema? Procure agora em segundo passatempo o PRO-VERBIO neste inscrito.

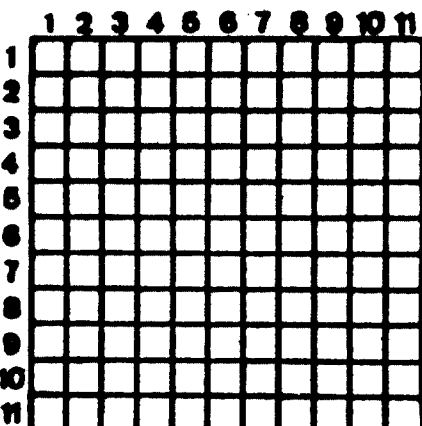
SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 5672

HORIZONTAIS: 1 — MUITO. 2 — FALAR. 3 — Acartaram. 4 — Apá. Cás. 5 — Ao. Almas. Se. 6 — Ugar. Sião. 7 — Cigas. Verbo. 8 — Oro. Mês. 9 — Arrematar. 10 — Ainaras. 11 — Al. Malar. De. 12 — Pesas. Moças. **VERTICAIS:** 1 — POUCO. 2 — Ua. Agira. 3 — Iça. Agora. 4 — Topana. Rima. 5 — Oral. Soerás. 6 — Mu. Mal. 7 — Foca. Voaram. 8 — Arose. Tiro. 9 — Lás. Irmão. 10 — Am. SABER. Dó. 11 — Lemos. Vés.

Provérbio: MUITO FALAR, POUCO SABER.

HORIZONTAIS: 1 — Quebre. Fêmea do porco. 2 — Esteira. Joieira. Aqui está. 3 — Classe de tropa. Recitará. 4 — Encontrar. Região montanhosa da Ásia Central. 5 — Planta vivaz e medicinal. Mete em mala. 6 — Rio de Portugal. 7 — Mechas. 8 — Simples. Ave aquática do Brasil. 9 — Terra nova e arrotada de fresco. Estavam. 10 — Rio da Rússia. Filtra. Ninho. 11 — Guarnecida de asas. Sementes de cereais.

VERTICAIS: 1 — Cidade da Argentina. Que-rida. 2 — Esbelto. Cupido. 3 — Ladeira. Tecido. 4 — Rio da Suíça. Lista. 5 — Ouro (s. q.). Aves semelhantes às pombas. Aqui. 6 — Pronome pessoal. Prefixo de negação. Compaixão. 7 — Deus dos pastores. Aquilo que se pescou. Prato (s. q.). 8 — Médico dinamamarque que recebeu o Prémio da Medicina em 1948. Preposição. 9 — Bruma. Grande preguia. 10 — Patriarca de Alexandria festejado a 28 de Janeiro. Cigarro feito de palha de milho (Bras.). 11 — Guarnecida de asas. Mamíferos ruminantes da família dos cervídeos.



SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9514

SOLUÇÃO DO PROBLEMA N.º 9515

HORIZONTAIS: 1 — Mora. Toca. 2 — Apo. Aio. Sôr. 3 — Ne. Apela. Um. 4 — Grato. Entra. 5 — Aoros. Airão. 6 — Ter. 7 — Cebra. Elvas. 8 — Atuar. Meada. 9 — Lã. Sanou. Ur. 10 — Maz. Mós. Aba. 11 — Araru. Eram. **VERTICAIS:** 1 — Manga. Calma. 2 — Opera. Atear. 3 — Ro. Arabu. Zã. 4 — Ata. Ras. 5 — Apostaram. 6 — Fie. Nô. 7 — Olearmos. 8 — ANI. Leu. 9 — Os. Trava. Ar. 10 — Caura. Aduca. 11 — Amão. Saram.

DOUTORAMENTO EM FRANÇA

Na Faculdade de Ciências de Paris, concluiu o seu doutoramento de Estado, em Ciências Físicas, com a classificação de «três honorable» o sr. Manuel Lopes da Cunha Belo, que dissertou sobre o tema: «Estruturas metálicas, factores físico-químicos superficiais e sensibilidade aos fenómenos de corrosão sobre tensão dos aços inoxidáveis».

Presidiu ao júri o conceituado metalurgista professor Georges Chaudron, da Academia de Ciências Francesa. O novo doutor, que é natural de Alcains (Beira Baixa), e filho do nosso correspondente naquela localidade, sr. Aníbal da Cunha Belo, formou-se em engenheiro-electroquímico e electrometallurgico na Escola Nacional Superior de Electroquímica e Electrometallurgia da Faculdade de Grenoble. Na qualidade de bolseiro do Estado francês, apresentou, em 1963, na Faculdade de Ciências de Paris, a primeira tese sobre «Metalurgia», que mereceu a aprovação com a classificação de «muito bom». Exerce a sua actividade desde essa data no Centro Nacional de Pesquisas Científicas de França. Publicou grande número de trabalhos em revistas da especialidade, sobre metalurgia e corrosão.

PIANOS VERTICAIS E DE CAUDA

ALUGAM-SE

Estabelecimentos

VALENTIM DE CARVALHO Comércio e Indústria, S. A. R. L. — 95, Rua Nova do Almada, 99 — LISBOA

MAIORES DE 17 ANOS AMBIENTE SELECIONADO

MÁRIO SIMÕES

E O SEU CONJUNTO na «BOITE»

HIPOPÓTAMO

SERVICO DE CEFAS

MARQUE A SUA MESA PELO TELEFONE 48384

AVENIDA ANTONIO AUGUSTO DE AGUIAR N.º 3

ABERTO DAS 22 AS 5 H (Encerrado aos domingos)

Leça, Matosinhos, Foz, Avenida da Boavista, Carvalhosa, Carvalhido, Rotunda da Boavista, Praça Marques de Pombal, Rua de Costa Cabral, Constituição, Praça da República, Bonfim e Antas, a partir das 19 e 30, e na Tabacaria do Bar-Restaurante do Acoro. O «Diário de Lisboa» encontra-se à venda nas tabacarias de porto em Pedras Rubras, a partir das 20 horas.



HENRIQUE DE QUINA RIBEIRO

Missa de 30.º Dia e Agradecimento

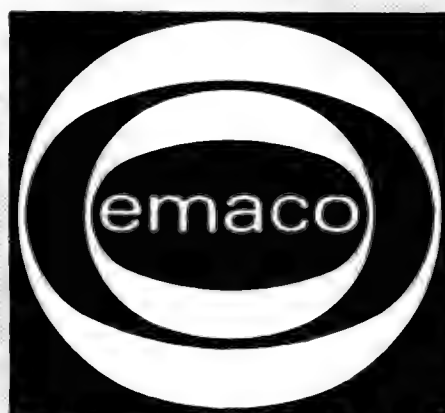
Maria Júlia d'Oliveira Quina Ribeiro, Maria Natália Pereira de Quina Ribeiro Santos e seu marido, Francisco Santos, Alda Maria de Lima Quina Ribeiro, Eng.º Leonel de Quina Ribeiro, esposa, filhos e neto, Carlos de Quina Ribeiro, Alice Maria Vasconcelos Novais de Quina Ribeiro, filhos e netas, Maria Clotilde Trovão de Quina Ribeiro, filhos e neto, Jacinto José Melo de Quina Ribeiro, esposa e filhos, Fernanda Rosa Leitão d'Oliveira Costa Pina, filhos e netos, António Leitão d'Oliveira e sua esposa, Maria Celeste Fernandes de Azeredo d'Oliveira, e demais família, participam que amanhã, dia 2, às 12 horas, na Igreja dos Anjos, será celebrada missa pelo eterno descanso do seu querido marido, pai, irmão, cunhado, tio e parente, agradecendo, não só a todas as pessoas que se dignaram assistir àquele piedoso ato, mas também às que, tendo-lhes manifestado o seu pesar, não puderam expressar directamente, por desconhecimento de moradas, o seu sincero reconhecimento.

iniciada a venda da 2ª fase.

APARTAMENTOS com sala, quarto, kitchenette, casa de banho e uma magnífica varanda sobre o mar. Alcatifas, ar condicionado, isolamento térmico e acústico, aquecimento, grandes armários. Kitchenette inteiramente equipada: fogão, frigorífico, esquentador, máquina de lavar louça e, ainda, exaustor de fumos. Lavandaria comum e habitação do porteiro no r/c. O conforto à sua espera.

ESTUDIOS prontos a habitar, completamente mobilados e equipados.

Visite o local (dias úteis das 14 às 19 h, Sábados e Domingos das 11 às 13 h e das 14 às 20 h).



INFORME-SE
das extraordinárias vantagens
de comprar agora.
Rua Barata Salgueiro, 53, r/c.
LISBOA



APARTAMENTOS
SOBRE A PRAIA
VENDEM-SE
EM CARCAVELOS
NA QUINTA DOS LOMBOS



CANAL DA CRÓNICA

por: MÁRIO CASTRIM

AS CÁPSULAS QUE FAZEM DORMIR E AS SÉRIES QUE FAZEM IDEM

Ao princípio era o caos. Havia um tal Merlim, agente duplo, ou triplo, não me lembro bem. Talvez mesmo quadrúple. Merlim assaltava uma base secreta para a produção de cápsulas dormentes. Steed, a Tara, o próprio Merlim, são postos a xoinar perfeitamente. Quando acordam, estão numa cidade abandonada. Uma cidade sem ninguém. Uma cidade fantasma. Os incautos telespectadores pensam que é sonho, mas não é. Lá para o fim da fita ficámos a saber que a cidade fora evacuada pelo exército britânico, que se tratava de um caso de emergência. Eu conto: alguém deixara uma bomba atómica na cave de um prédio. Quem? Não se sabe. E não se sabe porque, no tal prédio haviam estado delegações de 20 países e agora, sim, agora vão lá saber quem se esquecera do guarda-chuva, perdão!, da bomba atómica.



Recreação do jogo infantil...

Tudo parecia resolver-se com uma certa facilidade se o espírito do mal, o espírito das Trevas, o Belzebu em pessoa não se tivesse envolvido no negócio como não podia deixar de ser. E depois é tudo na renascença. No fundo, bem no fundo, a história das cápsulas dormideiras não é mais do que a recreação do jogo infantil do «Trava». Trava! — e os piratas, assassinos e mercenários do Leste aí estão quietinhos e dormidos como anjos.

CAMPISMO: 100 MIL PRATICANTES. SABIAM?

«Crónica» foi toda ela dedicada ao campismo. O campismo! Lembrar-se a

gente que! Bom, mas não interessa agora falar em coisas tristes. Sempre lhes digo que já houve tempo em que campismo era tabu. Campismo? Caluda! Felizmente, soube-lo ontem, a atitude modificou-se radicalmente, ou tende a modificar-se, nos últimos anos. Soube-lo por intermédio de Diogo de Sousa, da F. N. A. T., que nos falou do pelouro campista como um dos mais válidos daquela organização. Soube-lo especialmente pela voz de Joaquim Campino, director do prestigioso C. C. L., que ao campismo tem devotado grande parte da sua vida.

Joaquim Campino referiu-se, eloquentemente, ao papel que o campismo de-



História das cápsulas dormideiras...

semprenha na vida dos indivíduos e das nações, no seu aspecto educativo, desportivo e fomentador de turismo. Quanto

a este mostrou-se em desacordo com o sr. Noel O'Neill, que, em *Curto-Circuito* transmitido da Quartelra, referiu o fraco interesse económico que o campismo representava para o Algarve. «O Campismo — disse — é uma actividade complementar do grande turismo». Esta afirmação veio alicerçada pela experiência e pela análise da actividade campista em diversos países da Europa.

Não podemos deixar de ficar impressionados com os números fornecidos por Joaquim Campino. Quando se sabe que existem em Portugal para cima de 100 mil campistas filiados em diversos clubes e outras organizações, é natural perguntar-se se não se justificaria amplamente uma rubrica na Televisão, com lugar certo no programa, dedicado a uma modalidade tão popular no nosso País.

É evidente que Joaquim Campino não disse tudo. Quando se referiu às «ideias velhas» que ainda perduram em certas Câmaras Municipais — logo se conclui das dificuldades que o campismo tem encontrado na sua marcha através do Portugal desconhecido que ele quer ajudar a conhecer. Aquele lugar na «Crónica», por demasiado breve, não se adaptava a uma entrevista mais pormenorizada, é certo. Façamos votos por que de-

sapareçam as tais «ideias velhas». Já é tempo. Não favorecem o campismo. Não favorecem nada.



Alguma perplexidade?

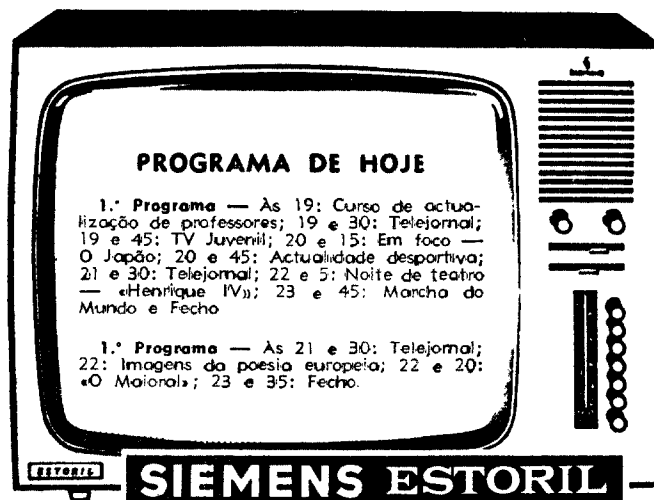
AQUI «JAZZ»

A última presença do «jazz» na televisão portuguesa foi, se não estou em erro, durante o festival internacional

(Continua na 20.ª página)

TV dia a dia

HOJE PODE VER...



AMANHÃ PODE VER...

I PROGRAMA — 1.º Período — As 12 e 45: Abertura e desenhos animados; 13: Feminino singular; 13 e 15: Filme de série, «Júlia», com Diahann Carroll, Marc Copage, Lloyd Nollan e Lurene Tuttle; 13 e 45: Telejornal, 1.ª edição; 14: Mini-decoração; 14 e 15: Logo à noite, e 14 e 20: Fecho.

2.º Período — As 19: Abertura; 19 e 1: Curso de Actualização de professores; 19 e 30: Telejornal, 2.ª edição; 19 e 45: TV juvenil; 20 e 15: Nós as mulheres; 20 e 45: Cartaz TV; 21: Ponto de vista; 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição e Boletim Meteorológico; 22: Série policial, «A Brigada Especial», com Clarence Williams III, Michael Cole e Peggy Lipton; 23: Concerto, pela Orquestra Juvenil de Portland da temporada de Juventude Musical Portuguesa no cinema Tivoli; 23 e 40: Actualidade desportiva — Rallye TAP; 23 e 55: Marcha do Mundo, e 23 e 45: Meditação e fecho.

II PROGRAMA — As 21 e 30: Telejornal, 3.ª edição e Boletim Meteorológico (simultaneamente com o I Programa); 22: Noite de Cinema: «Belinda a Escrava do Silêncio», com Jane Wyman, Lew Ayres (no I Programa em 24.ª edição); 23 e 30: Fecho.



Rádio

PROGRAMAS DE HOJE

EMISSIONA — 1.º Programa — 451 m — 665 kc/s. — As 16: Noticiário; 16 e 05: «Fala», Programa Infantil, por Ana Maria; 16 e 30: Que quer ouvir?; 17: Ginástica de Pausa, pelo dr. Marques Pereira; Programa da Tarde — Canções do nosso tempo; 17 e 25: A Orquestra de...; 17 e 35: Do Choupal até à Lapa; 18 e 10: Portugal Missionário, pelo padre Augusto Maia; 18 e 40: Música e sonho; 19: Noticiário regional; 19 e 45: Rádio Rural — Música, só música; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Solistas ligeiros; 20 e 38: 24.º Episódio do Folhetim «A Pedra de David»; 21 e 05: Espectáculo: Magazine de Teatro, por Jorge Figueiredo de Barros; 21 e 25: Conjuntos ligeiros; 19 e 40: Variedades do Emissor Regional do Norte; 22 e 30: Orquestras e conjuntos; 23 e 05: Programa da noite; 24: Fecho.

2.º Programa — 397 m — 755 kc/s. — As 16 e 30: A ópera em três actos «O amor de três reis» (Montemézzi); 18: Música do século XX; 19: Tempo literário; 19 e 25: Folclore Português — Canções Populares Portuguesas, em versões de concerto, de Lopes Graça; pelo Coro da Academia de Amadores de Música, dirigida por Lopes

Graça; 19 e 40: Música de piano; 20: Diário Sonoro; 20 e 20: Desdobramento; Música instrumental; 20 e 30: Concerto pelo Grupo Vocal Feminino Harmonia, sob a direcção de Friedrich Wilhelm Verner, preenchido com obras de: Cesar Franck e Gabriel Fauré, com a colaboração do meio-soprano, Dulce Cabrita e da pianista, Fernanda Lusa; 20 e 48: Música de Câmara; 21: O maestro Amând Birbaum dirige conjuntos de câmara; 21 e 30: Panoramas da História, pelo dr. João Ameal; 21 e 50: Recital de piano, por Antur Moya; 22 e 22: Poemas Sintónicos; 22 e 58: Fecho.

RÁDIO UNIVERSIDADE — 451 m — 665 kc/s. — As 19 e 10: Abertura; 19 e 12: Discoteca R. U.; 19 e 30: Radioscopia; 19 e 45: Fecho.

RÁDIO CLUBE — 290,13 m — 1034 kc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Ela e o seu mundo; 18 e 21: Música portuguesa; 18 e 30: Lisboa à tarde; 19 e 15: Contraponto; 19 e 30: Rádio-Jornal; 20 e 07: Música para o seu jantar; 20 e 30: Semana 7; 20 e 45: Rádio Piacand; 21 e 03: Diálogo; 21 e 08: Tempo-Novo; 21 e 32: Impacto; 22 e 30: Quando o telefone toca; 23 e 05: Mensagens bíblicas; 23 e 22: Grande roda; 0 e 02: «P.

B. X.»; 2: Contacto; 3 e 02: A noite é nossa; 6 e 02: Diário rural; 7 e 3: Talismã.

Modulação de frequência — 97,4 mc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 17 e 57: O nosso programa; 19 e 04: Em órbita; 21 e 02: Boa-noite em FM; 22 e 02: Programa da Gô-Gô; 0 e 02: Em órbita-dois; 1 e 03: Banda Sonora; 2: Perspectiva; 3 e 02: Fecho.

Emissor de Miramar — 383,6 m — 782 kc/s. — As 16 e 04: Programa C. D. C.; 18: Depois do chá; 18 e 30: Ela e o seu mundo; 18 e 45: Matinée teatral; 19 e 03: Miscelânea; 19 e 20: Robbaliac; 19 e 35: Estúdio 64; 20 e 10: Norte do dia a dia; 21 e 05: Só-Rádio; 21 e 40: Contrastes musicais; 21 e 45: O Anjo da Verdade; 22 e 03: O Santo; 22 e 15: Enisto para todas as nações; 22 e 30: Carrusel-3; 23 e 04: Clube da Juventude.

RÁDIO RENASCENÇA — 233,2 m — 1286 kc/s. — As 16: Radiograma; 18: Paul Mauriat; 18 e 30: Terço e bênção da Basílica dos Mântires; 19 e 05: Esquema; 13; 19 e 30: Página 1; 20 e 55: Meditação; 21: Variedades; 21 e 30: Artistas portugueses; 21 e 45: Leonard Cohen; 22: Quando o telefone toca; 22 e 30: Pentagrama; 22 e 45: Música variada; 23: A 23.ª hora e Fecho.

Actualidade internacional

ISRAEL NÃO SE APROVEITARÁ DA SITUAÇÃO — DECLARA YIGAL ALLON

JERUSALÉM, 1 — (A. N. I.) — Israel não tem intenção de se aproveitar militarmente da confusão provocada no Egipto pela morte do presidente Nasser — declarou o vice-primeiro-ministro israelita, Yigal Allon, numa entrevista ontem concedida à Televisão.

Depois de fazer notar que ainda é muito cedo para se saber quais serão as repercussões da morte do presidente Nasser na situação de Israel no Médio Oriente, Allon salientou que isto depende em grande parte da escolha do seu sucessor.

«Esperamos que o sucessor de Nasser tire ensinamentos do passado e não esqueça que o próprio Nasser chegou à conclusão de que não há solução possível no Médio Oriente e que é preciso recorrer aos meios políticos» — afirmou Allon, segundo a D.P.A.

O ministro concluiu declarando, que em sua opinião, a missão do enviado especial da O.N.U., Gunnar

Jarring, não será superflua, depois da formação de um novo Governo no Egipto.



LEILA KHALED

LEILA KHALED FOI LIBERTADA

CAIRO, 1 — (F. P.) — Aterrou esta manhã no aeródromo do Cairo o Cometa da R.A.F. que transportava Leila Khaled e os seis «feddayin» libertados pelas autoridades alemãs ocidentais e helvéticas.

O aeródromo foi seguidamente encerrado ao tráfego aéreo durante três horas por motivo do funeral do presidente Nasser.

TENTATIVA ISRAELITA

LONDRES, 1 — (F. P.) — Leila Khaled foi libertada pelo Governo britânico apesar de uma intervenção de última hora do embaixador de Israel em Londres — indica o «Daily Mirror».

A partida de Londres da jovem palestina decorreu de modo quase despercebido, apesar da vigilância das dezenas de jorna-

listas e curiosos junto à saída do comissariado de Ealing, onde Leila estava detida por tentativa de desvio de um avião israelita da carreira Amsterdão-Nova York, em 6 de Setembro passado.

Ontem de manhã, um comunicado do primeiro-ministro britânico indicava que, estando libertados todos os reféns detidos pela F.P.L.P. na Jordânia, iam ser igualmente postos em liberdade os palestinianos detidos pela Inglaterra, pela Alemanha Federal e pela Suíça.

CONFERÊNCIA DE 45 PARTIDOS COMUNISTAS

BUDAPESTE, 1 — (F. P.) — Delegados de 45 partidos comunistas reuniram-se em Budapeste nos últimos três dias, para discutir «problemas essenciais da luta anti-imperialista» — anunciou ontem a agência húngara MTI, sem indicar quais os partidos representados.

A conferência decidiu reforçar a unidade entre os partidos comunistas e as outras forças e organizações anti-imperialistas, fomentando acções comuns.

A última grande conferência comunista, de carácter consultivo, tinha-se reunido em Budapeste no Outono de 1968, para preparar a conferência cimeira de Moscovo de Junho de 1969.

CONFERÊNCIA ÁRABE NO CAIRO

CAIRO, 1 — (A. N. I.) — O primeiro-ministro sudanês, major-general Jaafar Nimeiry, convidou os reis e chefes de Estado árabes que se encontram no Cairo para assistirem ao funeral do presidente Gamal Abdel Nasser, a participarem numa conferência de alto nível que se efectua hoje às 17 horas (TMG), revelaram círculos oficiais geralmente bem informados.

Acrescentaram que a reunião, que deve efectuar-se na «suite» de Nimeiry no hotel do Cairo onde se encontra hospedado, examinará «as responsabilidades e os deveres das nações árabes para com o povo do Egipto nestes tempos duros».

VOO DO CONCORDE

FAIRFORD (Gloucestershire), 1 — (F. P.) — O avião Concorde 002 efectuou hoje mais um voo de ensaio. O protótipo britânico do aparelho franco-ingles attingiu a velocidade supersónica durante 42 minutos, num voo que durou uma hora e 45 minutos sobre o Mar do Norte.

Propostas da União Soviética sobre Berlim

WASHINGTON, 1 — (A. N. I.) — O embaixador russo em Berlim-Leste, Piotr Abrassimov, apresentou, na reunião de ontem dos «quatro grandes», uma série de propostas para a solução do problema de Berlim, o que acontece pela primeira vez — foi revelado

ontem, segundo a D.P.A., em meios governamentais norte-americanos.

Os embaixadores ocidentais prometeram estudar a fundo o documento, exigindo ao mesmo tempo esclarecimentos sobre certos pontos.

Uniaço — CANTONEIRAS PERFURADAS

COMUNICADO

A **Uniaço**, com sede em Lisboa na Rua de Santa Marta n.º 62-A, comunica aos seus Clientes e Amigos que em carta de 1 de Setembro de 1970 sob registo e com aviso de recepção RESCINDIU o contrato de distribuição exclusiva em todo o território nacional das cantoneiras perfuradas JVAL, a partir de 31 de Dezembro de 1970.

No entanto, a **Uniaço** garante a satisfação das encomendas daqueles produtos que lhes forem dirigidas até à referida data.

A partir de 2 de Janeiro de 1971, serão lançadas no mercado as cantoneiras perfuradas **Uniaço** conjuntamente com novos produtos e dentro das melhores condições de qualidade e acabamento.

Deste modo a **Uniaço** e toda a sua rede Comercial — nomeadamente a OBI, do PORTO, a COIMPER, de COIMBRA e a ESTANTARTE, de FARO, continuarão a servir a sua vasta clientela.

Uniaço — Indústria e Representações, Lda.

Rua de Santa Marta, 62-A — LISBOA

Crédito Universitário
BANCO DO ALENTEJO

Mao assistiu em Pequim ao desfile do aniversário da China Popular

HONG-KONG, 1 (F. P.) — As festas do 21.º aniversário da República Popular Chinesa começaram em Pequim na presença do presidente Mao Tse Tung que parecia de excelente saúde — anunciou Rádio Pequim, captada em Hong-Kong.

Uma multidão de centenas de milhares de pessoas cantava em coro «Presidente Mao, Wan Sei» (Presidente Mao, 10 000 anos).

As 10 horas locais o presidente Mao Tse Tung apareceu na tribuna e, visivelmente cheio de vivacidade, saudou a multidão com um gesto. Ao seu lado, o vice-presidente Lin Biao agitava o pequeno livro vermelho.

Este fez o discurso principal, recordando o «Aviso do presidente Mao segundo o qual continua a existir o perigo de uma guerra mundial». As populações do mundo devem estar prontas. No entanto, a tendência pertence a Revolução. Lin Biao confirmou que a defesa chinesa foi seriamente reforçada no ano passado e que a China continuará a esboçar a sua união militar com os povos do mundo para travar a luta anti-imperialista até ao fim.

Depois houve o desfile. O príncipe Norodom Sihanouk, ex-chefe de Estado do Camboja ocupava de novo com a

esposa um lugar de honra ao lado do presidente Mao e de Lin Biao.

FOGUETÃO EXIBIDO PELA PRIMEIRA VEZ

PEQUIM, 1 — (R.) — Durante a parada comemorativa a que assistiu Mao Tse Tung desfilou um foguetão de grandes dimensões que a Rádio de Pequim disse ser um protótipo destinado ao lançamento de satélites, aparentemente idêntico ao foguetão que em Abril colocou em órbita o primeiro satélite chinês.

Foi esta a primeira vez que um foguetão deste tipo foi exibido publicamente em Pequim, simbolizando a entrada da China para o clube das potências espaciais.

MENSAGEM SOVIÉTICA

MOSCOVO, 1 — (R.) — A União Soviética enviou hoje uma mensagem à China convidando-a a unirem os seus esforços na luta comum contra o imperialismo.

A mensagem foi enviada pelo Kremlin por motivo do 21.º aniversário da fundação da República Popular Chinesa e reafirma o desejo soviético de normalização das relações entre as duas grandes potências comunistas.



Mao Tse Tung numa das suas aparições em público

O ENSINO E A UNESCO

(Continuação da 1.ª página)

Noutro capítulo, a informação que vai ser estudada pelas delegações dos 125 Estados membros da UNESCO, reunidos em Paris, expõe as dificuldades encontradas no esclarecimento destes pontos, por falta de dados sobre as remunerações reais do magistério, pelo que não pode afirmar-se que assegurem um nível de vida adequado aos membros da profissão, nem que tais remunerações sejam suficientemente elevadas para reter a deserção de muitos que procuram um nível de vida superior noutras actividades.

A informação da comissão mista consta de 140 páginas, com capítulos dedicados aos propósitos gerais da educação e à política educacional dos Governos, preparação da pro-

fissão, aperfeiçoamento do pessoal, condições de contrato e exercício da carreira, direitos e obrigações do pessoal docente, condições necessárias para um ensino eficaz, remuneração e segurança social, escassez do pessoal. Sob estas perspectivas tão amplas, o comité misto sublinha que dos 77 países que responderam ao inquérito poucos apresentaram o problema do magistério sob uma perspectiva dinâmica, isto é, tendo em conta a situação do magistério dentro das tendências dominantes e no conjunto da evolução sofrida pelas remunerações no decurso dos cinco anos anteriores e das medidas que se prevêem para os cinco anos seguintes.

REFORMAS EM ESTUDO

A totalidade dos países, que hoje aplicam uma política geral de planeamento da educação, afirmam que a formação de um pessoal qualificado é o factor determinante do desenvolvimento e melhoria da educação. Mas mais de metade dos países têm dificuldades em aplicar as normas mínimas fixadas pela recomendação. Estudam-se reformas para elevar a preparação do magistério do ensino primário e o comité indica que «uma preparação mais vasta não equivale, só por si, a um nível de formação mais elevado».

Para o ensino médio, têm aplicação, na maioria dos casos, as exigências de títulos universitários ou equivalentes.

O comité misto UNESCO-OIT propõe a intensifica-

ção dos estudos e inquéritos internacionais em relação com uma série de pontos considerados da máxima importância. A informação refere-se à incerteza nas garantias concedidas ao pessoal docente na celebração dos contratos, na promoção e na cessação do cargo. As decisões que se tomam não têm, por vezes, relação nenhuma com o exercício do ensino, como ficou consagrado na recomendação internacional.

Merece igualmente um exame mais demorado o problema da segurança no emprego, o das liberdades académicas e o princípio da participação de mestres e professores na determinação da política pedagógica. Na maioria das respostas (umas 40 em 77), indica-se que o pessoal docente participa na melhoria dos programas de estudo e dos meios auxiliares do ensino, e quase todos os países estudados dão a entender que o pessoal docente tem liberdade de utilizar os métodos pedagógicos que considerar aconselháveis.

Contudo, não são satisfatórios os processos de negociação nem os meios de resolver os conflitos entre o professorado e os seus empregadores. E cada vez mais frequente conceder o estatuto de funcionários aos professores, mas as determinações tomam-se unilateralmente, sem que se verifique qualquer forma de negociação e «é difícil duvidar da participação efectiva do pessoal docente e suas organizações nos sistemas de peritagem encarregados de resolver os conflitos e não é frequente os professores encontrarem-se directamente representados em pé de igualdade com a entidade patronal».

PESSOAL DOCENTE ESCASSO

Ao entrar no capítulo dos rendimentos do ensino, a informação do comité misto adverte que, em quase todo o mundo, se chegou aos limites da matrícula máxima autorizada nas turmas, o que é uma confirmação de que o pessoal

docente é mais escasso do que se pensa e que nem sempre se aplicam os preceitos da recomendação internacional.

Nos futuros questionários deverão incluir-se perguntas mais concretas para se saber se essa remuneração é equiparável à que se dá a outras profissões de qualificações análogas e se o regime de pagamento proporciona um nível de vida aceitável ao pessoal docente e suas famílias.

«Se houve numerosos governos que procuraram facilitar as escalas de vencimentos, nenhum forneceu dados comparativos sobre vários anos, nem sobre a forma como tais vencimentos poderiam ser comparados com os das outras profissões. Em contrapartida a Comissão Mista observa que muitas das informações dos governos referem que os professores de Matemáticas e Ciências são solicitados para actividades mais bem remuneradas».

O FUNERAL DE NASSER

(Continuação da 1.ª página)

cos. Os edifícios estão encimados por bandeiras a meia-haste com tarja negra e das janelas pendem coladuras da mesma cor.

A viúva do presidente não resistiu à manifestação mácia dos milhões de habitantes e desmaiou quando seguia para a sede da União Socialista Árabe, onde teve de ser assistida.

Entre os dirigentes estrangeiros presentes encontraram-se o rei Hussein da Jordânia e o chefe guerrilheiro Yasser Arafat, que se tinha reconciliado no Cairo poucas horas antes de ser ser fulminado por ataque cardíaco, graças à sua intervenção.

O primeiro-ministro viético Kossyguine foi dos primeiros a chegar ao Cairo e estará ao lado do primeiro-ministro francês Chaban-Delmas e do ministro britânico dos Negócios Estrangeiros Douglas Ho-

APRENDA INGLÊS EM INGLATERRA

Entre 3 a 9 semanas num bom colégio inglês e alojando-se em casa de famílias inglesas. O colégio lhe fornecerá, além do curso, todas as facilidades desportivas, sociais e culturais que necessitar

DESDE 8.180\$00

Incluindo passagem aérea de ida e volta, estadia em quarto individual, refeições, excursões e visitas de interesse geral, além do curso de inglês com diploma

SE JÁ SABE INGLÊS «BRUSH UP YOUR ENGLISH»

INSCRIÇÕES NA AGÊNCIA DE VIAGENS

CAPRISTANOS TURISMO, LDA.

Av. Duque de Loulé, 47-A TEL: 560171

CONSULTE-NOS!

Nixon em Belgrado

BELGRADO, 1 — (A. N. I.) — O presidente Nixon foi ontem alvo de uma calorosa e amistosa recepção de cerca de 200 mil jugoslavos, na sua primeira visita a Belgrado, na qualidade de presidente dos Estados Unidos. Nixon disse ao presidente Tito: V. Ex.ª pode ser nosso amigo sem ser inimigo de quem quer que seja».

Nixon fez esta declaração depois de Tito se ter referido ao não alinhamento na luta pelo poder mundial e de ter sublinhado que a humanidade continua a viver sob a ameaça

de uma nova guerra, enquanto os Estados Unidos e a União Soviética não acabarem com as suas divergências.

Os dois presidentes falaram aos brindes, no banquete de gala oferecido em honra de Nixon no Palácio Branco, residência oficial de Tito em Belgrado.

Nixon elogiou a Jugoslávia e Tito, por desempenharem importantes papéis no desenvolvimento de um movimento de neutralismo e não alinhamento. Declarou que os Estados Unidos respeitavam esta posição.

Conta Juventude BANCO DO ALENTEJO

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL

COMPAE/DSM

Faz-se público que, na Secretaria da Comissão do Plano de Aquisições do Exército da Direcção do Serviço de Material, Rua Rodrigo da Fonseca, n.º 180, 3.º, em Lisboa, se encontra (m) aberto (s) o (s) Concurso (s) Público (s) seguinte (s):

CONCURSO N.º	AQUISIÇÃO DE	CAUÇÃO PROVISÓRIA	ABERTURA DE PROPOSTAS	
			DATA	HORA
31 PAE/70	VIATURAS AUTO TG 1 TON (PICK-UP)	16.000\$00	3 DEZ 70	15.30

O (s) respectivo (s) Caderno (s) de Encargo (s) pode (m) ser consultado (s) todos os dias úteis das 14 às 18 horas e aos sábados das 10 às 12 horas.

As propostas devem ser entregues até às 15 horas do dia acima marcado para a abertura das mesmas.

O Presidente da COMPAE 70/DSM, Int.º
JOSÉ MANUEL TOJEIRO QUENTÃO
Coronel Eng.º do S. M.

MARIA DO CARMO DOS SANTOS MANSO FALECEU

Manuel Toscano, Maria Luísa dos Santos Manso Toscano, Maria Teresa dos Santos Manso Toscano Silva seu marido João Alberto Magalhães Silva, irmãos netas e mais família participam que foi Deus Servido Chamar à Sua Divina Presença, a sua muito querida mulher, mãe, sogra, irmã, avó e parente, e que o funeral se realiza amanhã às 11 horas, da Basílica da Estrela para o Cemitério da Ajuda.

As 10.30 horas, será celebrada missa de corpo presente.

AGENCIA BARATA

Anulado um encontro Nixon-Kossyguine

MOSCOVO, 1 — (F. P.) — Um encontro Nixon-Kossyguine, amanhã em Viena, fora tecnicamente preparado quando da recente crise jordana, mas já não se verificará, sabe-se de boa fonte leste europeia.

Os preparativos desta reunião não foram realizados por via diplomática.

Segundo a mesma fonte a iniciativa da reunião ao parecer ter sido dos Estados Unidos. Um contacto a alto nível entre os dois dirigentes, foi considerado de grande interesse quando rebentou a crise jordana.

Engenheiro Eduardo Rodrigues de Carvalho FALECEU

A mesa da assembleia geral, do conselho de administração e do conselho fiscal da Companhia Portuguesa de Celulose, S. A. R. L., cumpram o doloroso dever de participar o falecimento do senhor engenheiro Eduardo Rodrigues de Carvalho, presidente do conselho de administração, e comunicam que o seu funeral se realiza amanhã, às 12 horas, da Basílica da Estrela, para o cemitério do Alto S. João, após missa do corpo presente, às 11 horas.

ASSIM VAI O TOTOBOLA...

Prognósticos dos Órgãos de Informação
para o 4.º concurso da 10.ª época

Jornal de Felgueiras — 211 212 1111; Rádio Alitude — 111 111 X11 1212; Defesa de Espinho — 111 211 211 1112; Jornal do Barreiro — 111 X11 XX1 X2X2; Diário dos Açores — 111 211 XXX X2X2; Correio dos Açores — 111 211 2X1 X1X2; Ecos do Desporto — 111 211 211 1X1X; A Ilha — 1XX 211 XX1 1XX1; Açores — 111 211 XXX 1XX2; Correio de Coimbra — 111 211 11X 1X12; Linhas de Elvas — 111 XXX 11X 1111; Jornal da Lixa — 111 211 112 1212; Notícias de Felgueiras — 11X 211 X1X 12X2; Correio da Horta — 111 211 X12 XX2X; O Telégrafo — 111 211 XX2 1212; Jornal do Sul — 111 211 11X XX1X; O Distrito de Setúbal — 112 2X1 211 X2X1; O Tempário — 111 211 111 1112; Clube Asas do Atlântico — 111 211 XX2 122X; Semana Tirsense — 111 21X X2X 11X2; O Comércio de Guimarães — 111 1X1 X11 X221; Jornal das Aves — 111 21X X11 122X; Jornal de Viseu — 11X 211 XX2 1211; O Concelho de Estarreja — X11 211 X12 1X1X; O Comércio do Porto — 111 X11 X11 1X12; O Algarvio — 111 211 11X 1X1X; Comércio de Portimão — 111 211 112 1211; Voz de Lamego — 111 211 121 12XX; Ecos de Cacia — 111

Ciclo Preparatório em Sacavém

A Câmara Municipal de Loures, em colaboração com a Direcção do Ciclo Preparatório, aceita, imediatamente, e até ao dia 6, inscrições de alunos para a frequência do Ciclo Preparatório a funcionar na Escola de Sacavém, podendo as mesmas ser também efectuadas nas Juntas de Freguesia de Moscavide e Sacavém e no Bairro Administrativo de Moscavide.

211 212 1111; Rádio Alitude — 111 X11 X11 1212; Gazeta do Sul — 11X 211 2X2 111X; Brados do Alentejo — 111 X11 X22 XX11; Passatempo J. J. 111 211 111 1211; Jornal Beira Baixa — 111 211 11X 12XX; Folha do Domingo — X11 211 X11 X21X; Notícias de Chaves — 11X 211 11X 12X1; Rádio Oceano — 111 211 2X1 2212; Eu Sei Tudo — 111 2X1 X11 1X1X; Estrela da Manhã — 111 211 21X 12X1; Mosaico — 111 211 X11 2211; Cavalgada do Ritmo — 11X 211 211 1XX2; Imagens Piedenses — 1X1 X11 11X 1221; Revista de Som — 111 211 X11 1X1X; Póvoa de Lanhoso — 111 211 X12 X21X; Renovação — 121 X11 XX1 2X11; A Defesa — 111 211 11X XX12; Mundo Desportivo — 111 211 111 X11X; Diário da Manhã — 111 211 111 1XX1; Pega que não Maça — 111 211 X11 111X; Boletim Desportivo (ENR) — 111 211 111 1X1X; Cantinho Ricardo Lemos — 111 211 21X 1122; As 10 Esperas por Nós — 111 X11 21X 11XX; Dos Fracos Não Reza a História — 111 21X 212 X212; Ideal Rádio — 111 211 X11 11XX; A Lição do Menino Quim — 11X 211 11X 1X1X; Momento Totobola (ENR) — 111 211 2XX 1X1X; A Ordem — 1X2 21X 211 12XX; Penalti — 111 211 112 1221; Electro Mecânico (ENR) — 111 211 XXX 1111; Auto-Rádio — 111 211 21X 1222; Jornal da Beira — 111 211 X11 XX1X; Campeão Português — (RR) 111 X11 X11 122X; Rádio Sports (ENR) — 111 211 111 1222; Sorriso da Hora do Almoço (ENR) — XXX 111 X11 1111; A Voz dos Ridículos (ENR) — 111 211 211 1111; De Tudo Um Pouco (ENR) — 111 211 X11 1X21; Repórter do Dia — 111 211 21X 21X2; Repórter do Dia (Angola) — 111 211 211 12X1; Notícias do Douro — 111 211 X1X 1X1X; Jornal do Fundão — 1X1 211 2XX 12X1; Badaladas — 111 211 211

XX11; A Voz do Domingo — 111 211 X11 1112; A Rabeca — 111 X11 112 2X11; Maria da Fonte (Desporto) — 111 211 X12 1X11; Passatempo (ENR) — 111 111 111 1X12; Gazeta das Caldas — 11X X11 X12 12X2; Jornal de Santo Tirso — X11 21X 12 XX1X; Correio do Minho — 111 X11 X11 11X2; A Voz Desportiva — 111 211 112 1222; Correio do Vouga — 111 211 211 2121; Litoral — 111 X11 111 112X; Reconquista — 111 211 211 111X; Notícias de Évora — 111 211 X1X X2X1; Os Belenenses — 11X X11 X11 X21X; República — 111 211 211 X222; A Voz — 11X 211 21X X222; Sporting — 211 211 212 2212; Novidades — 111 211 X11 1222; Boletim Desportivo (RCP) — 111 X11 X11 221X; Colina Sagrada — 11X X11 X21 X21X; Comércio de Leixões (DTUP) — 111 211 21X 1X12; Mscelânia Musical — X11 21X 1X1 1X11; Montra do Exito — 121 11X 21X 1211; Musica e Desporto (RCP) — 1X1 211 111 1222; Programa da Manhã (RCP) — 1X1 X11 22X 1111; Programa Sem Nome (RCP) — 1X1 111 111 1111; Rádio Clube do Norte (ENR) — 1X1 211 X1X 1X11; Rádio Placard (ENR) — 111 X11 X11 1212; Estúdio 64 (RCP) — 111 111 212 1212; Placard Desportivo (RCP) — 11X 211 1X2 12XX; Resenha Desportiva (ENR) — 11X 211 X12 1X2X; Só Rádio (RCP) — 111 211 1X1 2X11; Jornal

de Notícias — 111 211 11X 12XX; Primeiro de Janeiro (VAB) — 111 211 1X1 112X; Norte Desportivo — 111 X11 X12 1XXX; O Porto (NP) — 111 211 X1X 1X21; Correio do Douro — 111 111 11X 1122; Diário do Norte — 111 211 11X 11X1; Diário do Sul — 111 2X1 1XX 1112; A Comarca de Arganil — 111 X11 XXX 12X2; Notícias de Penacova — 111 X11 2X1 X212; Diário de Coimbra — 111 211 21X 1XX2; Centro Desportivo — 11X 111 X1X 12X2; Diário de Lisboa — X11 211 X12 1222; Diário — 111 211 211 12XX; Província — 111 211 X12 XX1X; Comércio — 111 211 111 1X21; Ronda Norte — 111 211 X11 1X1X; Café Noite — 111 211 X11 112X; Panorâmica — 2X1 21X 111 1212; Vida e Música — X11 2X1 11X 1X1X; Último Palpite — X11 2X1 122 XX11; Angola Norte — 111 X11 X12 2222; Apostolado — 11X X11 21X 112X; Canal 18 — 11X 211 21X 12X2; Notícias Totobola — 111 1X1 21X 1XX1; Lobito — 111 211 X11 1X12; Notícias — X21 X11 111 X2X1; Diário de Moçambique — 111 211 X1X 1X12; Brado Africano — 111 X11 2XX 12X2; Domingo Alegre — 111 211 111 11XX; Roteiro Sonoro — 111 X11 21X 1111; Bondiazinho — 1X2 11X X11 2111; Passatempo — 221 21X 122 11X2; Vamos Jogar no Totobola — 211 212 1X1 12X1; Cidade 70 — XX1 211 121 XX11; Terceiro Programa — 1X1 21X 111 1X11.

BOLAS (a)						
	1	X	2	1	X	2
1. Académica-Farense	122	10	4	10	1	1
2. Cuf-Varzim	119	13	4	10	1	1
3. Sporting-Setúbal	116	17	3	10	1	1
4. Guimarães-Benfica	11	25	100	1	2	9
5. Porto-Barcelos	128	8	—	11	1	1
6. Belenenses-Tirsense	123	12	1	10	1	1
7. Sanjoanense-Braga	43	56	37	4	5	3
8. U. Leiria-Vizela	107	22	7	9	2	1
9. U. Lamas-Salgueiros	63	44	29	6	4	2
10. T. Novas-Sesimbra	99	26	11	8	3	1
11. Tramagal-Atlético	35	43	58	3	4	5
12. Olhanense-Torriense	70	38	28	6	4	2
13. Oriental-U. Tomar	44	43	49	4	4	4

E o prognóstico lógico será: 111 211 X11 1212

(a) — Nos termos do art.º 10.º do Regulamento Geral dos Concursos se houver necessidade de sortear os resultados dos jogos não realizados na data do concurso, as bolas entrarão na esfera do sorteio nas quantidades indicadas no presente mapa.



O Banco Borges & Irmão presta o seu apoio ao Congresso Internacional de Termalismo e Climatismo Médicos, ontem inaugurado no Estoril, através de um posto de câmbios instalado no local, junto do qual se vê o dr. Rébello de Souza, ministro das Corporações e da Saúde, com alguns dos participantes naquela importante reunião

COPIADORES OCÉ EM EXPOSIÇÃO

Num dos salões do Hotel Ritz, a Regisconta promoveu a apresentação de dois dos mais avançados copadores para saas de desenho (sem revelação amoniacal): o Océ 222 e o Océ 250, e ainda os protótipos dos novos «Océ-Minolta» 1415 e 1150 (fotocópia electrostática), produzidos pela sua representante Océ, fábrica holandesa cujo grau de avanço técnico dos sistemas de reprodução está bem patente.

As demonstrações são realizadas por Irene Marques Silva, com a colaboração de Carlos Rodrigues e Fernando Santos, do departamento de vendas da organização para o efeito se deslocaram expressamente a Lisboa. A exposição está patente ao público até ao próximo sábado.

ENG. OU AG. TÉCNICO

Civil, admite-se em part ou full time p/ lugar de futuro em importante empresa. Necessário muita experiência de direcção de obras e prática de orçamentos. Resp. pormenorizada a este jornal, n.º 602.

CANAL DA CRÍTICA

(Continuação da 17.ª página)

que se realizou na Noruega. Regressou ontem a propósito do festival da Finlândia. Ainda há quem seja contra os festivais...

A respeito das qualidades e defeitos desta emissão, Manuel Jorge Veloso disse o indispensável. As suas observações não se limitaram ao puro relato informativo: o comentador soube orientar os telespectadores nos meandros da interpretação, chamando a sua atenção para os aspectos mais significativos. A arte de cantar de Karin Krog e a ciência e o fogo do contrabaixo, Arild Anderson ficaram como das presenças mais fortes que o «jazz» nos deu através da televisão. Duminaram ontem o festival de Helsinki e terão deixado (especialmente a Karin) alguma perplexidade entre os telespectadores portugueses muito apreciadores de gentis cançonetistas da nossa praça, com trânsito frequente por TV clubes.

No início da emissão Manuel Jorge Veloso fez-se eco das esperanças manifes-

tadas por alguns de que o ano de 1970 seria «o ano do pontapé de saída para o «jazz» no nosso País». Enumerou diversas iniciativas que, na sua quase totalidade, reflectiam uma atitude passiva, não criadora não empreendedora. Que se fez em Portugal, em 1970, nos domínios da prática do «jazz»? Quantos praticantes? Quantos clubes? Não, no ano de 1970 houve muito pontapé, mas não de saída para o «jazz». Aqui faz não deve confundir-se com aqui «jazz». Verifique-se que entre nós seria absolutamente impensável a organização de um festival como este que nos vem da Finlândia. Não porque potencialmente, não tenhamos qualidades e interesse pela modalidade. O que acontece é que o amor do «jazz» o amor da música, o amor da arte não podem reparar-se de uma certa maneira de ser social. Fomentar o que há, não é haver o que se fomenta. Este último processo é por vezes extremamente vagaroso. Falando-lhes condições, não dá um passo. Ora é isso mesmo o que nos falta: condições.

MARIO CASTRIM

FERGUSON
A GRANDE MARCA BRITÂNICA DE TV

COMPANHIA NACIONAL DE NAVEGAÇÃO		
NAVIOS	SAÍDAS	PORTOS DE DESTINO
«TIMOR» *	9 de Outubro	Directo a: Luanda, Lobito, L. Marques, Beira, Nacala, Singapura, Hong-Kong (Macau) e Diu.
«S. THOMÉ» *	9 de Outubro	Directo a: Luanda, Lobito e Cabinda.
«NACALA» *	15 de Outubro	Directo a: Lobito, L. Marques, Beira, Moçambique e Nacala.
«MOÇÂMEDES»	21 de Outubro	Leixões, Cabinda, Zaire (se necessário), Luanda, Porto Amboim, Novo Redondo, Lobito, Moçâmedes e se necessário, Porto Alexandre e Curo.
«P. PERFEITO»	4 de Novembro	Luanda e Lobito.

* Com escala prévia por Leixões

Reserva de passagens: Telef. 34764 e 369172

LISBOA — R. DO COMÉRCIO, 35, TEL. 34764
PORTO — R. INFANTE D. HENRIQUE, 63, TEL. 22240

DESPORTO DESPORTO DESPORTO DESPORTO

TERMO DE MAIS UMA «SEMANA EUROPEIA» DE FUTEBOL

Só os barreirenses ficaram pelo caminho...

Das cinco equipas portuguesas intervenientes em competições europeias, apenas o Barreirense, estreante nestas andanças, não conseguiu ultrapassar a primeira eliminatória. As demais continuam em prova.

O Vitória de Setúbal foi o primeiro a dar novo passo em frente, confirmando, no seu iluminado Estádio do Bonfim, o triunfo obtido na Suíça frente ao Lausanne. O jogo, como tivemos ensejo de referir em edição anterior, disputou-se na terça-feira.

Entretanto, ontem, as quatro restantes equipas lusas estiveram em acção. O Vitória minhoto perdeu com o Angoulême, em França, mas havia ganho o jogo em Guimarães

por maior diferença (3-0 e 1-3), passando, assim, à eliminatória seguinte; o Sporting, em Malta, não teve dificuldades em confirmar o triunfo obtido em Alvalade (5-0), averbando nova vitória, desta feita por quatro golos sem resposta; o Barreirense, como já dissemos, perdeu o jogo (e a eliminatória) em Zagreb, frente ao Dinamo, mas o facto teve origens extra-futebol-bem-compreendidas... Finalmente, na Luz, o Benfica desfez a igualdade verificada no jogo da primeira «mão» (1-1), realizando uma exibição magnífica e «goleando» o Olinpija sem apelo nem agravo — 8-1, com cinco golos de Eusébio.

Seguem-se crónicas resumidas dos quatro encontros realizados ontem.

FLORIANA, 0-SPORTING, 4

NENHUMA DIFICULDADE...

LA VALETTA, 1-(E.) — Em piso pelado e irregular, o campeão português realizou, ontem, nesta cidade, exibição de categoria, que os próprios adeptos do Floriana souberam distinguir e apreciar. O Sporting, de facto, adaptou-se, admiravelmente, a um terreno a que não está habituado e isso ainda mais contribuiu para provocar a admiração dos malteses.

Houve um jogador que esteve em grande evidência: o dianteiro Marinho. Exibição a todos os títulos notável. Pode dizer-se que Marinho colaborou largamente na obtenção de três dos quatro golos marcados pela sua equipa.

Entre os autores dos tentos — Nelson (2), Dinis e Tomé — Dinis também, feriu particularmente as atenções do público, que dele se despediu com calorosa ovação, quando o sensacional negro, mestre na arte subtil dos dribles e das fintas, abandonou o terreno, para ceder o lugar a outro colega de equipa, Pedras.

O predomínio da equipa portuguesa, analisado em todos os aspectos do jogo, fez-se sentir em todo o encontro. O resultado quedou-se em

4-0, mas poderia ter sido mais severo para o Floriana. Bastará referir que dois remates levaram a bola a esbarrar na trave e que os campeões lusos desperdiçaram ainda outros soberanos ensejos de robustecer a marca.

Para além da vitória, que os desportistas locais esperavam já, da equipa portuguesa, esta deixou magnífico exemplo em Malta, habituada a ver em acção «teams» de grande categoria. Realizou, de facto, exibição de extraordinária valia, com uma facilidade e uma personalidade tais que deixaram altamente surpreendidos e rendidos tanto os jogadores como a assistência.

Em ambiente de extrema correcção, boa arbitragem de John Taylor, do País de Gales.

ANGOULÊME, 3-V. GUIMARÃES, 1

Perder o jogo... mas vencer a eliminatória

ANGOULÊME, 1-(E.) — O Vitória de Guimarães perdeu com o clube local por 3-1, mas, como tinha ganho o jogo da segunda mão, por 3-0, passou à eliminatória seguinte da «Taça das Feiras». E mereceu, em absoluto, semelhante êxito.

Pelo menos, no jogo de ontem, contra uma equipa que se aplicou a fundo na luta,

com impetuosidade e rapidez, os portugueses demonstraram eloquente supremacia técnica, táctica. Melhores valores individuais e melhor conjunto.

Os franceses ficaram-se, a bem dizer, na intrepidez e no ímpeto. Que aliás estiveram quase a surtir efeito, pois, ao intervalo, tinham a vantagem de 2-0.

Todavia, no segundo tempo aos 4 minutos, Ademir marcou um golo — e arrumou a questão a favor da equipa lusá. Nesta, actuou em plano de grande evidência o centro-campista Peres, cujo brilhante comportamento mais ainda avultou se considerarmos que todos os colegas de equipa agiram igualmente em bom plano.

Os portugueses revelaram supremacia técnica de tal ordem que os adversários — público incluído — aceitaram, sem constrangimento de qualquer espécie, a eliminação.

Diga-se, pois, que o Vitória de Guimarães honrou o futebol do seu país.



Eusébio. Mais um remate. Mais um golo

BENFICA, 8-OLIMPIJA, 1

COMO NOS BONS VELHOS TEMPOS...

A equipa do Benfica dirigiu um convite aos seus adeptos para comparecerem na noite de ontem, no Estádio da Luz, afim de oferecer-lhes um opíparo banquete de futebol. Os que aceitaram a solicitação — e milhares foram — não têm razão de queixa, pois a ementa, requintada e variada, encheu de satisfação o mais exigente.

Com os dias, os benfiquistas fizeram uma exibição das antigas, e emelhante aquelas que os conduziram ao troféu europeu. Os «encarnados» começaram a jogar bem, descansaram depois e acabaram ainda melhor.

Um autêntico manancial de futebol de qualidade superior saiu dos pés e da cabeça dos «rubros». Quem poderia opor-se ao conjunto benfiquista, tão inspirado e caprichoso que dir-se-ia irresistível?

A verdade que certa sofreguidão por parte dos portugueses, adont um tanto a marcação do primeiro golo. E o azar também, designadamente num lance modelar, desenrolado aos 17 m, concluído com uma «cabeça» de Eusébio que levou a bola ao poste.

Isso não passou, porém, de um curto adiamento. A «goleada» aproximava-se velozmente, fomentava-se na insistência de Jaime Graça e de Toni, latejava nos remates de Eusébio e Artur Jorge. O moçambicano, então «resomado» de golos, a frescar, dar faulades, era outra vez o Eusébio do «Mundial», o orgulho do grande Benfica, o

espantoso futebolista que o Mundo admira.

Aos 27 minutos, abriu-se a torneira dos tentos. Bola cruzada da esquerda para a direita, simulações que embarracaram a defesa jugoslava e Eusébio a marcar. Pouco depois, Graça interceptou um passe, servia Eusébio e este repete. Golos não eram feitos e Artur Jorge a alisar a madeira, ressaltos para os pés de Eusébio e recarga certa.

Delírio no Estádio e estupefação no Olinpija. Depois, um repouso merecido e bem ganho, que o intervalo interrompeu.

Dir-se-ia que os lisboetas com tal avanço, cumpririam discretamente o resto da tarefa. Contudo, assim não aconteceu.

Recomeçada a partida, Zeca entendeu levar a efeito uma descida em alto estilo, tabelou com A. Jorge e bateu o atônito Skorik. O 4-0 conduziu então os portugueses a um inevitável «dolce far niente».

Briosos, os jugoslavos aproveitaram a deixa para conquistar o ponto de honra, por intermédio de Amersek. Esse ponto, no entanto, despetou imediatamente a «água» semi-adormecida.

Num ápice, Artur Jorge (69 m.), Eusébio (73), depois de ultrapassar meio Olinpija, Jaime Graça (75 m.) e novamente Eusébio (80 m.), levaram a conta até 8-1.

Entretanto, assistiu-se a um inesquecível festival de futebol, onde nada faltou, desde a proeza individual ao entendimento mais absoluto. Ficamos por aqui, porque o

que se passou só visto. Um abuso, seja-nos, autorizada a expressão...

Num «team» que jogou perfeitamente destacamos Eusébio, com uma actuação insuperável.

Skorik, o guarda-redes jugoslavo, foi o melhor «deles». Por esta indicação já se pode fazer uma ideia do modo como decorreu o encontro.

Deixemos o árbitro em paz, até porque não esteve mal de todo.

AS EQUIPAS:

BENFICA — José Henrique; Malta da Silva,

Humberto Coelho, Zeca e Toni (Barros aos 82 m.); Matine e Jaime Graça, Artur Jorge, Torres (Diamantino, aos 62 m.), Eusébio e Simões.

OLIMPIJA — Skorik; Djorlev, Kojic, Klamber e Suskic; Popadic e Popivoda; Golec (Kapidzic, na segunda parte), Becic, Amersek e Oblak.

Árbitro — Quendeville (Luxemburgo).

FRANCISCO CAMILO

DINAMO, 6-BARREIRENSE, 1

ENQUANTO HOUVER ÁRBITROS ASSIM...

ZABREG, 1-(E.) — Entrando no relvado com dois golos de vantagem, e depois de haver aumentado essa vantagem com mais um golo obtido nos 45 minutos iniciais, o Barreirense veio a perder o encontro com o Dinamo pela margem expressiva de 6-1, ficando afastado da «Taça Europeia das Feiras». Futebolisticamente, porém, a equipa barreirense foi a melhor.

Mais uma vez uma arbitragem deficiente adulterou por completo a fisionomia de uma partida de futebol, inflando decisivamente no seu desfecho. Aconteceu no encontro entre o Barreirense

e o Dinamo de Zagreb — onde os jugoslavos, á falta de argumentos futebolísticos para opor á superior capacidade da turma portuguesa, decidiram utilizar «todos os outros» ante o beneplácito do

árbitro Helmuth Bader (Alemanha Oriental), que foi de um «casuismo» pouco menos que inconcebível.

Durante a primeira parte os barreirenses deram «show» marcando um golo por intermédio de Camparas e vendo outro anulado devido a um «off-side» que nunca existiu.

Depois, no segundo tempo, os jugoslavos decidiram que, futebol por futebol, não tinham quaisquer hipóteses de ganhar o jogo. Enveredaram pela violência, pela falta, pelo anti-jogo. O árbitro estava com eles e por eles... e assim, inevitavelmente, o colapso barreirense verificou-se. Mas só assim.

Os golos: Camporas (38 m.), Novak (50, 56, 70 e 87 m.) e Lahic (72 e 83 m.)

Conta Infantil
BANCO DO ALENTEJO

J. PIMENTA SARL É UMA REALIDADE

*na construção e venda de propriedades e no fabrico
e venda de materiais de construção*

APARTAMENTOS MOBILADOS À VENDA

CASCAIS	PAÇO DE ARCOS B.º COMEND. JOAQUIM MATIAS	REBOLEIRA	S. JOÃO DO ESTORIL ALAPRAIA	LISBOA OLIVAIS
Tipo Week-End — 350 contos Tipo Sol Poente — 470 contos Tipo Serra Mac — 470 a 520 contos Tipo Cruzeiro do Sul — 470 a 520 e Tipo Horizonte — 470 a 520 contos Tipo Mata Azul — 520 contos Tipo Luar de Agosto — 600 a 680 e.	Tipo 313 A, B e C — 190 a 220 cont. Tipo 319 A, B, C, D e E 275 a 300 contos Tipo 320 A, B, C, D e E 280 contos Tipo 321 A e B — 350 contos	Tipo 75 A, B e C — 150 contos Tipo 73 A, B e C — 200 a 230 e. Tipo 150 A, B e C — 250 contos Tipo 150 A, B e C — 260 contos	Tipo pequeno — 200 contos Tipo médio — 300 contos	desde 370 contos
Apartamento Mobilado n/Tipo 150 — Quarto, sala comum e cozinha. Casa de banho e varandas. Equipado com mobílias de quarto e casa de jantar. Sala com jogo de maples e sofá cama de casal. Cozinha com fogão, frigorífico e esquentador. Casa de banho com armário, espelho, toalheiros, etc.			Apartamento Mobilado n/Tipo 73 — Sala comum com cozinha acoplada, quarto, casa de banho e varandas. Mobílias de quarto, sala de jantar e estar, fogão, frigorífico, esquentador, etc. Casa de banho com armário, espelho, toalheiros, etc.	

O nosso maior lucro:

5.000 CLIENTES SATISFEITOS



ANDARES À VENDA

CASCAIS		REBOLEIRA	
3 assoalhadas	550 Contos	Tipo 160 4 assoalhadas	350 Contos
4 " "	700 "	" 152A 6 "	440 "
6 " "	1000 "		
PAÇO DE ARCOS (B.º Comendador Joaquim Matias)		AMADORA	
3 assoalhadas	370 Contos	3 assoalhadas	300 Contos
4 " "	410 a 425 "	4 " "	535 "
5 " "	480 "	5 " "	670 "
		LISBOA (Olivais)	
		3 assoalhadas	325 Contos
		4 " "	425 "

**50 mil contos
de propriedades
construídas para
escrituras
imediatas**

Em Cascais vendem-se lotes de terreno
para a construção de moradias

MORADIAS	TERRENOS	GARAGENS	ARMAZÉNS	ESTABELECIMENTOS COMERCIAIS
CASCAIS desde 650 contos	Para construção em Lisboa, Amadora e Paço de Arcos	PAÇO DE ARCOS Individuais desde 90 contos AMADORA - REBOLEIRA Lotes 6, 7 e 8 — 2 pisos 7.000 contos	AMADORA 600 contos QUELUZ 550 contos REBOLEIRA de 150 a 5.000 contos VENDA NOVA - AMADORA 1.200 contos	REBOLEIRA desde 300 contos até 8.000 contos CENTRO DA AMADORA conjunto de estabelecimentos interligados 4.400 contos PAÇO DE ARCOS desde 300 contos, até 470 contos Para venda a 9.000\$ por m² Aluguer a 60\$ por m²

As economias mais modestas
encontram nos nossos em-
preendimentos assegurado
acesso à casa própria.

Só vendemos propriedades
construídas pela nossa Em-
presa, em zonas de rápido de-
senvolvimento e valorização.

250 mil contos de propriedades em construção para venda

Informações:

LISBOA: Praça Marquês de Pombal, 15, 1.º — Telefones 4 58 43 - 4 78 43
QUELUZ: Rua D. Maria I, 30 — Telefones 95 20 21/22
REBOLEIRA: Amadora — Telefone 93 36 70

PAÇO DE ARCOS: Bairro Comendador Joaquim Matias — Telefone 2 43 35 11
CASCAIS: R. Reg. Infancia 19, n.º 30 — Telefone 28 25 75
CONJUNTO TURÍSTICO DA PAMPILHEIRA — Telefone 28 39 88

CARTAZ DOS CINEMAS



* EDEN

(M. 12 anos) Tel. 320768

ESTREIA, HOJE, às 21.45
Color-ScopeO MAIOR ACONTECIMENTO
DESPORTIVO DO MUNDOOLIMPIADA
NO MÉXICO

(M. 6 anos) As 15.15 e 18.30

Últimas exhibições
O MUNDO MARAVILHOSO
DE MICKEY

* VOX

(Adultos) Tel. 720808

As 18.30 e 21.45 h.

2.ª SEMANA DE ENCHENTES
DUSTIN HOFFMAN
e MIA FARROW

São os inesquecíveis protagonistas da mais bela das histórias de amor!

JOHN & MARY

Um filme de excepção
em Panavision e Technicolor

AR CONDICIONADO

* EUROPA

(M. 12 anos) Tel. 661016

As 15.00/21.00 h. — 70 mm

Atenção ao horário
das sessões

TECHNICOLOR

Charlton Heston, Stephen
Boyd e Jack Hawkins

«BEN-HUR»

* LIZ

(M. 17 anos) Tel. 48560

As 21 horas

AMOR SEM BARREIRAS
(West Side Story)

* CHIADO TERRASSE

As 15 e 21 h. (M. 12 anos)

A PISCINA

O ASSALTO
AO COMBOIO CORREIO

* RESTELO

(M. 17 anos) Tel. 610375

As 21.30

PISTOLEIRO
PROFISSIONAL

com FRANCO NERO

ESTREIAS DE HOJE

* POLITEAMA

(M. 12 anos) Tel. 326305

HOJE, A NOITE, às 21.30

ESTREIA

Um filme extraordinário
que revela um novo mundo
do crime

JAMAICA

com Ray Danton
e Pameza Tudor

Eastmancolor

(Adultos) HOJE, AS 18.30

SESSÃO CLASSICA
com o filme

CHOVE NO MEU CORAÇÃO

* ODEON

(M. 17 anos) Tel. 326283

As 15.15 e 18.15 (p. r.) e 21.30

O CINEMA PORTUGUÊS EM
FESTIVAL

2.ª SEMANA TRIUNFAL!

A MALUQUINHA
DE ARROIOS

Realização de Henrique Campos

Segundo a famosa comédia
de André Bruncom Alina Vaz, Ivone Silva,
Artur Semedo, Eugénio Salva-

dor, Landa Silva e Oscar Acurcio

* ROYAL

(M. 12 anos) Tel. 86565

As 21.30

A RATOEIRA

OS TRÊS SARGENTOS
DE BENGALA

(M. 12 anos) As 21.30 h.

Um espectáculo invulgar com

PETER O'TOOLE
e PETULA CLARK

ADEUS, MR. CHIPS

Um filme inesquecível em

70 mm. e som estereofónico

* CASINO ESTORIL

As 17 e às 21.30 (M. 17 anos)

O ANORMAL

com HALEY MILLS

OLIMPIADAS NO MÉXICO — E D E N OS AMANTES — ESTÚDIO 444 JAMAICA — POLITEAMA

* ESTÚDIO 444

(Adultos) Tel. 779095

As 21.45 — ESTREIA

UM FILME IRÓNICO,
POÉTICO E AUDACIOSO!

OS AMANTES

com Jeanne Moreaux
e Jean Marc Bory

* SÃO LUIZ

(Adultos) Tel. 327172

As 15.15, 18.15 e 21.30

a obra fundamental de

Joseph Losey

O CRIADO

(The Servant)

* ALVALADE

(Adultos) Tel. 717480

As 15.45 e 21.45

a obra fundamental de

Joseph Losey

O CRIADO

* ROMA

(Adultos) Tel. 727778

As 15.30 e 21.45

A espantosa realização

A PONTE
DE REMAGENcom George Segal, Robert
Vaughn e Ben Gazzara

Panavision — Cor de Luxe

* MONUMENTAL

(M. 12 anos) Tel. 555131

As 15.00 e 21.30

EM 2.ª SEMANA

MY FAIR LADY

O filme de 8 «Oscar»

de o melhor filme

com Audrey Hepburn
e Rex Harrison

* IMPERIAL

(M. 17 anos) Tel. 45933

ALTA TRAIÇÃO

ARMADILHA

* TIVOLI

(M. 17 anos) Tel. 50595

As 3 e 6.15 da tarde (a p. r.)
e às 9.30 da noiteJean C. n. Alain Delon, Lino
Ventura e Irina Demick

no grande êxito mundial

O CLÁ DOS SICILIANOS

* AVIS

(Adultos) Tel. 47162

As 15.30 e 21.45

O filme que enterneceu
o mundo inteiro!

A PRINCESA

Extraordinária interpretação
de GRYNET MOLVIG

* CONDES

(Adultos) Tel. 322523

Sessões diárias

As 14.15, 16.30, 18.45 e 21.45

O pano sobe e desvenda

OS INTOCAVEIS

com John Cassavetes, Britt
Ekland e Peter Falk

Technicolor - Techniscope

* IMPÉRIO

(Adultos) Tels. 555134/5

As 15.15/21.30

JEAN PAUL BELMONDO
e JEAN SEBERG em

O ACOSSADO

(A Bout de Souffle)

Um filme de Jean Luc Godard

Argumento de François Truffaut

Colaboração técnica de

Claude Chabrol

Fotografia de Raoul Goutard

Música de Martial Solal

* ESTÚDIO

(M. 12 anos) As 15.30, 18.30 e 21.45

EM 2.ª SEMANA

(M. 12 anos)

O filme de CARLOS SAURA

que obteve o Urso de Prata no

Festival de Berlim e premiado

em Veneza, S. Francisco, Aca-

pulco, etc

* LUMIAR

(M. 12 anos) Tel. 795296

As 21 horas

A FUGA DE TARZAN

UM LUGAR CHAMADO

PÓLVORA

* outros espectáculos

● LISBOA

TEATROS

VASCO SANTANA — As 21: «Quem
é esta mulher?» (17 anos)CAPITÓLIO — As 21 e 45: «O
Visão Voadora» (17 anos)LAURA ALVES — As 21 e 45:
«O Preço» (17 anos)MARIA MATOS — As 21 e 45:
«A Releitura» (17 anos)MONUMENTAL — As 21 e 45:
«Pobre milionário» (17 anos)ABC — As 20 e 45 e às 23: «Alto
lá com elas» (17 anos)

CINEMAS

JARDIM — As 21: «Os Protagonistas» (17 anos)

IDEAL — As 15 e 15 e às 21:
«Serviço Secreto Italiano» (17
anos)ARCO-ÍRIS — As 21: «O Santo
e a Vindetta» (12 anos)OLIMPIA — As 21: «O gladiador
de Roma» (12 anos)PARIS — As 21: «Um lugar no
inferno» (17 anos)CINEARTE — As 21: «A morte é
mulher» (12 anos)SALÃO LISBOA — As 21: «Missão
Bagdad» (12 anos)MOSCAVIDE — As 21: «O exe-
cutor» (17 anos)ENCARNACÃO — As 21: «Rudes
paixões» (17 anos)

● Linha de Cascais

ALGES — STADIUM — As 21 e
30: «Missão na China Vermelha» (12 anos)OIRAS — OIRAS - CINE — As
21: «Corre homem corre» (12
anos)PAREDE — ROYAL - CINE — As
21: «Os Estrangeiros» (17 anos)ESTORIL — CASINO — As 17 e
às 21 e 30: «O anormal» (17
anos)CASCAIS — S. JOSÉ — As 21 e
30: «Casamento à americana»

● Linha de Sintra

AMADORA — RECREIOS DESPOR-
TIVOS — As 21 e 15: «A mi-
nha noite em casa de Maud»
(17 anos)MEM MARTINS — CINE-CHABY
— As 21 e 30: «Estrela do
Sul» (12 anos)

● Outra Banda

ALMADA — INCRÍVEL — As 21
e 15: «Os cinco avisos de
Satanás» (12 anos)TRAFARIA — PAVILHÃO JAR-
DIM — As 21 e 15: «Boeing
Boeing» (17 anos)

● PORTO

SÃO JOÃO — As 21 e 30: «Cho-
que» (17 anos)COLISEU — As 21 e 30: «A ópera
«Madame Butterfly» (12 anos)RIVOLI — As 2 e 30: «Mundo
Mulher» (17 anos)BATALHA — As 21 e 30: «O
compromisso» (7 anos)TRINDADE — As 21 e 30: «Os
Mareiros de Elisabeth» (17 anos)ESTÚDIO — As 2 e 30: «Easy
Riders» (17 anos)OLIMPIA — As 21 e 30: «O ro-
manço em Acapulco» (12 anos)AGUIA DE OURO — As 21 e 30:
«Operação Águas Negras» (12
anos)CARLOS ALBERTO — As 21: «A
linha dos homens serventes» e
«O rebelde aventureiro» (12
anos)JULIO DINIS — As 21 e 30: «Não
sou digno de ti» (12 anos)CINEMA DO TERÇO — As 21 e 30:
«Serafino» (17 anos)VALE FORMOSO — As 21 e 30:
«Namorados do Mar» (12 anos)

● COIMBRA

GIL VICENTE — As 21 e 30:
«Viva Max!» (12 anos)AVENIDA — As 21 e 30: «Um
homem irresistível» (17 anos)TIVOLI — As 21 e 30: «O vin-
gador atira à esquerda»
(12 anos)

VIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIAS DE SERVIÇO ● FARMACIA

● LISBOA

AJUDA — Moura, Trav.
da Memória, 55 (630944) *
Bielit, Rua D. João de
Castro, 27-B (638824)ALCANTARA — Bairro
R. Prior do Crato, 25 (T.
661321)ALMIRANTE REIS —
Confiança, Av. Almirante
Reis, 46 (T. 42453)ALVALADE — Zil, Av.
da Igreja, 9-D (711780) *
Roma, Av. de Roma, 85-B
(772466) * S. João de Deus
R. Pedro Ivo, 1-A-B (Tel.
725140)AMOREIRAS — Britânica,
Trav. Léguas do Póvoa, 5-B
(Tel. 689250)AREIRO — Garanti, Av.
Padre Manuel da Nóbrega,
5-A e 5-B (727300) * Im-
perial, Av. Guerra Junquei-
ro, 30-B (726860)AVENIDAS NOVAS — Al-
cântara, Av. da Repúbl.,
74-A (771379) * Vale, Av.
Marquês de Tomar, 45-49
(773043) * Dalva, Av. Du-
que de Aveiro, 25 (45225)
* S. Sebastião, Largo de S.
Sebastião da Pedreira, 1-9
(48642)BAIRRO DA ENCARNAC-
ÇÃO — Ascenso, R. 27, n.º
4 (3.12.61)BAIXA — Fernandes, R.
de S. José, 87 (326476) *
Azevedo, Filha, Pr. de D.
Pedro IV, 3 (327478)BENFICA — União, Est.
de Benfica, 592-594 (Tel.
700092) * Alegria, Est. de
Benfica, 80-A-B (7805.1)CAMPO DE OURIQUE —
Labat, R. de Infantaria, 6,
98-B (688807) * União, R.
Saraiva de Carvalho, 119
(663643)CAMPOLIDE — Salutar,
Rua B, 75-A-B, Bairro da
Liberdade (683694) * Pin-
ta, R. de Campolide, 11 (T.
682610)CONDE REDONDO — Sou-
za Martins, R. Souza Mar-
tins, 25 (553468)ESTRELA — Andrade Ri-
beiro, Av. Infante Santo
66-B (666971)ESTEFANIA — Mundial,
L. D. Estefânia, 9 (45578)GRAÇA — Ziller, R. de
S. Tomé 54-56 (862835)LUMIAR — Central do
Lumiar, R. do Lumiar, 77
(790480) * Douro, Alom.
das Linhas de Torres, 93-
-A-B (79131)MADRAGOA — Eduardo
A. César, R. das Trinas,
102 (66263)OLIVAIS — Olivais, R.
Alves Gouveia 9 (3.237)PENHA DE FRANÇA —
Central da Penha, Rua Pe-
nha de França, 58-60 (T.
849245) * Vitória, R. Mo-
raes Soares, 66-A (843011)PICHELEIRA — Luzmar
Rua João do NascimentoCosta, 16-A (Telefones,
728395-970703)PRINCEPE REAL — Al-
bano, R. da Escola Politéc-
nica, 59 (326750)REGO — Baptista, Rua
Francisco Tomás da Costa,
3-C (77873)ST. AMARO — Correia
de Azevedo, Rua Luis de
Camões 42-B (638625)S. BENTO — Voz Tel-
evis, Rua Poço dos Ne-
gros, 115 (679961)DE SANTA APOLÓNIA
AO BEATO — Freitas, R.
Zóimo Pedroso, 11-13 (T.
381135) * Banha, Est. de
Chelas, 73-75 (38224) *
Frazão R. da Cruz de St.
Apolónia, 90-92 (847019)PALHAVA — Canto, Es-
trada das Laranjeiras, 202-
-B (780841)

● Linha de Cascais

ALGES — Combatentes,
Av. Comb. G. Guerra, 166
(Tel. 213953)CAXIAS — Nova, Rua
Bernardim Ribeiro 1-A (T.
242839)PAÇO DE ARCOS — Go-
dinho da Silva, Av. Patrão
Lopes, 4 (Tel. 432039)OFIKAS — Central, Rua
João Teixeira Simões, 8
(Tel. 2430058)PAREDE — Alvir, Av.
Gago Coutinho — B. das
Caixas de Previdência (T.
2472948)ESTORIL — Parque —
Arcadas do Parque, 3 (Tel.
260191)CASCAIS — Marginal —
Av. Marginal (Tel. 280078)
* A. Costa — L. Freitas
Reis, 24-C (Tel. 280214)

● Linha de Sintra

AMADORA — Cavaco —
Rua Elias Garcia, 209 (Tel.
930019) * Flama — Rua
Elias Garcia, 78-B (Telefo-
ne 932485) * Contingência,
Av. D. Nuno Álvares Perai-
ra, 15-A (Tel. 938149)DAMAIA — Contingência,
Estrada Militar Lote D (T.
971023)QUELUZ — Gil — Av.
Miguel Bombarda, 28 (Tel.
950117) * Simões Lopes —
Av. Elias Garcia, 51 (Tel.
950123)

Diário de Lisboa

DL

Renascença Gráfica, S.A.R.L.
Administração e Publicidade
Rua Castilho 185-1º
Telef. 65 45 31-2-3-4
Redacção e Serviços Técnicos
Rua Luz Soriano, 44
Telef. 32 02 71-2-3 e 32 11 54-5
End. Tel. DIBOA Telex 1363
Lisboa — Portugal

AS CONDIÇÕES PARA UMA JUSTA REPARTIÇÃO DOS RENDIMENTOS

— REFERIDAS NA COVILHÃ PELO ENG.º VASCO LEÓNIDAS

COVILHÃ, 1 — «Dentro de uma isenta objectividade de análise, terá de caracterizar-se a agricultura portuguesa, em muitos domínios, como um sector de actividade a transformar, ou envolvido num processo irreversível de transformação em contraste com os outros sectores da actividade económica e reflectindo-se nela de uma forma que não pode ser considerada amplamente positiva» — afirmou esta manhã o eng. Vasco Leónidas, secretário de Estado da Agricultura, durante a sessão plenária, hoje efectuada, no âmbito do Colóquio sobre desenvolvimento socio-económico da zona da Cova da Beira.

Aquele membro do Governo referiu-se à necessidade de difusão e receptividade, de utilização dos recursos das técnicas de produção que vêm permitindo «em quase todos os restantes países da Europa, a existência de altos padrões de produtividade da terra e do trabalho».

Apontou ainda os requisitos fundamentais do abastecimento, «a necessidade de estabelecimento de uma base de remuneração dos factores; a justa repartição dos rendimentos; o ajustamento persistente das estruturas através de conveniente evolução, mas sem profundas perturbações sociais e políticas; a garantia da propriedade privada e liberdade de opção e

acesso; e a defesa da natureza e dos seus recursos».

O eng.º Vasco Leónidas referiu-se, também, à série de medidas destinadas a beneficiar e a acelerar a modernização da agricultura.

Anteriormente, o eng.º Camilo de Mendonça apresentou uma comunicação sobre possibilidades de industrialização e comercialização dos produtos agrícolas.

Após o almoço na Fundação-Escola da Quinta da Lagoeira, o eng. Vasco Leónidas visitou as instalações da 1.ª fase do Complexo Agro-Industrial da Cova da Beira. Amanhã, participará no colóquio o secretário de Estado do Comércio.

De vez em quando

Vinte e tal dias além-fronteiras fazem-me regressar a Lisboa quase tão cansado como quando partira. Por isso aproveitei os últimos dias de férias e primeiros deste Outono estival para um repouso reparador nas areias do Estoril. Só, sem jornais, sem notícias, sem preocupações. Qual quê. Logo na primeira manhã chega-se a mim um sexagenário inglês, de farta bigodeira no rosto de coronel de um qualquer regimento de lanceiros e, sem mais aquelas, atira-me de chofre: «Então, já sabe, morreu Nasser». Não, não sabia. E, sem ter tempo sequer para retorquir que me estava nas tintas, o bom do inglês desfiou as suas preocupações: «Vai ser bonito, aquilo vai complicar-se, naturalmente os russos...», etc., etc. Cortei-lhe as lamentações levantando-me para um mergulho. Mas antes sempre o fui tranquilizando: «Não se amofine. Vai ver que morreu o homem mas fica tudo na mesma. Eu cá sei porque digo isto».

V. D.

A Promotora

A Sociedade Promotora de Educação Popular, do Largo do Calvário, festeja agora o seu 66.º aniversário. Por tal motivo leva a efeito, no sábado, às 16 horas, na sua sede, uma sessão solene.

JANTAR EM HONRA DO PRESIDENTE DO BANCO DO BRASIL

Em honra do sr. Nestor Jost, presidente do Banco do Brasil, que se encontra de visita ao nosso País, o sr. Arthur Cupertino de Miranda, presidente do Conselho de Administração do Banco Português do Atlântico e do Banco Comercial de Angola, ofereceu ontem um jantar a que assistiram o sr. prof. Gama e Silva, embaixador do Brasil no nosso País, prof. dr. Teixeira Pinto, presidente da Sociedade Financeira Portuguesa, dr. Amílcar Pinheiro, representante em Portugal da Varig, dr. António Osório, presidente da E. B. A. M., sociedade luso-brasileira de importações e exportações, Lucio Feiteira e dr.

Manuel Vinhas, João Rocha e dr. Vasco Vieira de Almeida, administradores do Banco Português do Atlântico.

No decurso do jantar houve ampla troca de impressões acerca da cooperação entre Portugal e o Brasil no domínio tecnológico, económico e financeiro. Também foram analisados alguns aspectos práticos resultantes dos acordos económicos existentes entre os dois países.

Operações de Bolsa
BANCO DO ALENTEJO

SHIRLEY VAI RECEBER 21 MIL CONTOS

SÃO FRANCISCO, 1 — (R.) — Um pedido de compensação no valor de 750 mil dólares (cerca de 21 mil contos) por danos e perdas, apresentado pela atriz Shirley Maclaine, foi hoje confirmado, pelo Supremo Tribunal da Califórnia, depois da companhia cinematográfica 20th Century Fox ter cancelado um filme

Vacaciones FÉRIAS DE OUTONO NA PRAIA

8 DIAS DESDE 820\$00

Incluindo o transporte de avião a partir de Barcelona e pensão completa no hotel

PALMA DE MAIORCA
CANÁRIAS
TORREMOLINOS

Hotéis modestos, médios e de luxo

Europeia

A PRINCIPAL AGÊNCIA
DE VIAGENS PORTUGUESA

231, Av. da Liberdade, 235 — LISBOA-2 — Tel. 53 61 21

O tempo

INFORMAÇÃO DO SERVIÇO METEOROLÓGICO NACIONAL

SITUAÇÃO GERAL ÀS 9 HORAS DE HOJE — Em Portugal Continental, o céu estava pouco nublado ou limpo e o vento era fraco de Norte.

TEMPERATURAS EXTREMAS OBSERVADAS NA REDE NACIONAL DO CONTINENTE ÀS 9 HORAS DE HOJE — Máxima: Régua e Fonte Boa, 34,5; mínima: Penhas da Saúde, 11,5.

TEMPERATURAS DO AR ÀS 9 HORAS DE HOJE — Coimbra, 8; Faro, 23; Funchal, 23; Lisboa, 20; Penhas da Saúde, 18; Portalegre, 24; e Porto, 18.

TEMPERATURAS OBSERVADAS NA COSTA DO SOL ÀS 9 HORAS DE HOJE — No algarve, 23; na água do mar, 15,4.

PREVISÃO GERAL ATE AS 24 HORAS DE AMANHÃ:

Céu pouco nublado ou limpo; vento fraco ou moderado do quadrante Norte; possibilidade de neblina no litoral a norte do cabo Mondego.

Amanhã:
Nascer às 7 e 32
Ocorer às 19 e 20

Die 8 Die 14 Die 22 Die 30

MARÉS:
PREIA-MAR: Hoje — 4 e 30 (4,0 m); 16 e 40 (4,0 m); Dia 2 — 4 e 56 (4,0 m); 17 e 08 (4,0 m); Dia 3 — 5 e 23 (4,0 m); 17 e 34 (3,0 m).
BAIXA-MAR: Hoje — 10 e 06 (1,0 m); 22 e 22 (1,0 m); Dia 2 — 10 e 38 (1,0 m); 22 e 56 (1,0 m); Dia 3 — 11 e 10 (1,0 m); 23 e 29 (1,0 m).

CAMPO PEQUENO

HOJE, ÀS 22 HORAS

O MAIS SENSACIONAL
MANO-A-MANO
DA TEMPORADA

PAQUIRRI

**DÁMASO
GONZÁLEZ**

TOIROS DE
CABRAL DE ASCENSÃO

MESTRE BAPTISTA
LUÍS MIGUEL DA VEIGA
FORCADOS AMADORES DE
SANTARÉM

NOTAS DE 50 ESCUDOS

de quantas precisa
para 750 contos?

Um problema elementar, sem dúvida, caro leitor. Precisa, naturalmente, de 15.000 notas, para obter os 750 contos. Tantas notas de 50 escudos quantas lhe pagaré, em cada cautela de sorte grande, a próxima Lotaria do Outono. Portanto, multiplicará quinze mil vezes o seu dinheiro e poderá receber o melhor de 9 mil contos nos bilhetes das duas séries desta lotaria.

Sábado, 3 de Outubro, "anda a roda".

50 HORAS com HITCHCOCK



por José Vaz Pereira

HITCHCOCK REALIZOU 50 FILMES.
TRUFFAUT ENTREVISTOU-O DURANTE 50 HORAS.
O RESULTADO É UM DOS DOCUMENTOS MAIS REVELADORES SOBRE UMA PERSONALIDADE-CHAVE DO CINEMA PUBLICADOS ATÉ AGORA.

Hitchcock não faz a dose maciça de publicidade — em que ele, aliás, também é um especialista — que se tornou habitual (por alguma razão ele se apresenta sempre como a personagem n.º 1 nos «trailers» dos seus filmes). Explica. História. Conta. Justifica. Diz como foi. Revela como fez. Em certo sentido, uma confissão. Como as que acabam por fazer falar os seus heróis. Truffaut esgota e pergunta. Inteligentemente e sem por isso deixar de ser mais hitchcockiano do que o próprio Hitchcock.

A bibliografia sobre o cineasta britânico é vasta (nomeadamente Rohmer e Chabrol consagram-lhe um longo estudo) mas nenhum projecta tanta luz como «Le Cinéma selon Hitchcock» de Truffaut, agora publicado em edição inglesa de algibeira e que tem a vantagem de reproduzir no original o pensamento de Hitchcock sem a traição da tradução. Truffaut, é claro, mostra-se partidário. E depois? O seu interesse, o seu amor, o seu conhecimento tornam o diálogo mais rico, mais denso, e cheio de pequenos pormenores saborosos. Quanto aos argumentos (que Hitchcock, raposa velha, finge ter esquecido), Truffaut têm-nos na ponta da língua como um estudante aplicado que sabe a tabuada. Os dois homens — o patriarca bonacheirão e o jovem sensível — entendem-se. E

admiram-se. O que implica respeito mútuo. O resultado é sensacional.

Na defensiva

Hitchcock («Hitch» para os fiéis) parece ter atravessado as procéas do cinema (mudo, sonoro, crise de Hollywood, hostilidade da crítica, alinhamento, neo-realismo e subsequente rejeição de tudo que não é neo-realista, expansão da TV, internacionalização do sistema de produções) com um á-vontade arrogante de grande senhor. Na realidade, a história é outra. Hitchcock lutou, na defensiva, contra tudo e contra todos. A violência com que a crítica britânica, demasiado enfadada a um conceito de «realismo» que não se dera ao cuidado de desenvolver, recebeu na segunda

língua inglesa da sua carreira («Under Capricorn» e «Stage Fright», este último produzido por americanos mas rodado no Reino Unido) surpreendeu-o e chocou-o.

Além disso, problemas com produtores, dificuldades com escritores de cinema, conflitos com actrizes, erros fulcrais de distribuição de papéis pelos diferentes intérpretes, guerras e guerrazinhas com as equipas técnicas, lentas, dolorosas negociações com operadores, electricistas, técnicos de som e um género recusado a Saul Bass, especialista do género e Raymond Chandler, glória do romance negro americano e que contratado para trabalhar para Hitchcock acabou por se despedir com a versão polida do «Não me chateiem!».

Qualquer outro teria soçobrado com tanta dificuldade. Mas não são esses problemas habituais a todos os realizadores: bons, médios, medíocres? Talvez. Mas Hitchcock estabeleceu, para si e para os seus filmes, uma meta de qualida-

de que o obrigava a uma intransigência total no «plateau», na preparação do argumento e na ligação com a sua equipa e nas negociações com os produtores. Portanto, a redobrado trabalho. Truffaut tem, no prefácio ao livro, uma resposta sobre o assunto. E a resposta faz sentido. «Durante toda a sua inteira carreira ele sentiu a necessidade de se proteger de actores, produtores e técnicos que, na medida em que o mais pequeno lapso ou capricho deles podia comprometer a integridade do seu trabalho, representam todos tantos problemas para o realizador.

«Haveria maneira de se defender melhor do que transformar-se num realizador que nenhum actor tivesse a coragem de discutir, transformar-se no seu próprio produtor e saber mais de técnica do que os próprios técnicos?»

Dessa batalha poderá dizer-se que, a longo prazo, foi também Hitchcock quem lucrou mais. Como a provar, ao contrário do que geralmente corre e da opinião do marechal Foch e dos jornalistas de futebol, que, desta vez, o melhor ataque era a defesa.

Cada sequência é um espinho

Dentro desta linha, Hitchcock emerge não como criada para todo o serviço do cinema sofisticado ou como feiticeiro do «suspense» mas como um homem face a obstáculos aparentemente intransponíveis e que tem de apelar para todos os conhecimentos e energias para os ultrapassar. O retrato é real até porque é mais humano.

Em «Psico» a morte violenta de Aborgast (o agente privado que Martin Balsam interpreta) é fornecida por um plano em que se não vê a cadeira de rodas em que o homem apunhalado rola pelas escadas abaixo; em «Suspeita» Gary Grant que se suspeita ser um criminoso sobe lentamente ao quarto de sua mulher, Joan Fontaine, com um copo de leite que brilha sinistramente, numa sugestão de veneno. («Está iluminado» — diz Hitchcock. «O quê?») — pergunta Truffaut. — «Quer dizer que dirigiu uma «spotlight» para o copo?» — «Não» — responde triunfalmente o entrevistado — «coloquei uma lâmpada dentro do copo»; em «A Corda», cuja trama requeria uma pressão psicológica quase intolerável, o seu autor utilizou um sistema de filmagem contínua.

Uma das queixas frequentes de Hitchcock reporta-se à maneira irresponsável como alguns produtores distribuíam os actores pelas diferentes personagens. No seu filme «O Caso Paradine», Selznick deu-lhe Gregory Peck para interpretar o advogado e Louis Jourdan, o criado-amante da sr.ª Paradine. Ora, na opinião de Hitchcock, nem Gregory Peck podia personificar uma «água» do foro de Londres (mas sim, por exemplo, Laurence Olivier) nem o elegante e bem penteado Louis Jourdan poderia dar a animalidade sensual do criado, «um homem que devia cheirar a estábulo». Assim como Joseph Cotten, em «Under the Capricorn», era excessivamente civilizado para um antigo forçado da Austrália.

de pratos que deverá abalar o tiro de pistola durante um concerto em «O Homem que sabia de mais». O seu universo é um mundo simples em que se digladiam e confundem, como amantes inexperientes no mesmo sofá, o bem e o mal. Os seus personagens levam uma vida normal e nunca têm atitudes polémicas perante a existência.

A formação católica de Hitchcock levou-o a essa simplicidade e a uma certa religiosidade do absurdo. Os componentes dos seus filmes são invariavelmente, na opinião de Truffaut os mesmos: medo, sexo e morte. Também para as pessoas com atitude confessional similar os inimigos são o mundo, o demónio e a carne.

Mas essa simplicidade



Hitchcock: o seu universo é um mundo simples em que se digladiam e confundem, como amantes inexperientes no mesmo sofá, o bem e o mal.

Em «Difamação» (Notorious), Claude Rains calçava sapatos com tacões gigantesco para não parecer demasiado pigmeu ao lado duma mulher como Ingrid Bergman.

Enfim, embora Hitchcock procure não parecer envolvido (os seus filmes começam por ser rigorosamente planificados) e nunca olhe através da câmara, pode-se afirmar que com a meticulosidade que ele põe no seu trabalho, cada sequência é um espinho.

O grito no chuveiro e o cigarro no ovo estrelado

Finalmente, não é por inspiração mas por acumulação de trabalho e de material (e sobretudo por um espírito de observador fora de série) que Hitchcock consegue os seus momentos perfeitos de cinema: o grito lancinante de Janet Leigh no chuveiro em «Psico»; o cigarro apagado num ovo estrelado em «O Ladrão de Casaca», o bater

essa normalidade têm que ser postas à prova. No dia a dia mais rotineiro (caso do herói de «O Falso Culpado») o imprevisível e a intervenção de forças incontáveis espantam o momento de surgir com o seu potencial de adversidade e de drama. Dentro do seu oportunismo, Hitchcock tem uma moral e essa moral identifica-se com o seu estilo. Nisso difere ele de outros realizadores que se limitam a ter a moralidade ditada pelas circunstâncias e nunca a identificam com a maneira de fazer.

Cremos que todos os que se interessam por cinema (e o número vai aumentando) devem ler o livro de Truffaut. Até para dissolver a ideia reacçãoária de que as coisas se fazem por magia.

«Le Cinéma selon Hitchcock», por François Truffaut. Laffont. 350\$00. «Hitchcock», por François Truffaut. Panther Books. 78\$00. Ambos com 450 ilustrações.

**SUPLEMENTO
LITERÁRIO**

OS ARTISTAS PLÁSTICOS DO PORTO

E O CONCURSO DA MOBIL

Recebemos, de um grupo de artistas que residem e trabalham no Porto, a carta que a seguir se transcreve, e que foi dirigida à Mobil Oil Portuguesa:

Ex.^{mos} Senhores,

A propósito da exposição de artes plásticas que, com fins culturais e publicitários, essa empresa se propõe organizar dentro em breve; a propósito das condições a que deveriam submeter-se quantos nela desejassem participar, impõe-se-nos algumas considerações que não podemos deixar de trazer ao V. conhecimento e ao de todos quantos por tal problema possam interessar-se (pelo que nos reservaremos o direito de dar a esta carta toda a publicidade que considerarmos necessária).

Segundo o Regulamento da Exposição — «Todas as despesas de embalagem, transporte, despachos e seguros das obras serão da conta dos concorrentes desde o ponto de origem até ao local da exposição e até à data em que ela é inaugurada. As obras que não forem entregues directamente deverão ser despachadas, com portes pagos, para o domicílio que acima se indica (Rua Castilho, 151 — LISBOA), em nome da Mobil Oil Portuguesa».

Em primeiro lugar, pa-

rece-nos da mais elementar justiça que as obras, uma vez que tenham sido recebidas pelos organizadores, fiquem inteiramente à responsabilidade destes — quanto aos cuidados de armazenamento, conservação, restauro em caso de estragos remediáveis, indemnização em caso de estragos irremediáveis. Fazer depender dos concorrentes quaisquer precauções de natureza financeira (como é o caso dos seguros) quando os mesmos concorrentes têm todas as razões para duvidar das precauções de ordem prática que a Mobil possa vir a tomar com os trabalhos que lhe serão confiados, parece-nos uma fuga às responsabilidades inerentes à organização de uma exposição deste tipo. Aproveitamos-nos a perguntar:

Dar-se-á o caso de a Mobil prever, desde já, embora não o confesse, tal volume de acidentes durante a montagem da exposição (o que costuma acontecer quando a equipa encarregada não possui a competência indispensável a tal tarefa) que resolveu esquivar-se à despesa de um seguro, atirando-a para cima dos artistas, economizando às custas daqueles cuja actividade diz querer

acarinhado e fomentar? Devemos esclarecer, desde já, que não consideramos esta pergunta como uma pergunta retórica; muito pelo contrário, aguardamos que, por actos, a Mobil Oil Portuguesa nos forneça uma resposta.

Em segundo lugar, considerando ainda o texto já citado, cumpre-nos lembrar que todos aqueles artistas que não tenham a felicidade de habitar na Capital se verão obrigados a despesas complementares bastante apreciáveis; cumpre-nos, igualmente, fazer notar que o seu número não é tão pequeno como se poderia julgar. Se examinarmos o catálogo de uma exposição como a do Banco Português do Atlântico, com finalidades culturais e publicitárias bastante semelhantes às da Mobil, imediatamente saltarão aos olhos, de quem for capaz de os ver, os seguintes números:

a) entre 63 objectos expostos a que se poderia chamar, talvez com certa liberdade, «pinturas», contavam-se 9 enviados por artistas que, à data, residiam no Porto — ou seja, aproximadamente, 14 %;

b) entre 23 objectos expostos a que se poderia chamar, talvez com certa

liberdade, «esculturas», contavam-se 12 enviadas por artistas que, à data, residiam no Porto — ou seja, aproximadamente, 52 %.

Devemos mais fazer notar que os trabalhos destinados à exposição do BPA podiam ser entregues no Porto; não nos parece aconselhável, por exagerado, que a Mobil proceda à recolha dos trabalhos dos concorrentes em todas as vilas e aldeias deste Portugal desconhecido; no entanto, numa povoação que, como o Porto, tem provado possuir uma certa actividade artística, talvez o caso já fosse de considerar. Mas, tal como fazemos para o problema enunciado em primeiro lugar, também neste caso aguardaremos uma resposta.

Em terceiro lugar, levantando-se um novo problema, motivado pelo texto do Regulamento que continuaremos a citar — «13. Os artistas serão notificados, por carta com aviso de recepção, a levantar os seus trabalhos no prazo de quinze dias a contar daquela carta. § único — Findo este prazo, a Mobil Oil Portuguesa declina a sua responsabilidade e considera os trabalhos como abandonados pelo autor, pelo que



fica, desde já, definido que os oferece a museus ou ao Ministério da Educação Nacional».

Ora, a propósito deste passo do Regulamento, ocorrem-nos algumas considerações que passamos a formular:

a) conquanto seja de louvar a, evidente, preocupação da companhia Mobil Oil Portuguesa em contribuir para o enriquecimento do património artístico nacional, para o fomento da actividade artística (com a ressalva das objecções anteriormente levantadas, claro) — quer promovendo e publicitando esta exposição, quer encarándo a hipótese de levar parte das suas obras de jornada até aos Estados Unidos da América do Norte, parece-nos que o enriquecimento dos nossos (?) museus, a ser feita, não deveria ser feito a expensas dos próprios artistas; por outro lado, esta-ção, de facto, os museus e o Ministério da Educação Nacional dispostos ou, até, capacitados, financeira-

mente, para acolherem tal inesperado presente?

b) quanto à exiguidade do prazo (de quinze dias) permitimo-nos perguntar se, por acaso, estará a Mobil Oil Portuguesa tão limitada nas verbas de que dispõe para a organização desta exposição, que nem pode encargar a hipótese de armazenamento dos trabalhos por mais algumas semanas (pelo menos por um mês); mais uma vez lembramos as dificuldades com que terão de contar tantos concorrentes que, como é o nosso caso, se encontram cá longe, na Província, nem sempre lhes sendo possível deslocarem-se aí, à Capital.

Resumindo as nossas considerações, parece-nos que:

a) enquanto quaisquer trabalhos se encontrarem na posse dos seus autores ou de entidades pelos autores mandatadas, a responsabilidade e os encargos da sua conservação incumbem a uns e (ou) a outras;

Cont. na pág. 7



Na senda dos mandarinistas — suicidas e tísicos — de tradição bem lusitana (Soares de Passos, Nobre, Antero, Cesário, etc.), a continuidade é quase nula.

Por razões subentendidas não me é possível nomear os mandarinistas vivos da nossa arte e letras. No entanto talvez se torne viável designar alguns meios de ascender a tais invejáveis

OS MANDARINS

veis situações, com a intenção óbvia de atingir a longevidade com glória e algum proveito.

Um deles consiste na instituição e exercício do elogio mútuo em correntes e grupos literários.

Outro na vênua aos mandatários da Imprensa e Editoras.

Outro na maledicência (clandestina) sobre os usufrutuários de lugares tão chorudos

quanto as pretensões dos candidatos.

Há métodos mais subtis e rendosos. Um consiste na corte (bifalhadas, inhaledas e salomadas) oferecidas àqueles de que se pretende o apoio. Outro é a obtenção de lucro através de grande publicidade de uma obra diminuta e insulsa.

Não teria dificuldade em apresentar outros modos de alcançar o mandarinato que, quando bem fixado,

permite os cem anos de actividade em estado de vivo.

E quanto aos mandarinistas jovens? São filhos (ou netos) dos velhos. Mas não procedem igualmente. A literatura e as artes são para eles trampolins em direcção a mitos menores senhores de um estilo de vida que não vejo razão nenhuma para não louvar e invejar.

M. DE CASTRO



(?)

PORQUE também nos preocupam (e de que maneira!) a «inflação monetária», a «tergevisação da realidade», a «desvalorização vocabular» e a «sociologia barata à americana», incluindo, por exemplo, os mui proliferados narizes-de-cera de uma retórica entendida avessa à ideologia tecnocrática capitalista; porque devemos agradecer o insuspeito interesse conferido à crítica literária deste Suplemento, incluindo os tão explícitos pontos de interrogação;



porque nunca é demais assinalar a denúncia da monstruosa confusão do

significado das palavras», incluindo o de vocábulos como «tergevisação» e «noseológicos», transcrevemos, com a devida vénia, um extracto do artigo «A propósito de um centário», de Arnaldo Pereira, publicado no «Comércio do Funchal» de 20 de Setembro último.

«De consequências mais graves do que a inflação monetária neste nosso tempo inflacionista se me afigura a desvalorização vocabular, seja de terminações concepções reacções e sociológicas (mas du-

ma sociologia barata à americana...) sobre a linguagem no processo do conhecimento. Não é preciso ter andado na escola com Freud para se compreender que coisas como experimentalismo, autonomia(?) da linguagem, estruturalismos linguísticos e o correlativo interesse por problemas noseológicos tem como objectivo fundamentalmente a tergevisação da realidade. Trata-se de uma atitude que a pretensão da «imperfeição» da linguagem, permitindo uma monstruosa confusão do signifi-

cado das palavras. Este um processo muito utilizado entre nós no domínio da crítica literária. O exemplo mais recente é o da crítica do sr. Nelson de Matos no suplemento literário (?) do «Diário de Lisboa» ao livro de poemas de José Saramago, «Provavelmente Alegria».

Mas onde nos levamos tais reflexões? Possivelmente ao desmascaramento de toda uma série de situações equívocas, se não fora o caso de em tal sentido tudo se tornar quase inútil a partir do sensa-

cional texto de Alexandre Pinheiro Torres no Suplemento do «Diário de Lisboa», nos dias 23 e 30 de Abril — na minha opinião um dos melhores textos jornalísticos do autor e digno, evidentemente, de larga irradiação... profilática».

NOTA: O «sensacional» texto de Alexandre Pinheiro Torres teve por título «Talvez alguns problemas da nossa ficção, em forma de carta ao Augusto Abelaira, ou: poderíamos escrever Os Filhos de Sanches?».

A MÃO

por Rocha de Sousa

A ARTE corresponde a um acto que se realiza num contexto físico ou numa forma dinâmica, propondo à experiência do mundo um horizonte de finalidades práticas ou espirituais. Nasceu com o próprio espírito humano, remotamente, desde as suas primeiras manifestações de mobilidade inventiva. As suas raízes mergulham no simples gesto de marcar uma presença, no primeiro instrumento talhado, na primeira forma de acção e de espanto. Esteve, de início, ligada às forças vitais que conduziram o homem a uma movimentação mágica para se apropriar do mundo nas possibilidades de sobrevivência que oferecia. O gesto era sobretudo programado para uma representação primária de marcas que afirmavam o ser. E foi mais tarde envolvido num processo gráfico que reproduzia as aparências numa ritualidade feiticiста intimamente ligada à vida das primeiras comunidades, à caça, à sua sobrevivência. Prolongada por instrumentos rudimentares, a mão desempenhou um papel fundamental na corporização dos anseios e dos piores, gravada muitas vezes ela própria no cenário provisório do habitat humano — a parede rochosa, o altar da vida comunitária. A mão, como instrumento e como espírito, como arma e como veículo de destreza e de sabedoria, foi assim, desde sempre, extensão da visão e símbolo da capacidade humana de agir.

Os imperativos da acção

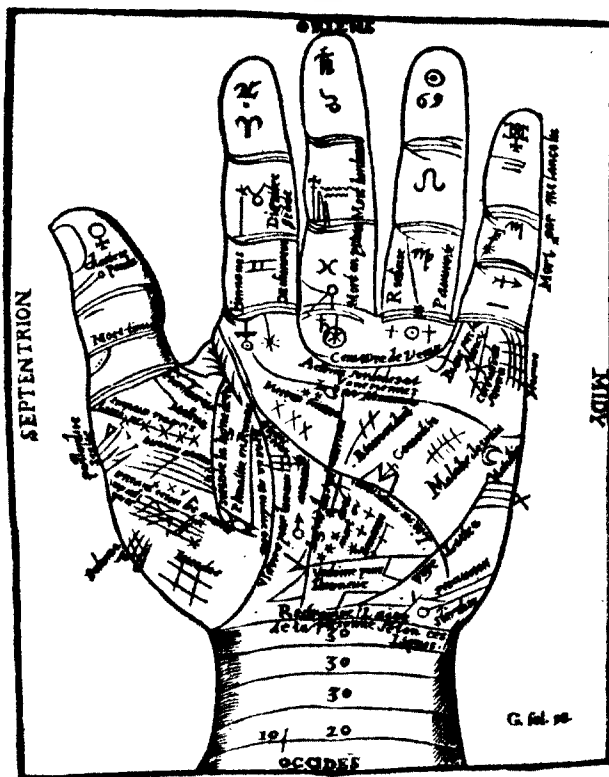
A mão afeiçoada o barro, mistura os materiais, agarra e maneja os instrumentos. A sua mobilidade é fundamental para que a visão exprima a sua própria mobilidade. Daqui nasce uma cadeia de actos intimamente ligados, que resolvem as operações do quotidiano e se prolongam à alquimia dos sonhos. Nesse domínio, a visão do homem viaja pelas imagens interiores e pe-

lo mundo exterior, produzindo um imenso conjunto de conceitos que decorrem de milhares de experiências e de milhões de vozes que o tempo cristaliza nas zonas profundas da razão. Mas as ideias geradas pela experiência só podem produzir uma afirmação evolutiva se passarem do seu campo abstracto ao domínio de uma existência concreta, aí se realizando e corporizando, legadas à percepção por vias completamente novas. O homem experimenta, por isso, uma necessidade aguda de construir conjuntos de formas organizadas a fim de exprimir a sua visão do mundo e a sua capacidade de imaginar. Os expedientes que utiliza para cumprir a urgência de uma tal aventura nunca cessaram de se multiplicar desde a pré-história, numa marcha impres-

sionante de extensas batalhas travadas pelo espírito contra os elementos e o silêncio, e tiveram na mão um dos seus instrumentos fundamentais — pela mobilidade, pela força, pela destreza extrema, pelo secreto tacteamento dos seres e das coisas.

Os caminhos da escrita

Durante muito tempo, pode-se dizer que a mão do artista foi o seu prolongamento físico e directo para o mundo exterior. Os instrumentos de pedra ou de ferro que a serviram no longo caminho da acção ficaram como que omitidos pela vitalidade específica desse órgão superior da visão, esse intérprete fiel e complexo do íntimo processo das emoções. As pinturas rupestres



A mão... como instrumento e como espírito

dão-nos o percurso surpreendente de uma cultura motora raramente alcançada pelo homem, expressa na obra através de uma sinceridade cortante e de uma eficácia de meios que se equipara aos grandes momentos da criação artística de todos os tempos. Nos desenhos orientais, na China e no Japão, por exemplo, a mão é o instrumento de uma escrita subtil, perfeita e sábia para além das suas convenções, colada ao próprio

processo da existência e à sua afirmação mais profunda. Nas civilizações primitivas em geral, a acção manual assume uma destreza particular e é posta ao serviço de um processo plástico que exprime a vida, a sua história e os seus mitos: o artista anónimo eterniza-se diante dos nossos olhos e desvenda-nos a exigência profunda e constante com que o homem sempre se confrontou com o mundo e com o seu destino. Na Renascença, a mão cultiva-se, adestrada para traduzir o sistema das aparências, para cumprir o programa de uma visão imobilizada mas seduzida pelo espaço. Degradando-se até ao virtuosismo gratuito ou emacipando-se no puro gesto de algumas escritas contemporâneas, a mão continua reconhecível como intérprete do destino físico e dinâmico do gesto na obra de arte e como símbolo de uma actividade espiritual que por ela, directa ou indirectamente, alcança o mundo, revelando e transformando a realidade.

Presença e ocultação da mão

Se nos quadros dramáticos de Van Gogh

a mão do artista adquire no plano da pintura uma presença aguda e obsessiva, mastigando torturadamente com o pincel transformado em arma a pasta colorida que resume a representação, algumas peças modernas, despojadas e impessoais, parecem denunciar a ausência dessa vitalidade orgânica. Nesse caso, a mão não está presente no sentido metafóricamente imediato, mas justifica-se imediatamente como símbolo de um longo processo de trabalho e de estudo que conduziu à mecanização e à produção serial. A mão toca a linguagem sobretudo no seu plano transcendental, desde o design estereotipado dos múltiplos de consumo até às construções monumentais que a tecnologia contemporânea suscitou.

Pacientemente, mas sempre com um nervosismo intrínseco, a mão do artista escolheu e dissociou as cores no impressionismo e agitou os instrumentos e os materiais na *action painting*; no entanto, e secretamente, ela espreita pelo distanciamento técnico a rigorosa construção das produções *op*. Não são os inúmeros intermédios criados pela civilização que destroem a sua presença: esses meios sublimam-na e justificam-na. Do plano imediato ao mediato, desde a época mais remota à explosão afirmativa mais recente, ela continua a dar corpo, pelas formas e técnicas mais diversas, à visão do artista, numa trajectória em que a arte se faz reflexo do mundo e se traduz como realidade independente.

AUTORES
HOJE

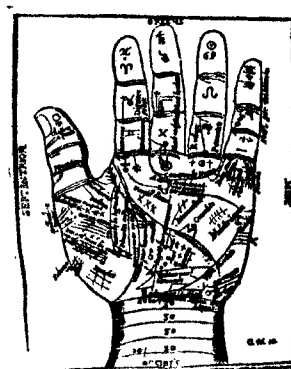
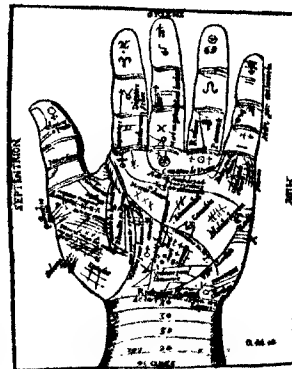
Bartolomeu Cid



NASCEU EM LISBOA em 1931. Estudou pintura na Escola Superior de Belas-Artes de Lisboa. De 1956 a 1958, frequentou a Slade School of Art de Londres, consagrando-se à gravura. Foi convidado mais tarde para professor nessa mesma Escola. Fixando-se em Londres. É membro do Printmaker's Council e as suas gravuras são editadas pelo London Arts Group. Tem participado em muitas exposições colectivas em Portugal e no estrangeiro. Em 1956 e 1957: «Young Contemporaries»,

em Londres. Em 1957: Primeira Exposição da Fundação Calouste Gulbenkian, em Lisboa. 1958: Bienal Blanco e Nero, em Lugano; «Contemporary British Printmakers», em Londres; Primeira Exposição de Arte Moderna da S. N. B. A., em Lisboa. Em 1958: exposições em Londres, Lisboa («Cinquenta Artistas Independentes»), Madrid e Roma. Em 1961: Segunda Exposição da Fundação Gulbenkian; Segunda Trienal de Gravura a cores, em Grenchen. Em 1962 e 1963: «The Graven Image», R. W. S. Gallery, em Londres. 1964: Exposição em Nápoles. 1965: em Ljubljana e em Detroit. 1966: em Londres. 1968: em Bradford; exposições itinerantes na Grã-Bretanha e nos Estados Unidos. Realizou as seguintes exposições individuais: Lisboa (1959, 1961, 1963 e 1967). Porto (1960). Londres, Nova Iorque, Roterdão, Detroit (1960 e seguintes). Recebeu o Slade Etching Prize (1957) e o Prémio de Gravura da 1.ª Exposição da Fundação Gulbenkian. Está representado em Museus nacionais e estrangeiros.

A obra de Bartolomeu Cid definiu-se no campo da gravura, onde adquiriu uma explicitação técnica de grande esplendor. A sua visão, sofrendo desvios que respondem a solicitações estéticas muitas vezes já percorridas, ganha sempre a densidade lírica de um temperamento poético e precioso. A qualidade figurativa da maior parte das suas gravuras acusa, no entanto, uma atmosfera particular, que lega à estranheza a própria força artesanal do procedimento técnico.



DON JULIAN ou a destruição dos mitos

A PÓS um silêncio de vários anos, mais exactamente depois da publicação, em 1966, de «Pièces d'Identité», (ed. francesa Gallimard), Juan Goytisolo volta ao romance e dá-nos um livro notável que vai certamente provocar fortes reacções: Revendication du comte Don Julien.

O narrador, indivíduo anónimo, renuncia à realidade física do seu país, a Espanha, que os homens, a história, a Igreja e a literatura transformaram em bastião mítico; mas, com tudo isto, o mesmo narrador não renuncia à sua língua ou à sua cultura, seus únicos patrimónios, e lança-se num autêntico extermínio dos mitos que desfiguram a sua pátria antiga e «irreal». A imagem do conde Don Julian que, na Idade Média e na própria cidade de que era governador, traiu a Espanha visigótica abrindo as muralhas aos muçulmanos, o narrador vai ao ponto de sonhar numa nova invasão da Península totalmente purificadora.

Incidindo sobre um tema que tem seduzido os romancistas espanhóis contemporâneos, Juan Goytisolo conseguiu dar no entanto pela primeira vez uma dimensão universal. Eis porque o ensaísta e professor da Sorbonne, Claude Couffon, travou com ele o seguinte diálogo:

CLAUDE COUFFON: Este último romance, Don Julian, marca uma ruptura com a sua obra anterior?

GOYTISOLO: Já por várias vezes tentei explicar porque os escritores espanhóis da minha geração são levados a fazer uma literatura realista, de «testemunho» fotográfico. Não vou insistir nisso agora. Mas a verdade é que, progressivamente alguns de nós, que se consideravam como integrados

na corrente realista, sentiram, a partir de 1963, a necessidade de se afastarem desse rumo. Essa literatura aceitava como qualquer coisa que tinha de ser tolerada a linguagem herdada dos antepassados, esse «castelhanismo» insuportável da geração de 1898 que se fossilizou por tanto ser imitado. A inadequação da intenção crítica a um instrumento de expressão acriticista acabou por tornar-se para alguns — como re-

centemente o notou Jose Maria Castellet — um «pesadelo estético». A luta contra as formas artísticas envelhecidas passou desde então para o primeiro plano das minhas preocupações. A crítica da realidade deve passar pela crítica da linguagem. O escritor, se não é um simples copista, de maneira nenhuma pode aceitar esta última como um dado definitivo. Ainda hoje, em Espanha, a maior parte dos escritores «engagés» ataca a classe social que possui o usufruto do poder empregando a lin-

guagem dessa classe: uma mesma retórica, ainda que de signo oposto.

C. COUFFON: A recente evolução da sociedade espanhola contribuiu para uma tal mudança de óptica?

GOYTISOLO: Diversos factores de ordem política intervieram, incontestavelmente, nesta mudança. Por exemplo, hoje já não creio que a sociedade espanhola, tal como a conhecemos presentemente, possa desaparecer com o sistema político que a modelou. Eis porque preferi ir à raiz e perguntar-me: «Porque é que a Espanha é assim?». Não renunciei, em absoluto, ao «engagement». Transfiro simplesmente para um outro plano.

C. COUFFON: O título do seu romance poderá fazer crer que se trata de um livro histórico. Propositadamente?

GOYTISOLO: Não é um romance histórico. O narrador é um personagem contemporâneo que de Tânger,

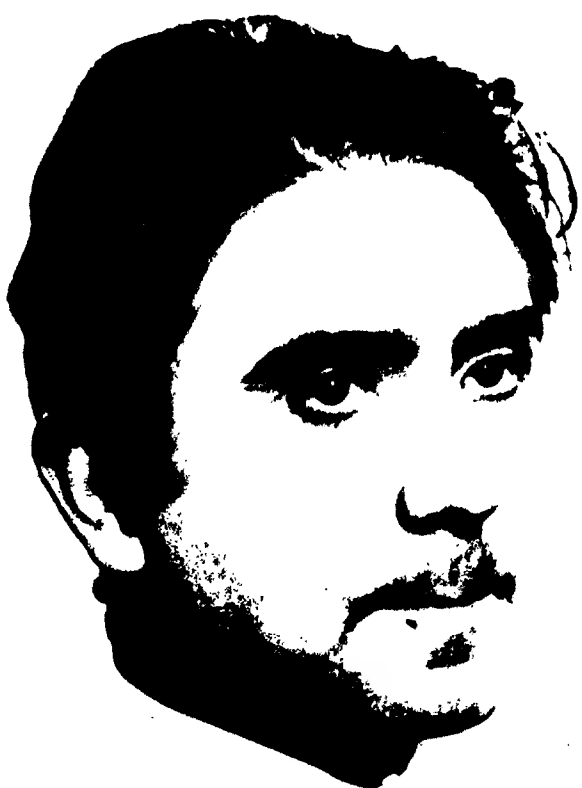
contempla a costa espanhola e se identifica com o conde Julian, o governador visigodo da cidade o «grande traidor» da história de Espanha, que abriu as portas da Península aos muçulmanos. O personagem sonha com uma nova invasão da Espanha cujos efeitos durariam, igualmente, oito séculos; isto é, a destruição de todos os mitos e de todos os símbolos sobre os quais se fundou a personalidade espanhola a partir da época dos reis católicos: a destruição da paisagem de Castela, exaltada por Azorin, Unamuno e os epígonos da geração de 1898; do mito do cavaleiro cristão; do mito da virgindade (não esqueçamos que foi a Espanha que impôs a Roma o dogma da Imaculada Conceição). Finalmente, numa última parte, o novo conde Julian retira da língua espanhola todas as palavras de origem árabe — a começar pelo famoso «olé!» — e acaba por arruiná-la completamente.

C. COUFFON: A reivindicação do erotismo parece ser

um dos elementos essenciais do livro. Que pensa disto?

GOYTISOLO: Tal como excelentemente o demonstrou Américo Castro, a moderna personalidade espanhola é a resultante da cruzamento de três influências opostas e da coexistência, durante oito séculos, das castas he-

braicas, muçulmas e cristãs. Quando, no século XV, es-



SALVAT:
«Para fazer qualquer coisa, é preciso conseguir um grande êxito»

AO FIM DA TARDE, quando uma ligeira brisa começa a moderar o calor sufocante de Barcelona, as Ramblas enchem-se de uma multidão variada que, desde a Plaza de Catalunya até à Plaza Puerta de la Paz, se passeia por entre os vendedores de flores, de pássaros, de livros e jornais ou se senta nas vastas esplanadas que ocupam o passeio central. Esta cerimónia tão característica de toda a Espanha, este passeio colectivo onde se adoçam as fadigas do dia e se prepara o estômago para um jantar que virá muito mais tarde, encontra aqui na capital da Catalunha um dos seus mais perfeitos altares. Aliás, desde as ruas apertadas do Bairro Gótico, à volta da velha e imponente Catedral, até às grandes artérias que entre a Diagonal e a Av. Jose Antonio definem a mais cosmopolita zona da cidade, Barcelona inteira reelabora as constantes de Espanha, valorizando-as com o contributo da alma e da cultura catalãs.

Mas nem toda a gente se pode dar ao luxo de passear. À mesma hora em que as ruas se agitam e os bares iniciam o seu grande movimento, começam os ensaios da principal companhia de teatro de Barcelona e uma das mais importantes de toda a Espanha: «Adria Gual». E quem diz

«Adria Gual» diz imediatamente Ricard Salvat.

Tínhamos estado juntos no dia anterior em Sitges, alguns quilómetros a sul de Barcelona. Pequena cidade cheia de encanto, de ruas tortuosas e estreitas, Sitges — que é hoje uma praia mundana a respirar por todos os poros a presença, afinal tão próxima, da outra Europa que fica para lá dos Pireneus — foi um dos berços do modernismo espanhol. Ali viveu Santiago Russeñol e pela sua casa passaram alguns dos vultos mais marcantes da época. Toda essa glória passada ecoa agora entre os muros envelhecidos do «Cao Ferrat» — museu que alberga dentro de si verdadeiras preciosidades da criação artística moderna.

Almoçámos num «self-service» mais ou menos elegante em plena «rua do pecado» — assim lhe chamou ele, rindo, a essa rua repleta de cafés e povoada de uma juventude heterogênea onde se vislumbravam os ecos de Carnaby Street e similares... No meio da conversa, que se espalhou pelos campos mais diversos, perguntei-lhe:

— Ricardo, que impressão te ficou da tua estadia em Portugal?

espanha: charla e cl

O rosto entristeceu-se-lhe ligeiramente.
— Uma impressão um bocado estranha. Tu sabes, o mais «chato» que pode acontecer a um encenador é que o seu espectáculo não chegue a ser visto pelo público... Mas isso também aconteceu cá depois. Começo a habituar-me.

Desviou o olhar, como se procurasse afastar de si uma lembrança amarga, e acrescentou:

— Tirando isso, gostei muito de ter es-

(Agora, duas semanas depois, enquanto ordeno as notas apressadas, já não recordo bem se houve no seu rosto uma ruga de esperança. Mas tenho a impressão que sim...)

Parece-me desnecessário dizer quem é Ricard Salvat. Crítico e historiador de teatro, autor dramático e romancista, pro-

conversando com

RICARD SALVAT

por Manuel Alberto Valente

tado em Coimbra. E deixei bons amigos em Portugal.

Mais tarde, sua mulher, Nuria, confirmaria estas palavras ao recordar com entusiasmo os tempos que tinham passado no C. I. T. A. C. Deixo correr alguns segundos, entretido a vigiar os nossos companheiros de refeição, e disparo a pergunta que mais me interessava fazer:

— E voltar?

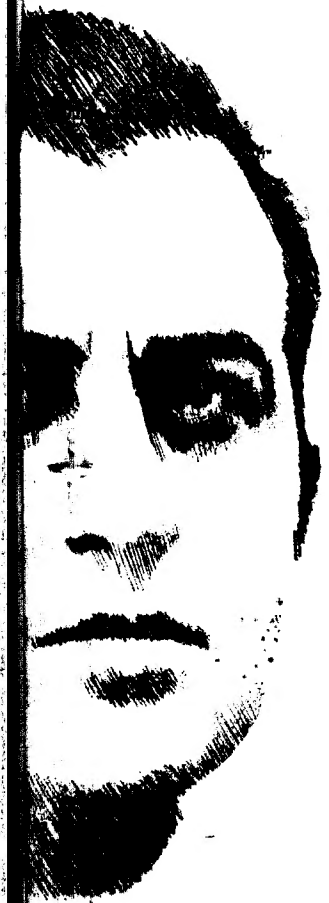
Responde-me cuidadosamente, medindo bem as palavras:

— Se me fizesses uma proposta interessante e me dessem a garantia de que não voltava a acontecer o mesmo... Já te disse que gosto muito de Portugal!

fessor universitário contratado, em todos os campos tem ele servido, com a sua honestidade, a sua coragem e o seu talento. Mas acima de tudo o seu nome ficará ligado, como encenador, à mais recente arrancada do teatro independente de Barcelona. A companhia «Adria Gual», que dirige, tem revelado ao público nomes como Espriu e tem feito reviver sobre as tábuas do palco, apesar de todas as dificuldades, a língua catalã. De Salvat disse um crítico que era o único encenador-criador de Espanha. Não nos cumpra a nós pronunciarmos sobre a verdade de tal afirmação; mas o prestígio de que goza, não só dentro das suas fronteiras

como tantos países, atesta-se: impõe-se a atenção e o compromisso. Ricard Salvat fez dois livros de teatro. O primeiro de te- número de de poemas sua peça «conferência péito do para lá dos com encer e, de um das pela vi traram o s expectativa tanto, prepa sa e parti escritor gal «Se me i santo e me voltava a mas ainda para bem gueses?

«Se é p u «as Ran não come incompleta) o título do António, se Gual». Em convidaram- pa de um talot (a s notíssima todo algum néida pelc Inglês anru dade de cc Salvat dirig eles Maxim nito fixad u seu temp e o teatro e incansáv tadia que



GOYTISOLO:

«Don Julian... uma agressão alienada, onírica, esquizofrénica...»

tolerância, a obsessão do inimigo interior, o reinado da Inquisição. Junto dos «cristãos velhos», o medo de serem tornados por hebreus acarretou o abandono das actividades intelectuais e comerciais, precipitou a ruína do país. Razões semelhantes explicam a repressão da sensualidade que os muçulmanos encarnavam. É exactamente no momento da sua derrota definitiva que o rico erotismo da Idade Média deserta por completo da literatura espanhola. O ódio ao sexo, da maior parte dos nossos escritores, de Quevedo a Unamuno, tem qualquer coisa de patológico. A maior «tragédia» histórica da Península — a invasão muçulmana e a «destruição da Espanha sagrada» que se seguiu — foi atribuída pelos nossos cronistas e poetas a um delito sexual: o amor ilegítimo do rei Roderick pela filha do conde Julian. Dezenas de poemas cantam a penitência imposta ao rei: ser devorado por uma serpente «no sítio pelo qual ele mais havia pecado». Semelhantes lendas, e

o facto de elas terem sido geralmente aceites, dispensam-nos, quanto a mim, de toda a psicanálise.

C. COUFFON: *Considera o fenómeno repressivo como um exclusivo da sociedade espanhola?*

GOYTISOLO: Em Espanha, a repressão do sexo não se fez em benefício de outros factores, por exemplo, da antinomia libido-productividade, como foi o caso para o puritanismo inglês na época da revolução industrial. Junto de nós, a repressão executou-se no meio de um vazio angustiante, porque os «cristãos velhos» também desprezavam o trabalho. A Espanha é o exemplo vivo do facto de que reprimir a inteligência equivale a reprimir o sexo e que reprimir este resulta em reprimir a inteligência. Eis porque, em *Don Julian* o sexo desempenha um papel tão importante. O narrador tenta desesperadamente erotizar a Espanha.

C. COUFFON: *Qual é a for-*

ça actual dos mitos históricos que você denuncia?

GOYTISOLO: Apesar da profunda transformação das nossas estruturas socioeconómicas, os velhos mitos continuam a impôr-se e a agir. Hoje em dia, o primeiro dever do escritor espanhol é de ser mitoclasta. Depois do século XVIII, a inteligência liberal espanhola ergueu-se contra o mito «cristão velho» que foi a causa da grandeza e, depois, da ruína do país; mas ela fê-lo constantemente em nome da razão, negligenciando os fantasmas da nossa personalidade, os pesadelos, os demónios, os sonhos. Desta maneira, os escritores que se lançam contra o mito são desprovidos da força de atracção exercida pelo mito. A história da corrente artística liberal reduz-se assim, no nosso caso, a uma triste sucessão de derrotas lúcidas. Apenas em Goya se encontra a aliança admirável, total, da imaginação e da razão, sob a enganadora aparência do delírio. Na sua obra, como nas de Buñuel ou nos «esperpentos» de Valle Inclán, estamos em presença de um universo criador duma verdade e duma intensidade superiores àquelas do mito que combatem. Guardadas todas as proporções, *Don Julian* insere-se deliberadamente nesta via. O livro não é uma crítica moral nem um romance de tese, mas uma agressão alienada, onírica, esquizofrénica.

O narrador, sem terra, sem povo, dispõe apenas de documentos escritos desde que o castelhano existe como língua. Eis por que as citações de diversos autores espanhóis intercaladas na narração desempenham o mesmo papel que as descrições de paisagens e pessoas nos romances vulgares.

A INFLUENCIA DE BENVENISTE E DOS FORMALISTAS RUSSOS

C. COUFFON: *O leitor não prevenido ficará surpreendido por encontrar no fim do livro uma longa lista de autores espanhóis a quem você agradece a «colaboração» póstuma e involuntária... Que papel atribui às citações interpostas no texto?*

GOYTISOLO: «Don Julian» é um texto que se alimenta da matéria viva de outros textos. Deste ponto de vista, continua a tradição de Cervantes. Pelo contrário, depois do século XIX, para a quase totalidade dos romancistas e dos críticos, o mais importante num romance é a sua relação com a realidade exterior que ele pretende representar. E no entanto, a relação de um romance com o «corpus» geral das obras anteriormente publicadas é sempre mais intensa que aquela que o liga à «realidade». Este carácter intertextual é fundamental para a compreensão de «Don Julian». A origem dos materiais literários que emprego im-

Cont. na pág. 7

PRONTUÁRIO DAS LETRAS



Uma revista de vedetas

Reunidas em Saignon algumas das grandes vedetas da literatura sul-americana — Cortazar, Mario Vargas Llosa, Gabriel Garcia Marquez — e escritores espanhóis, entre os quais, Juan Goytisolo e Jorge Semprun, ficou decidida a criação de uma revista que sairá em Paris trimestralmente, a partir do início do próximo ano. Do conselho de redacção fazem parte Octavio Paz, o cubano Severo Sarduy, Jorge Semprun, Júlio Cortazar, Mario Vargas Llosa e Plinio Mendonza, que secretaria a redacção.

A revista tem o apoio da produtora italiana de filmes Albina de Bois-Rouvray, e apresentará textos de ficção, estudos críticos, documentos e outros trabalhos, quer de carácter político, quer linguístico.

Hemingway & Agatha

A Collins Publishers, a poderosa editorial britânica que adquiriu os direitos do romance póstumo de Ernest Hemingway, *The Island and the Stream*, vai publicar, ainda este mês, o 80.º romance de Agatha Christie, *Passenger to Frankfurt*. Nesta mesma data celebra-se o 80.º aniversário do nascimento da popular autora, e os diversos clubes do livro policial espalhados pelo mundo anunciam já uma série de comemorações, em que figuram uma exposição de autógrafos e várias sessões de cinema programadas com filmes extraídos das obras de Agatha Christie.

Novos «prodígios»

Os escritores-prodígio voltam à moda?

Em Milão, um jovem de treze anos, Aldo Sutto, faz o seu baptismo literário com dois livros de histórias aos quadrados, com texto e diálogos da sua autoria. Em Londres, o «record» da infância prodigiosa é agora batido com larga vantagem; Janet Aitchinson, cinco radiosa e prometedoras primaveras, acaba de assinar um contrato para a publicação de um romance — *Narrativa do Pirata* — sobre o qual se faz já uma certa onda publicitária.

A mãe da juvenil escritora declarou à imprensa que «Janet costumava fazer-me constantes perguntas sobre ortografia», mas salienta que o livro foi todo redigido por ela, e sem qualquer interferência dos pais ou dos amigos. Janet Aitchinson é, pois, a romancista mais nova do mundo.

Dumas no «Metro»

No passado dia 13 o famoso Alexandre Dumas recebeu a prova póstuma de apadrinhar uma estação do metro de Paris. Não se trata de qualquer nova paragem: mais prosaicamente o nome de Dumas substitui apenas a designação Rue de Bagnolet na linha 2 (Nation-Port Dauphine), pois é preciso evitar a confusão com a futura gare da Porte de Bagnolet, na linha 3 (Pont-de-Levallois - Porte des Lilas), cuja continuação está prevista para 1971. «Sair em Alexandre Dumas» — eis o que irá acontecer a muito boa gente.

cultura viva

como também nos meios teatrais europeus, atesta a qualidade de uma obra que se impôs por si só, rodeada de dificuldades e alheia a qualquer espécie de compromisso.

Ricard Salvat chegou a Portugal vai fazer dois anos. Durante alguns meses dirigiu o C. I. T. A. C., em Coimbra. Um curso de teatro, que entusiasmou o grande número de participantes, uma montagem de poemas de Brecht acompanhando a sua peça «A Excepção e a Regra», uma conferência realizada em Lisboa a propósito do centenário de Máximo Gorki, para lá dos contactos pessoais que travou com encenadores, actores, dramaturgos e, de um modo geral, pessoas interessadas pela vida cultural portuguesa, demonstraram o seu valor e criaram a maior expectativa pelo espectáculo que, entretanto, preparava em Coimbra: uma criação sua a partir da vida e da obra do grande escritor galego Castelao.

«Se me fizessem uma proposta interessante e me dessem a garantia de que não voltava a acontecer o mesmo...» Estaremos ainda a tempo de reparar o erro, para bem do teatro e da cultura portugueses?

«...é precisamente à mesma hora em que as Ramblas se enchem de gente e a noite começa a cair sobre a famosa (e incompleta) catedral de Gaudí que, na colina do «Coliseum», em plena Av. José Antonio, se iniciam os trabalhos da «Adria Gui». Em Sitges, no dia anterior, Salvat convidara-nos a assistir a um ensaio. Depois de um encontro falhado com Castelao (a sua recente antologia sobre a mais bela poesia espanhola tem levantado alguma celeuma...) e de uma volta rápida pelos oito pisos em que *El Corte Inglés* arruma as «benesses» da sociedade de consumo, fomos encontrar Ricard Salvat dirigindo os seus actores — entre eles Marina Noreg, bailarina russa, há muito fixada em Espanha, que hoje divide o seu tempo entre uma escola de «ballet» e o teatro, e que foi a nossa simpática e incansável anfitriã durante a curta estadia que fizemos em Barcelona.

«Mort de Dama» iniciara dias antes a sua caminhada. Entre os adereços ainda improvisados, a companhia repetia uma vez mais o árduo trabalho com que o êxito se fabrica. Esperámos por um pequeno intervalo para reatar a conversa interrompida.

— O que fizeste depois que voltaste a Barcelona?

— Depois que saí de Portugal fiz duas encenações. A primeira de colaboração com os alunos da escola, sobre a obra «Guadalupe Al Resuscitado», de Ramón Gil Novales; depois, já com a companhia, e expressamente para o 1.º Festival Internacional de San Sebastián, «Kux, My Lord», do jovem autor Josep Maria Muñoz Pujol.

Até final, uma vez mais, Salvat não pôde mostrar ao público o seu trabalho. Impedida de comparecer em San Sebastián (e essa foi uma das causas principais de tudo o que depois se passou por lá...) «Kux, My Lord» acabaria por ser convidada para Veneza.

— No mês de Abril chegou uma carta do dr. Vladimiro Dorigo, director do Festival Internacional de Veneza, que mostrava interesse em assistir a um dos nossos espectáculos para ver se o podia levar ao festival. Veio a Barcelona, representámos para ele «Kux, My Lord», gostou muito e fez o convite oficial. Mas eu pensei que a Veneza seria melhor levar um autor mais conhecido, como Salvador Espriu, e por isso faremos «Ronda de Mort a Sinera».

Cont. na pág. 6



SALDOS

NA QUADRANTE
ÚLTIMAS SEMANAS
LIVROS

INGLESES E BRASILEIROS

AV. LUÍS BIVAR, 85-C — TELEFS. 53 42 62 - 53 37 66

Externato Técnico Pitágoras

Secção Preparatória e Admissão aos Institutos
Pode inscrever-se nos cursos diurnos ou nocturnos
Rua do Conde Redondo, 56-1.º E. — Telef. 53 63 80

Conversando com Ricard Salvat

Cont. da pág. 5

que será apresentada no Palácio Grassi nos dias 4 e 5 deste próximo Outubro.

Estávamos num pequeno pátio, sorvendo o ar fresco da noite e lá em baixo ouvia-se intenso o movimento da cidade.

— E agora «Mort de Dama», não é? Quais são os teus projectos para depois?

— É, agora estou a encenar «Mort de Dama», de um autor de Maiorca, um dos mais importantes romancistas da Catalunha: Llorenç Vilallonga. Depois faremos uma temporada no Teatro Romea, onde trabalho normalmente: um mínimo de três meses, com «Mort de Dama», «Um Homem é um Homem», de Brecht, «As Troianas», de Sartre-Eurípides, e, talvez, «Insults al Public», de Peter Handke.

Sabes, «As Troianas» terão provavelmente a participação de Germaine Montero e do actor português Rogério Paulo...

Eu sabia que a grande intérprete de Lorca estivera dias antes em Barcelona,

mas desconhecia o motivo da sua visita. Este regresso, após tão longa ausência, é mais uma prova do renome da «Adria Gual» no estrangeiro. Para Rogério Paulo, o mais internacional dos actores portugueses, surge assim uma bellissima oportunidade de trabalho. Vou perguntar por menores, mas Salvat interrompe-me:

— Uma outra hipótese que está em estudo é a de, em Janeiro, fazer a estreia em Espanha da peça «El Tuerto es Rey», do grande romancista mexicano Carlos Fuentes. Foi estreada há tempos em Avignon, com Maria Casares e Samy Frey. Eu vou fazê-la com a mulher de Carlos Fuentes, Rita Macedo (que trabalhou com Buñuel), e com Manuel Trilla, um actor catalão. Eles estão agora em Nova York, mas já cá estiveram a combinar tudo e voltarão em breve para trabalharmos.

Dentro, os actores preparavam-se para retomar o ensaio.

— Ricardo, há alguma obra portuguesa que gostasses de encenar?

— Gostava muito de encenar Sítio Mon-teiro, principalmente o «Felizmente Há Luar». Mas também gosto muito de «O Judeu», do Santareno.

Restavam-me alguns segundos para as muitas perguntas que gostaria de fazer. Quase à sorte, peço-lhe para que, sucintamente, defina a actual situação do teatro da Catalunha. Responde-me enquanto voltamos à sala.

— A situação é bastante crítica, sabes, porque não há subvenções. Eu, por exemplo, nunca as tive. Então, para fazer qualquer coisa, é preciso conseguir um grande êxito. O que nem sempre é fácil...

— Mesmo assim aparecem autores novos, não é verdade?

— Sim, têm aparecido bastantes; e de boa qualidade.

O que é uma esperança, concluiu. A mesma esperança que inunda as paredes desta ópula onde «Mort de Dama» reinicia o seu caminho sob a direcção firme de Ricard Salvat. «Se me fizessem uma proposta



interessante...» Desço no elevador e estou de novo no bulício da rua. Agora é preciso descansar. Amanhã de manhã partiremos para Madrid, onde nos espera Alfonso Sastre.

Setembro de 1970.

MANUEL ALBERTO VALENTE

N. R. — A 10 de Abril de 1969 já havíamos publicado uma entrevista com Ricard Salvat, conduzida por Carlos Porto. Para ela chamamos a atenção do leitor porventura interessado.

CAIXA DE PREVIDÊNCIA E ABONO DE FAMÍLIA DA INDÚSTRIA DO DISTRITO DE LISBOA

ALAMEDA D. AFONSO HENRIQUES, 45 — LISBOA

AVISO

EXTENSÃO DO REGIME ESPECIAL DE ABONO DE FAMÍLIA A TODOS OS TRABALHADORES RURAIS DO DISTRITO DE LISBOA

Por despacho de Sua Excelência o Secretário de Estado do Trabalho e Previdência de 8 de Agosto de 1970, publicado no «Diário do Governo», II Série, n.º 197, de 26 do mesmo mês, foi tornado extensivo, a partir de 1 de Setembro de 1970, a todos os trabalhadores por conta de outrem na agricultura, silvicultura e pecuária que prestem serviço em áreas não abrangidas por Casas do Povo, no distrito de Lisboa, desde que, naquela qualidade, não devam ser inscritos como beneficiários das caixas sindicais de previdência, o regime especial de abono de família previsto na Secção III, do Capítulo II, da Lei n.º 2144, de 20 de Maio de 1969.

A partir de Outubro de 1970, as entidades patronais contribuintes que tennam ao seu serviço trabalhadores nas circunstâncias acima mencionadas devem entregar as respectivas contribuições, de 1 a 10 de cada mês, nos «Postos de Informação e Expediente» a seguir indicados, juntamente com folhas de trabalho, das quais constem os nomes dos trabalhadores ao seu serviço e os dias de trabalho prestado por estes com referência ao mês anterior. Relativamente aos trabalhadores eventuais, o montante das contribuições é de Esc.: 3\$50 para o pessoal masculino e de Esc.: 2\$00 para o pessoal feminino, por cada dia de trabalho declarado nas folhas.

As contribuições patronais relativas aos trabalhadores permanentes são de Esc.: 87\$50 e Esc.: 50\$00, respectivamente, para o pessoal masculino e feminino.

No serviço informativo da sede desta Caixa, ou pelos telefones 5 06 21 e 53 75 70 ou ainda, nos Postos de Informação e Expediente a seguir indicados, serão prontamente prestadas quaisquer informações que forem solicitadas.

POSTOS DE INFORMAÇÃO E EXPEDIENTE

Zona A — Sintra

Posto	Freguesias Abrangidas	Localização
A-1 — Alcáideche	Alcáideche, Cascais e Estoril	L. 5 de Out. — Alcáideche
A-2 — S. D. Rana	Caravelos, Oeiras, Paredes e S. Domingos de Rana	L. da Igreja — S. Domingos de Rana
A-3 — Barcarena	Barcarena e Paço de Arcos	L. dos Bombeiros — Barcarena
A-4 — Carnaxide	Carnaxide	Junto à Igreja — Carnaxide
A-5 — Queluz	Aguaiava, Amadora, Belas e Queluz	Av. Com. Paiva Couceiro — Queluz
A-6 — Pero Pinheiro	Montelavar	Junto à Escola — P. Pinheiro
A-7 — R. de Mouro	Algueirão e Rio de Mouro	Pas. de nível — R. de Mouro
A-8 — S. J. Lampas	S. J. das Lampas e Terrugem	C. da Feira — S. J. Lampas
A-9 — Sintra	S. Maria, S. Martinho e S. Pedro	Grémio da Lavoura de Sintra
A-10 — Colares	Colares	Junto ao Grémio da Lavoura — Colares

Zona B — Loures

Posto	Freguesias Abrangidas	Localização
B-1 — Apelação	Apelação, Camarate e Unhos	Apelação — L. Dr. Osório Vaz
B-2 — Loures	Fanhões, Frielas, Loures e Louisa	Grém. da Lavoura de Loures
B-3 — Odivelas	Canas, Odivelas e Póvoa de S. Adrião	R. Guilherme Gomes Fernandes — Odivelas
B-4 — S. I. Azóia	Moscavide, Sacavém, S. Iria de Azoia e S. J. da Talha	Praceta Com. Sacadura Cabral — S. Iria
B-5 — S. A. Tojal	S. Antão do Tojal e S. Julião do Tojal	Frete à Junta de Freguesia — S. Antão do Tojal
B-6 — Igreja Nova	Chelheiros e Igreja Nova	Junto à Igreja — Igreja Nova
B-7 — Encarnação	Encarnação e Sobral da Abelheira	Est. Nacional — Encarnação
B-8 — Enx. Bispo	Enxara do Bispo	Enxara do Bispo — Calçada da Igreja
B-9 — Ericeira	Carvoeira, Ericeira e S. Isidoro	L. dos Condes da Ericeira — Ericeira
B-10 — Gradil	Gradil e V. Franca do Rosário	Estrada de Mafrã — Gradil
B-11 — Malveira	Malveira	Escadinhas do Campo da Feira — Malveira
B-12 — St.º Estêvão das Galés	S. Estêvão das Galés	L. S. António — Rogel

Zona C — Torres Vedras

Posto	Freguesias Abrangidas	Localização
C-1 — Lourinhã	Lourinhã, S. Bárbara e Miragaia	Grémio da Lavoura da Lourinhã
C-2 — Vimeiro	Vimeiro	Junto à Igreja — Vimeiro
C-3 — M. Ferreiros	Molta dos Ferreiros	L. Igreja — M. Ferreiros
C-4 — Reg. Grande	Molodo, Reguengo Grande e S. Bartolomeu dos Galegos	Reguengo Grande
C-5 — Campelos	Campelos	Junto à Igreja — Campelos
C-6 — Dois Portos	Carmões e Dois Portos	L. da Igreja — Dois Portos
C-7 — Freiria	Freiria	Est. Nacional — Freiria
C-8 — Maxial	Maxial e Monte Redondo	Largo da Igreja — Maxial
C-9 — P. do Rol	Ponte do Rol, S. Pedro da Cadeira e Silveira	L. da Igreja — Ponte do Rol
C-10 — Torres Vedras	S. Maria do Castelo e S. Pedro	Grémio da Lavoura de Torres Vedras
C-11 — Ventosa (S. Mamede)	Ventosa	Junto ao Salão Paroquial — Ventosa

Zona D — Alenquer

Posto	Freguesias Abrangidas	Localização
D-1 — Abrigada	Abrigada, Cabanas de Torres e Ota	Junto ao Posto da G. N. R. — Abrigada
D-2 — Merceana	Aldeia Galega da Merceana	Jardim Público — Merceana
D-3 — Olhalvo	Meca e Olhalvo	L. da Igreja — Olhalvo
D-4 — Carnota	Cadafais e Carnota	Est. Nacional — Junto à Igreja — Carnota
D-5 — Alenquer	Santo Estêvão e Triana	R. Triana, 32 — Alenquer
D-6 — Atalaia	Ventosa (S. Maria) e Vila Verde dos Francos	Cruzamentos das estradas — Atalaia
D-7 — Cadaval	Cadaval, Peral e Vermelha	Grémio da Lavoura de Cadaval
D-8 — Cercal	Cercal	Junto à Igreja — Cercal
D-9 — Chão Sapo	Lamas	Est. Nacional — Chão Sapo
D-10 — Pailhoça	Algueir, Figueiros, Painho	Est. Nacional — Pailhoça
D-11 — Vilar	Pero Moniz e Vilar	Junto à Igreja — Vilar

Zona E — Vila Franca de Xira

Posto	Freguesias Abrangidas	Localização
E-1 — Ar. dos Vinhos	Arranhó, Arruda dos Vinhos, Cardosas e Santiago dos Velhos	Frete à Camara Municipal de Arruda dos Vinhos
E-2 — Alcoentre	Alcoentre	Alcoentre
E-3 — Aveiras de Cima	Aveiras de Cima e Vale do Paraíso	L. dos Combatentes — Aveiras de Cima
E-4 — Azambuja	Azambuja e Vila Nova da Rainha	Grémio da Lavoura de Azambuja
E-5 — Manique do Intendente	Manique do Intendente	L. do Convento — Manique do Intendente
E-6 — Vila Nova de S. Pedro	Vila Nova de S. Pedro	Junto à Igreja — Vila Nova de S. Pedro
E-7 — Sobral de M. Agraço	Santo Quintino, Sapataria e Sobral de Monte Agraço	Praça Eng.º José Frederico Ulrich — S. M. Agraço
E-8 — Calhandriz	Alhandra, Calhandriz e Póvoa de St.º Iria	Alto de Calhandriz — Ao Lado da Junta
E-9 — S. J. dos Montes	S. João dos Montes	A-dos-Loucos
E-10 — Castanheira R. batejo	C. do Ribatejo e Cachoeiras	L. José Maria Silva Guedes J. — Castanheira

Lisboa, Setembro de 1970.

A COMISSÃO ORGANIZADORA

DON JULIAN

Cont. da pág. 5.

porta bem menos que a sua função. Por vezes, as citações servem para estabelecer um diálogo com outros textos, constituem uma espécie de homenagem a autores como Fernando de Rojas, Cervantes, Luis de Leon, Góngora, etc.... Outras vezes, trata-se duma paródia, por exemplo no caso da paisagem de Castelo descrita pela geração de 1898. Ao escrever «Don Julian» quis realizar uma obra que fosse simultaneamente criação e crítica, literatura e discurso sobre a literatura.

C. COUFFON: A leitura do livro dá a impressão de que o seu propósito não foi unicamente o de reivindicar a figura de Don Julian, mas também o da autonomia do discurso literário.

GOYTISOLO: Como você disse, efectivamente «Don Julian» acentua o romance como uma criação puramente verbal. O livro é escrita, não cópia. «Don Julian» escolhe sempre o discurso contra o «referen-

te»; ou, para retomar uma brilhante fórmula de Barthes, pretende transformar «as impossibilidades do referente em possibilidades de discurso». Os personagens surgem, desaparecem, metamorfoseiam-se segundo as necessidades retóricas da narração. São personagens sem consistência psicológica, personagens protótipos: Tonelete torna-se sucessivamente El Ubicuo, Figuron, Seneca, o cavaleiro cristão, Moscardó, Unamuno, etc. Quanto ao narrador, não passa de uma Voz, e nada mais que isso, que impõe a sua audição ao leitor; por consequência, é um personagem linguístico.

C. COUFFON: Que relação existe entre o seu livro e as correntes actuais da «nova crítica» francesa?

GOYTISOLO: Há com efeito uma coincidência visível entre as minhas intenções artísticas e os problemas postos actualmente pela «nova crítica». Como a maior parte dos seus representantes, sofri, no decurso dos últimos anos, a dupla

influência da leitura de Benveniste e da descoberta dos formalistas russos: os ensaios de Chlovsky, em particular, parecem-me notáveis, e cheguei mesmo a traduzir para espanhol aquele consagrado a «Tristan Shandy» (e que é desconhecido do público francês). Segui igualmente com muita atenção os trabalhos críticos de autores como Todorov, Barthes, Genette, e revistas como «Communications» e «Tel Quel». Não há dúvida que tais leituras exerceram e continuam a exercer uma acção sobre a minha obra de romancista, tal como já se podia notar em «Pièces d'identité». Noutros casos, trata-se mais de uma simples coincidência: quando apareceram o ensaio de Todorov *O que é o estruturalismo?*, onde ele fala do «discurso conotativo», e os textos de Sollers e de J. Kristeva sobre a noção de «intertextualidade», já tinha escrito o meu livro todo, no qual, como lhe disse, o diálogo intertextual conotativo desempenha um papel de primeiro plano.

Objeções ao Concurso Mobil

Cont. da pág. 2

b) enquanto se encontram na posse os organizadores da exposição ou seus mandatários a responsabilidade e os encargos incumbem aos organizadores desta exposição;

c) compete aos organizadores velar pela competência das equipas encarregadas de todos os trabalhos de montagem, responsabilizando-se, perante os autores, pelas condições em que esta seja feita;

d) encerrada a exposição, devem os organizadores velar, durante um prazo razoável, pela boa conservação dos trabalhos — é o mínimo que se deve exigir uma vez que, parecem-nos (mas, se calhar estamos enganados), esta exposição será útil e proveitosa, não só para os artistas expostos, porque expostos, mas, também, para a entidade organizadora — neste caso a Mobil Oil Portuguesa — pela publicidade e projecção que virá a conseguir como, certamente, pretende;

e) com o mesmo cuidado e igual sentido da responsabilidade deverão ser encaradas e conservadas todas aquelas obras que, por qualquer motivo, não venham a ser expostas;

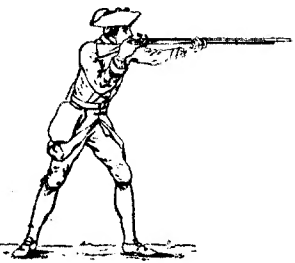
f) em último lugar, mas, nem por tal facto, deixando de ser de primordial importância, parece-nos (mas, se calhar, mais uma vez, estamos enganados) que uma exposição deve ser sempre encarada pela entidade organizadora como uma colaboração, em que os interesses dos artistas devem ser tomados em consideração, nunca ignorados. A ideia, errónea, que uma exposição constitui uma oportunidade concedida aos artistas, faz com que se esqueça que é com o trabalho dos artistas que se pode tornar possível, a qualquer entidade, a tentativa de organização de uma exposição. Parece-nos esta afirmação perfeitamente evidente; no entanto, por frequentemente esquecida, permitimo-nos reterá-la aqui, não só para governo da Mobil Oil Por-

tuguesa, como de quaisquer outras entidades, futuramente, em idênticas circunstâncias.

Tomamos a liberdade de enviar cópias desta carta não só a todos os membros do júri proposto, como a outras entidades — galerias, publicações, etc. — que por este problema possam interessar-se.

Subscrevem esta carta os seguintes artistas (todos com participação, recente, em exposições individuais e colectivas).

Alberto Carneiro, Armando Alves, Angelo de Sousa, João Machado, José Bizarro, Henrique Pichel, Zulmiro de Carvalho, Jorge Pinheiro, Joaquim Vieira, Domingos Pinho, António Cardoso, Avelino Rocha, Manuel de Francesco, Mário Silva, José Rodrigues, Rosa Ramos, Abílio, Lima Carvalho, Diogo Alcoforado e João Dixo.



COMENTÁRIO:

As observações contidas nesta carta parecem-nos, nas suas linhas gerais, pertinentes e susceptíveis de uma justa apreciação por parte da Empresa focada. Dado o interesse de ordem publicitária e cultural que essa Empresa dedica a uma iniciativa desta envergadura, é perfeitamente previsível que sejam ponderadas, entretanto, algumas rectificações de excepção ao Regulamento publicado, rectificações essas que podem ser imediatamente divulgadas a toda a Imprensa do País e aos artistas entretanto contactados. Trata-se, de resto, de uma boa oportunidade

para pôr à prova a diligência dos Serviços da Mobil Oil, que têm centralizado o encargo, moroso e complicado, de uma exposição desta natureza. Chamamos, no entanto, a atenção dos artistas que subscrevem a carta acima transcrita para dois pontos que nos parecem importantes:

1) Transcrição do parágrafo único do capítulo II do Regulamento: «Durante a exposição que a Mobil organizar, serão por esta Empresa suportados os encargos com o seguro das obras, devendo, por isso, os artistas, no acto da inscrição, declarar o valor das mesmas, para efeito de seguro».

2) Em geral, o zelo que os artistas exigem às entidades organizadoras de exposições em relação às obras concorrentes não tem correspondência respectiva na identidade por parte desses mesmos artistas: basta percorrer as caves da S. N. B. A. para verificar como as obras são muitas vezes abandonadas, com prazos longos ou curtos, com ou sem pagamento de multas, pelos seus autores.

Efectivamente, e ao contrário do que parece, a Mobil deve ter-se baseado na experiência alheia (GM, Guérin, B. P. A., S. N. B. A.) ao traçar um Regulamento que comporta as suas durezas, até aqui nunca denunciadas por concorrentes exteriores a Lisboa nos casos referidos. Seja como for, as observações desta carta merecem, sem dúvida, uma atenção detalhada por parte da Mobil e pensamos que esta Empresa terá ainda tempo de abrir novas alíneas (salvadoras) ao actual Regulamento. O criador desse Regulamento poderá, de comum acordo com a Empresa e o Júri, atenuar os pontos negativos agora apontados e aceitar o bom sentido da experiência já em curso.



Happening numa piscina

Dois acontecidos Happenings

Cont. da pág. 8

de vida colectiva ou em circunstâncias especiais, preparadas e que o colocam em situação de ter de agir, participar, representar e representar-se.

Como acto ou sucessão de actos o happening tem pois claramente como objectivo a desobstrução das vias de comunicação entre indivíduos e, simultaneamente, o suprir dos defeitos de uma educação convencional, em que os indivíduos são ao mesmo tempo esmagados e mantidos em estado de incomunicação nos seus casacos, tal como os «ovos num tabuleiro compartimentado» (vide: Al Hansen — *A primer of Happenings and Time/Space Art*).

O happening é, pois, uma forma activa de contestação das forças que contrariam e evitam que os homens e as mulheres usufruam plenamente da vida que têm e que é só de cada um. Usufruir, isto é, participar, comunicar, desenvolver-se, conhecer-se, conhecer os outros.

Este programa parece-nos, a nós portugueses, como simplista de tão genérico que é, em relação à gravidade dos problemas que pretende resolver ou só equacionar. É que nós estamos de tal modo metidos e mantidos nos nossos compartimentos estanques do «nosso tabuleiro de ovos» que uma sucessão de actos insólitos ou meramente só simples, feita colectivamente e segundo um mais ou menos vago programa, nos parece antes de mais ridículo e inútil. Comunicação, nessa série de disparates? Não!

Arte? Nuncal! Educação? Que ideia!

A arte, e a educação, a comunicação são coisas muito sérias, que só seriamente (sem rir?) se podem realizar.

Tal foi o tom da crítica e da polémica que em 1965, nos jornais de Lisboa, se seguiu à realização do «Concerto e Audição Pictórica». E creio que ainda haverá pessoas ressentidas com o esbanjamento de «talento» que nessa noite realizou Jorge Peixinho, ao tocar violino com uma arma de fogo, ao beber champagne por um bidé, etc., ou então por Salette Tavares, a

cantar esganada uma ária á cri-cri-critica, ou por António Aragão dentro de um caixão, ou até pelo Melo e Castro a tocar música em instrumentos (chocalhos) silenciosos e agredir as pessoas com focos de 1000 Watts.

Foi, de facto, uma pena! Mas não é bem essa pena que os críticos (principalmente musicais) apontaram, a que eu me desejo referir. Nesse happening a margem de improvisação foi enorme e por isso o ritmo diluiu-se um pouco e o envolvimento do público manifestou-se apenas pela excitação e indignação, em palavras azedas e discussões em termos pouco comuns (ai, como nós gostamos de nos indignarmos e depois não fazer nada...)

Já na Conferência Objecto de 1967 a margem de improvisação era praticamente nula. Tudo decorria durante uma suposta conferência erudita de Ana Hatherly, que era interrompida por intervenções várias envolvendo por 6 lados o público,

levando-o assim a sentir-se integrado... por não poder fugir. O que se obteve foi um elevado grau de irritação e mal-estar geral, provocado tanto pelo sentido da conferência e das intervenções, como e muito mais pelo estado de reclusão e limitação espacial em que todos nos encontramos. Para quem estivesse atento houve neste happening um claro intuito educativo e o todo, o «objecto», foi uma metáfora ou talvez um espelho, em que todo nos encontramos reflectidos.

O estado de incomunicação exacerbadamente quase paroxístico em que estas duas experiências lançaram os participantes activos e passivos mostrou claramente que o happening é uma arte de comunicação, mas que a comunicação para se realizar necessita de vias desimpedidas e limpas. Se não só a distorção e o equívoco restam. E o estabelecimento dessas vias é um acontecimento moroso e doloroso.

E. M. de Melo Castro

INSTITUTO DE LÍNGUAS DE ALGÉS

Rua dos Bombeiros Voluntários, 29, 2.º — ALGÉS
Telefone 21 49 10

INGLÊS — FRANCÊS — ALEMÃO
PORTUGUÊS PARA ESTRANGEIROS

Das 10 às 12 horas e das 17 às 22 horas excepto sábado

MINISTÉRIO DO EXÉRCITO DIRECÇÃO DO SERVIÇO DE MATERIAL COMISSÃO DO PLANO DE AQUISIÇÕES DO EXÉRCITO

Concurso Público n.º 21/PAE70

AVISO

Torna-se Público que o Caderno de Encargos respeitante ao Concurso Público em Epigrafe sofreu um aditamento, o qual será fornecido pela Secretaria/COMPAE — durante as horas normais de expediente — às Firms já habilitadas com o referido «CADERNO».

LISBOA, 28 de Setembro de 1970.

O Presidente da COMPAE70/DSM, Int.º

José Manuel Tojeiro Quintão
Coronel Eng.º do S.M.



Cont. na pág 7